



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Francisco Syl Farney da Silva

**ANÁLISE BIOECOLÓGICA DE FAMÍLIAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL
DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

SEROPÉDICA, RJ

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Francisco Syl Farney da Silva

**ANÁLISE BIOECOLÓGICA DE FAMÍLIAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL
DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro com requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sob a orientação da Profª. Drª. Ana Cláudia de Azevedo Peixoto.

Seropédica, RJ

2022

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S581a Silva, Francisco Syl Farney da, 1966-
Análise bioecológica de famílias em vulnerabilidade
social durante a pandemia de Covid-19 / Francisco Syl
Farney da Silva. - Seropédica, RJ, 2022.
129 f.: il.

Orientadora: Ana Cláudia de Azevedo Peixoto.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, 2022.

1. Vulnerabilidade social. 2. Famílias. 3. Inserção
ecológica. 4. Pandemia. 5. Covid-19. I. Peixoto, Ana
Cláudia de Azevedo, 1973-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós
Graduação em Psicologia III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

ANEXO À DELIBERAÇÃO Nº 001, DE 30 DE JUNHO DE 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Francisco Syl Farney da Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre(a), no Programa de Pós Graduação em Psicologia, Área de Concentração em Tratamento e prevenção psicológica. Título: ANÁLISE BIOECOLÓGICA DE FAMÍLIAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL.

DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 19/12/2022

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da dissertação.

Membros da banca:

Profa. Dra. Ana Cláudia de Azevedo Peixoto (Orientadora, Presidente da banca)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Luciene de Fátima Rocinholi

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Luis Antônio Monteiro Campos

Universidade Estadual do Rio de Janeiro



Emitido em 17/01/2023

TERMO Nº 1350/2022 - DeptPO (12.28.01.00.00.00.23)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 17/01/2023 18:40)
ANA CLAUDIA DE AZEVEDO PEIXOTO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptPO (12.28.01.00.00.00.23)
Matrícula: ####082#2

(Assinado digitalmente em 23/01/2023 22:01)
LUCIENE DE FATIMA ROCINHOLI
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptPO (12.28.01.00.00.00.23)
Matrícula: ####936#2

(Assinado digitalmente em 25/01/2023 09:35)
LUÍS ANTÔNIO MONTEIRO CAMPOS
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ####.###.197-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/documentos/> informando seu número: **1350**, ano: **2022**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **17/01/2023** e o código de verificação: **ef72d9dbb1**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus. Sou um homem de fé e creio que toda a vida e ciência emanam do Criador. Dedico também à minha amada esposa, Patricia, com quem compartilho a jornada da vida há 36 anos. Finalmente, dedico a todos os seres humanos que lutam para dirimir as injustiças sociais que afetam os que vivem vulnerabilidades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que, pela fé, tem me sustentado firme em meio aos desafios deste ciclo vital.

Agradeço à minha amada esposa Patrícia. Minha companheira nestes últimos 36 anos e que nestes dois anos de Mestrado abriu mão muitas vezes do meu tempo com ela e foi continente para contatar todo meu estresse.

Agradeço ao meu filho, Álef, que no final desta jornada está morando na Europa, mas desde o início foi um incentivador para este desafio.

Agradeço à querida Comunidade Evangélica de Mesquita que tenho a honra de pastorear há vinte anos e soube pacientemente suportar muitas vezes minha ausência devido esta nobre empreitada do Mestrado.

Agradeço à minha equipe de pesquisa, Michelle Carneiro, Vinícius Guião e Holdson Bullê. Que equipe preciosa, não tenho palavras para agradecer o empenho e mutualidade.

Agradeço à minha orientadora, Dra. Ana Claudia de Azevedo Peixoto. Ana, você me inspirou para acreditar nesta missão, quando nem eu mesmo acreditava ser possível.

Agradeço a todo o time de pesquisadores do Laboratório de Estudos sobre a Violência contra Crianças e Adolescentes (LEVICA), que acolheram de forma carinhosa este novato de meia idade entre vocês tão jovens e talentosos.

Agradeço à Diretoria da Associação Vida Plena de Mesquita (AVPM), na pessoa de seu Presidente Executivo, Fernando Pereira, que abriu as portas para nossa equipe. Em especial, agradeço ao Maurão, administrativo da AVPM, que sempre nos recebeu com um sorriso largo e um cafezinho delicioso durante os encontros do Grupo Focal na instituição.

Finalmente, agradeço especialmente aos participantes da pesquisa. Famílias que vivem em uma área de extrema vulnerabilidade social, mas se apresentaram generosamente para esta pesquisa, abrindo para nós suas vidas e histórias de forma tão límpida.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

*Erga a voz em favor dos que não podem defender-se,
seja defensor de todos os desamparados. Erga a voz,
defendendo os direitos dos pobres e necessitados*
(PROVÉRBIOS DE SALOMÃO, Cap. 31. 900 AC).

RESUMO

DA SILVA, Francisco Syl Farney. **ANÁLISE BIOECOLÓGICA DE FAMÍLIAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19.** 129 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Orientadora Profª. Dra. Ana Cláudia de Azevedo Peixoto. Instituto de Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2022.

A pandemia de COVID-19, pelo seu aspecto sistêmico, afetou profundamente a vida humana nas diversas culturas e sociedades. Desde a saúde pública, a política, a economia, as relações interpessoais e mesmo as relações internacionais, e diversas áreas da vida humana foram impactadas por esta pandemia. Levando esse fator em conta, este projeto visou a realização de uma análise bioecológica de famílias em vulnerabilidade social, durante a pandemia de COVID-19, na cidade de Mesquita, no Rio de Janeiro. A pesquisa foi realizada em famílias assistidas pelo projeto Recriando, que atende a crianças e adolescentes na Associação Vida Plena de Mesquita (AVPM) - atuando com famílias na região de Rocha Sobrinho, em Mesquita, considerada uma área de extrema vulnerabilidade social. Na busca de compreender as configurações familiares dessas famílias, este projeto foi ancorado nos conceitos de vulnerabilidade social, resiliência e nas políticas públicas para famílias vulneráveis. Foi utilizado a teoria sistêmica familiar, a teoria bioecológica e a teoria sobre estilos parentais para melhor entendimento desse fenômeno. Para tal foi realizada uma pesquisa qualitativa, com revisão integrativa da literatura e pesquisa de campo através do método da Inserção Ecológica. Para isso, foram analisadas quatro famílias usuárias da AVPM através de questionário de estilos parentais, entrevistas semiestruturadas e quatro encontros com grupos focais sobre questões que envolviam o tema da pesquisa. Os seguintes resultados foram obtidos: 1) Famílias passaram por esse processo com a dificuldade esperada diante de uma tragédia sistêmica como foi esta pandemia; porém, mesmo com toda a vulnerabilidade e pouca resiliência adquirida, fruto de uma infância repleta de estressores, encontram apoio na mutualidade e generosidade da comunidade e na ação proativa de instituições próximas às comunidades; 2) Há pouca informação, e a relação entre Poder Público e moradores de áreas de vulnerabilidade social ainda é muito distante e com pouca interlocução; 3) Todos os participantes apresentaram estilo parental de risco - ou ainda, estilo parental negativo, onde há prevalência de práticas parentais negativas que superam as práticas parentais positivas na educação dos filhos, por isso aconselha-se a participação em programas de intervenção terapêutica, no uso de práticas positivas de educação; 4) Os participantes mostraram não entender o conceito de vulnerabilidade e tinham dificuldade de acesso ao sistema de saúde, dificuldade de acesso à educação, passando por mazelas sociais como fome, preconceito, racismo, violência contra a mulher e violência em geral; 5) A inserção ecológica mostrou-se eficiente para esse tipo de pesquisa e indica-se pesquisas nesta mesma temática, com maior número de participantes.

Palavras-chave: Vulnerabilidade social; famílias; inserção ecológica; pandemia; COVID-19.

ABSTRACT

DA SILVA, Francisco Syl Farney. **BIOECOLOGICAL ANALYSIS OF FAMILIES IN SOCIAL VULNERABILITY DURING THE COVID-19 PANDEMIC.** 129 p Dissertation (master's in psychology). Advisor Prof. Dr. Ana Cláudia de Azevedo Peixoto. Institute of Psychology, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2022.

The COVID-19 Pandemic, due to its systemic aspect, has profoundly affected human life in different cultures and societies. From public health, politics, economics, interpersonal relations and even international relations, and various areas of human life were impacted by this Pandemic. Taking this factor into account, this project aimed to carry out a bioecological analysis of families in social vulnerability, during the COVID-19 Pandemic, in the city of Mesquita, in Rio de Janeiro state, Brazil. The research was carried out with families assisted by the project Recriando, that takes care of children and adolescents at the Associação Vida Plena de Mesquita (AVPM) - which works with families in the region of Rocha Sobrinho, in Mesquita, considered an area of extreme social vulnerability. Seeking to understand the family configurations of these families, this project was anchored in the concepts of social vulnerability, resilience, and public policies for families in vulnerability. The family systemic theory, the bioecological theory and the theory about parenting styles were used to better understand this phenomenon. For this, a qualitative research was carried out, with an integrative literature review and field research through the Ecological Insertion method. For this, four families attended by the AVP were analyzed through parenting styles questionnaire, semi-structured interviews and four meetings with Focus Groups on questions that involved the research theme. The following results were obtained: 1) Families went through this process with the expected difficulty in the face of a systemic tragedy such as this pandemic; however, even with all the vulnerability and little resilience acquired, as a result of a childhood full of stressors, they found support in the mutuality and in the community generosity, and also in the proactive action of institutions close to those communities; 2) There is little information, and the relation between the Public Power and residents of areas of social vulnerability is still very distant and with little interlocution; 3) All participants adopted a risky parenting style - or even a negative parenting style, where there is a prevalence of negative parenting practices that outweigh the positive parenting practices in the education of children, which is why participation in therapeutic intervention programs is advised, not use of positive educational practices; 4) Participants did not understand the concept of vulnerability and had difficulty accessing the health system, difficulty accessing education, going through social ills such as hunger, prejudice, racism, violence against women and violence in general; 5) The ecological insertion proved to be efficient for this type of research and researches on this same theme are indicated, with a larger number of participants.

Keywords: social vulnerability; families; ecological insertion; ecological pandemic; COVID-19.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Equipamentos na região de Rocha Sobrinho e adjacências e sua área de abrangência	p. 43
Tabela 2 -	Roteiro para o Grupo Focal sobre a pandemia de COVID-19	p. 46
Tabela 3 -	Descrição quantitativa dos resultados da busca nas bases de dados da Revisão Integrativa	p. 54
Tabela 4 -	Descrição quantitativa dos artigos selecionados a partir da leitura dos títulos da Revisão Integrativa	p. 54
Tabela 5 -	Quadro de artigos selecionados para leitura na íntegra da Revisão Integrativa	p. 55
Tabela 6 -	Tabela dos Artigos Incluídos na Revisão Integrativa	p. 57
Tabela 7 -	Interpretação dos resultados do IEP	p. 75
Tabela 8 -	Resultados do IEP dos participantes	p. 76

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - O modelo bioecológico de Urie Bronfenbrenner p. 36
- Figura 2 - Fontes dos dados sobre a Cidade de Mesquita p. 41
- Figura 3 - Mapa da localização de Mesquita – RJ p. 42
- Figura 4 - Fluxograma da Revisão Integrativa p. 56

LISTA DE ABREVIAÇÕES E SIGLAS

AVPM	Associação Vida Plena de Mesquita
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CEAM	Centro Especializado de Atendimento à Mulher
CEM	Comunidade Evangélica de Mesquita
CMAS	Conselho Municipal de Assistência Social
CMDCA	Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente
COMSEAN	Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional
COVID-19	<i>Corona Virus Disease</i> , Doença do Coronavírus
CRAS	Centro de Referência em Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado em Assistência Social
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEP	Inventário de Estilo Parental
INESC	Instituto de Estudos Socioeconômicos
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social
ONG	Organização Não Governamental
OMS	Organização Mundial da Saúde
PePSIC	Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia
PNAS	Política Nacional de Assistência Social
PPCT	Processo, Pessoa, Contexto e Tempo na Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1 INTRODUÇÃO	16
2 PROBLEMA E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	19
3 OBJETIVOS	20
3.1 OBJETIVO GERAL	20
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
4 REFERENCIAL TEÓRICO	21
4.1 SOBRE FAMÍLIA	21
4.2 A TEORIA SISTÊMICA FAMILIAR	22
4.2.1 Estilos parentais	26
4.3 VULNERABILIDADE SOCIAL	27
4.4 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA FAMÍLIAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL	30
4.5 TEORIA BIOECOLÓGICA	32
4.5.1 Os sistemas: Micro, Meso, Exo e Macrossistemas	34
5 METODOLOGIA	37
5.1 TIPOS DE PESQUISA	37
5.1.1 Revisão Integrativa da Literatura	37
5.1.2 Inserção Ecológica	38
5.2 LOCAL DA PESQUISA	41
5.3 PARTICIPANTES	44
5.4 INSTRUMENTOS	45
5.5 PROCEDIMENTOS	49
5.6 TREINAMENTO DA EQUIPE	50

5.7	QUESTÕES ÉTICAS	51
6	REVISÃO INTEGRATIVA	52
6.1	ESTRATÉGIA DE PESQUISA	52
6.2	CRITÉRIOS DE SELEÇÃO	53
6.3	ANÁLISE DOS DADOS	53
6.4	RESULTADOS	53
6.5	DISCUSSÃO	57
6.5.1	Aumento da violência doméstica durante o isolamento social da pandemia	60
6.5.2	A exclusão e desproteção social ampliados pela COVID-19	62
7	RESULTADOS E DISCUSSÃO DO TRABALHO DE CAMPO	66
7.1	CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	66
7.2	GRUPO FOCAL	68
7.2.1	Primeiro Encontro	68
7.2.2	Segundo Encontro	73
7.2.3	Terceiro Encontro	82
7.2.4	Quarto Encontro	88
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
	REFERÊNCIAS.....	97
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SÓCIOBIODEMOGRÁFICO	102
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	107
	APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO.....	110
	APÊNDICE D – TERMO DE ANUÊNCIA	112
	APÊNDICE E – ENTREVISTA SEMAS	115

APÊNDICE F – QUADRO DE CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	116
APÊNDICE G – MATERIAL UTILIZADO NO PRIMEIRO ENCONTRO DO GRUPO FOCAL: A PANDEMIA	118
APÊNDICE H – MATERIAL UTILIZADO NO SEGUNDO ENCONTRO DO GRUPO FOCAL: CONFIGURAÇÃO FAMILIAR COM ESTILOS PARENTAIS E VULNERABILIDADE	121
APÊNDICE I – MATERIAL UTILIZADO NO TERCEIRO ENCONTRO DO GRUPO FOCAL: RESILIÊNCIA	124

APRESENTAÇÃO

Desde 1991 moro na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, e por isso conheço de perto as dores causadas pela vulnerabilidade social, dores agravadas pelo despreparo e, por vezes, descaso do poder público para lidar com essa questão e, acima de tudo, com a população.

Mesquita (RJ), local de atuação desta pesquisa, faz parte da minha história de vida. Antes mesmo da Psicologia ou da pesquisa acadêmica, fui movido para a cidade em 2002, para o início de uma Igreja Evangélica neste município, a Comunidade Evangélica de Mesquita (CEM). Iniciamos em 2003 um esforço para alcançar a população em estado de vulnerabilidade, através de um Projeto chamado Centro de Cidadania, onde era oferecido Curso Preparatório para Vestibular e para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Com o passar dos anos, percebemos que precisávamos ampliar aquele trabalho. Desta percepção, surge a criação da Organização Não Governamental (ONG) Associação Vida Plena de Mesquita (AVPM), no ano de 2011, a qual tive o privilégio de ser um dos organizadores desta associação e presidente.

Em 2012, a ONG Vida Plena se fixou no bairro de Rocha Sobrinho. Uma área cercada por comunidades carentes. E, no ano de 2013, participei das primeiras conversas que seriam o gênesis para o surgimento do que mais tarde seria o Laboratório de Estudos sobre a Violência contra Crianças e Adolescentes (LEVICA) - Programa idealizado pela Dra. Ana Claudia Peixoto e conveniado entre a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e o Departamento de Psicologia com a AVPM, para sediar os atendimentos psicológicos a crianças e adolescentes vítimas de violência e acompanhamento/orientação de seus cuidadores. Nessa época, eu era estudante de Psicologia e comecei a ter contato mais de perto com a realidade de famílias em situação de vulnerabilidade social.

Através de outros diversos projetos desenvolvidos pela AVPM passei a me aproximar cada vez mais das famílias. Projetos como o RECRIANDO, que viabiliza esporte e lazer para crianças e adolescentes da comunidade no entorno da ONG, me conectaram com a realidade dessas famílias. A AVPM tem recebido apoio da CEM. Esta Igreja iniciou um projeto de aproximação com a população local, chamado “Café da Paz”. Voluntários levavam café para tomarem nas casas da comunidade no entorno da ONG, juntamente com as famílias da localidade. Fiz parte desse Projeto e essa ação também me aproximou ainda mais desse contexto vulnerável. Diante do contato com a realidade de vulnerabilidade existente em torno

da AVPM, a CEM deslocou-se do Centro da cidade de Mesquita para o bairro de Rocha Sobrinho com a intenção de dar maior suporte à ONG e à população daquela região.

Nesses oito anos diretamente envolvido com a AVPM, me aproximei de famílias que vivem em extrema vulnerabilidade social, conheci de perto suas histórias, suas dores, suas carências e suas crises. Por isso mesmo, o assunto que trato neste Projeto de pesquisa é tão caro para minha trajetória profissional e de vida. Quero compreender melhor a vivências dessa população dentro desta crise sistêmica e imponderável da pandemia de COVID-19.

Além da influência empírica que acabei de citar nos parágrafos acima, também fui atraído para esta pesquisa através da teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner e pela metodologia da Inserção Ecológica, criada para viabilizar as pesquisas que utilizam a teoria bioecológica como suporte.

Durante minha graduação fiquei muito impactado com a Teoria de Bronfenbrenner. Fiz neste período cursos na área da Terapia Familiar Sistêmica, o que acabou por ampliar minha perspectiva sobre os sistemas relacionais, inclusive os familiares, que têm muita similaridade com os microssistemas da Teoria Bioecológica.

1 INTRODUÇÃO

O mundo nos últimos dois anos enfrentou estupefato o avanço da pandemia do Coronavírus, da COVID-19 (*Corona Virus Disease*, Doença do Coronavírus), a partir do ano de 2019. Essa doença foi sistêmica, pois ela atingiu a sociedade em suas mais diversas áreas, para além da saúde: economia, políticas externas, desenvolvimento, esportes, turismo, etc.

A pandemia de COVID-19, por ser uma doença sistêmica provocou espanto em toda a comunidade científica. Afinal, um vírus tão avassalador foi capaz de deixar a classe médica e epidemiológica estupefata com uma sintomatologia tão diversa e imprevisível. Porém, esse espanto transcende o pânico na medicina, pois essa doença foi sistêmica também em seu alcance devastador em diversas áreas da vida humana, mesmo em uma civilização tão avançada como a população mundial deste século.

É fato que a pandemia afetou diversas áreas da sociedade, porém, percebe-se o quanto os danos foram ainda mais severos para famílias que sobrevivem em meio à vulnerabilidade social. Neste projeto analisaremos como famílias afetadas por essa vulnerabilidade, especificamente na cidade de Mesquita, na Baixada Fluminense, enfrentaram a realidade desta pandemia.

Os primeiros casos de infecção pelo novo coronavírus de 2019, diagnosticados como uma pneumonia grave de etiologia desconhecida, apareceram em Dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, China. Mais tarde, as amostras respiratórias dos doentes mostraram a presença do coronavírus (SARS-CoV-2), identificado como o agente causador da doença COVID-19. A sua rápida propagação a nível mundial levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar a 11 de Março de 2020, a infecção COVID-19, uma pandemia mundial.(BECHING N, FLETCHER T, ROBERT F, 2020 Apud. ESTÉVÃO, 2020, p.5).

Como afirmam Werneck e Carvalho (2020), o fato de a comunidade científica ainda ter pouquíssimo conhecimento sobre o novo Coronavírus, aliado à sua alta velocidade de transmissão e altíssima letalidade, inclusive e primordialmente em populações em vulnerabilidade social, trouxe mais apreensão sobre todos nós. Os autores quando escreveram seu artigo em 2020, já alertavam para a tragédia anunciada no Brasil, um país tão desigual e com uma imensa população em diversas áreas em contexto de vulnerabilidade social. Áreas onde populações inteiras vivem sem saneamento básico e com pouco acesso à água potável ou serviços de saúde pública.

Outro fator desencadeador de preocupação diz respeito a forma com que as pessoas vivem aglomeradas em locais reconhecidos como vulneráveis, como em diversas favelas ou comunidades carentes espalhadas praticamente em todas as regiões do Brasil. Dentre as áreas

drasticamente afetadas por essa pandemia, portanto, ressalta-se o quanto ela foi devastadora em ambientes de vulnerabilidade social, locais carentes de uma maior atenção de políticas públicas, visto que nem sempre o Estado consegue atender satisfatoriamente às populações em realidade de vulnerabilidades.

De acordo com Cançado, De Souza e Da Silva Cardoso (2014), a história brasileira é marcada pela desigualdade social, por isso mesmo, percebe-se interesse recorrente deste tema entre governantes e estudiosos. Além de perceberem a relevância do tema, reconhecem que as manifestações da vulnerabilidade social são diversas e heterogêneas. De fato, quando pensamos em vulnerabilidade social, precisamos entender que esse fenômeno tem várias faces, todas elas sombrias e desafiadoras. Urge que os governantes e estudiosos do nosso país se empenhem por encontrar caminhos que amenizam os danos dessa disparidade. A vulnerabilidade é considerada multifatorial e heterogênea em sua essência. Uma das consequências da vulnerabilidade é manter indivíduos e grupos mais passíveis e fragilizados diante de riscos, acidentes ou tragédias (BRUSKE, 2006). Esta afirmação é extremamente pertinente neste caso dos efeitos díspares da pandemia de COVID-19 às famílias em vulnerabilidade social.

A existência da correlação entre a precariedade social e econômica e os impactos gerados na saúde, mostra-se como realidade para muitas crianças e adolescentes. Diferentes domínios de vida podem ser afetados. (ANTÃO, 2020, p.13).

Pensando sobre essas questões, este trabalho pretende dar conta das seguintes questões de pesquisa: (1) Como as famílias de comunidades vulneráveis estão passando pela pandemia? (2) As famílias se sentem assistidas pelos equipamentos socioassistenciais? Quais seriam? (3) Como as famílias se organizaram para lidar com a pandemia?

O objetivo geral deste trabalho foi avaliar, através da perspectiva bioecológica, como famílias em áreas de vulnerabilidade social na cidade de Mesquita (RJ) se organizaram durante a pandemia de COVID-19.

Para isso, foi realizada uma Revisão Integrativa da Literatura, visando encontrar material relevante sobre a temática de políticas públicas e vulnerabilidade social e a relação desses dois componentes durante a pandemia de COVID-19.

Para a Fundamentação Teórica desta pesquisa foram elaborados capítulos específicos embasando este trabalho com a devida conceituação teórica. Para isto, foram estruturados os seguintes capítulos: Capítulo (1) Sobre Família; Capítulo (2) Teoria Sistêmica Familiar; Capítulo (2.1) Estilos Parentais; Capítulo (3) Vulnerabilidade Social, visando uma explicação mais ampla desse fenômeno complexo e heterogêneo; Capítulo (4) Políticas Públicas para

famílias em vulnerabilidade, buscando entender a real compreensão do envolvimento das políticas públicas em benefício das famílias em áreas de vulnerabilidade social; e Capítulo (5) Teoria Bioecológica, que será a Teoria que servirá de principal base teórica para a Inserção Ecológica como método norteador desta pesquisa.

2 PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa teve como objetivo refletir a partir da percepção que as famílias vulneráveis do município de Mesquita (RJ) tiveram a respeito da pandemia de COVID-19. Este município faz parte do conglomerado de cidades que compõem a Baixada Fluminense, uma área marcada por vulnerabilidades sociais. Durante a pandemia, o mundo inteiro buscou estratégias para enfrentar a COVID-19 e uma das principais estratégias foi o distanciamento social. A questão é como isso se deu nas populações vulneráveis. Nesta pesquisa buscamos compreender como as famílias de comunidades vulneráveis passaram pela pandemia, como se sentiram assistidas pelos equipamentos socioassistenciais e quais são esses equipamentos e, acima de tudo, como essas famílias se organizaram para lidar com a pandemia.

Na busca de entender como esse fenômeno ocorreu nos lugares de vulnerabilidade e como sua população percebeu o que estava acontecendo, fizemos uma pesquisa qualitativa de inserção ecológica analisando como essas famílias se organizaram durante a pandemia. Entendemos ser relevante para esta pesquisa verificar a configuração dessas famílias, através dos estilos parentais ali presentes e o quanto esses estilos parentais cooperaram ou não para construção de resiliência ante os desafios enfrentados frente à pandemia. Também buscamos identificar os principais serviços assistenciais oferecidos a essas famílias vulneráveis durante esse período. Os participantes da pesquisa foram famílias em vulnerabilidade social, moradoras do bairro de Rocha Sobrinho, Mesquita, usuários de projetos sociais de uma ONG do local, a Associação Vida Plena de Mesquita (AVPM). Inclusive um dos objetivos específicos deste trabalho foi, exatamente, verificar a percepção dessas famílias sobre a ação de apoio da AVPM.

Neste sentido, entender os problemas que envolvem esta pesquisa foi relevante, preliminarmente, porque consideramos que a percepção que uma determinada população tem a respeito de uma pandemia tão grave quanto a de COVID, pode implicar na forma de intervenção que o poder público planeja assumir neste contexto, pois de acordo com a Teoria Bioecológica, que norteia teoricamente esta pesquisa, há uma constante interação entre as pessoas, os processos, o contexto e o tempo.

Acreditamos, destarte, que essa pesquisa justifica-se para a academia no momento em que propomos a possibilidade de se perceber premente necessidade de pesquisas com olhar de maior acuidade para famílias em áreas de vulnerabilidades sociais durante fenômenos similares à pandemia de COVID-19.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar como famílias em áreas de vulnerabilidade social na cidade de Mesquita (RJ) se organizaram durante a pandemia de COVID-19.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar como se configuram as famílias avaliadas.
- Identificar os principais serviços assistenciais oferecidos durante a pandemia de COVID-19 para essas famílias.
- Analisar como as famílias pesquisadas receberam apoio socioassistencial durante o período da pandemia.
- Investigar os estilos parentais presentes nas famílias vulneráveis.
- Levantar os fatores de resiliência nas famílias investigadas durante esse período.
- Verificar a percepção dessas famílias sobre a rede de apoio para o combate à pandemia.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 SOBRE FAMÍLIA

Sabe-se que família é um tema complexo e que envolve diversas percepções históricas, filosóficas e até mesmo religiosas. Tentar compreender esse fenômeno pode nos auxiliar no processo de compreensão da sociedade como um todo, já que a família influencia e é influenciada pelos mais diversos sistemas relacionais humanos que formam e compõem a sociedade e as culturas.

As famílias cumprem um papel determinante na formação da sociedade brasileira. A Constituição Brasileira, em seu artigo 226, declara que “a família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”, levando-nos à reflexão de que esta é responsável em prover as necessidades básicas do ser humano, sendo a peça fundamental na formação de seus valores morais e éticos. A partir do parágrafo quatro, “entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes” (BRASIL, 1988).

De acordo com Souza, Beleza e Andrade (2012), o conceito de família passou por inúmeras mutações e ressignificações. O crescimento e a individualização feminina na busca por autonomia fez com que a família não se limitasse a uma unidade reprodutiva. O fortalecimento da autonomia feminina acabou por empalidecer o poder do patriarcado. Essa alteração de prioridade na família brasileira trouxe mudanças relevantes e, aparentemente, permanentes à percepção do que é realmente uma família, de como se configura esse importante microssistema. O que anteriormente era visto como algo definitivo, estático, apresenta-se agora como algo em constante movimento.

Dias (2007) aponta para outra perspectiva muito interessante sobre definição de família na contemporaneidade. Ele fala sobre o vínculo afetivo, que vai transcender a questão sexual ou consanguínea. Esses vínculos são geradores de uma aliança forjada na mutualidade, gerando generosidade e alvos comuns entre as partes que compõem esse sistema familiar,

Segundo Kaslow (2001) as famílias não são todas de um mesmo formato e constituição, podendo ser classificadas a partir de nove tipos:

Família Nuclear: incluindo duas gerações, com filhos biológicos; famílias extensas, incluindo três ou quatro gerações; famílias adotivas temporárias (Foster); famílias adotivas, que podem ser bi-raciais ou multiculturais; casais; famílias monoparentais, chefiadas por pai ou mãe; casais homossexuais com ou sem crianças; famílias reconstituídas depois do divórcio; várias pessoas vivendo juntas, sem laços legais, mas com forte compromisso mútuo. (Ibid., p. 37).

As diversas e possíveis configurações familiares, no Brasil, precisam ser observadas com afinco e necessitam de minuciosa atenção por qualquer pesquisador que intente estudar este tema. Amiúde percebe-se o equívoco, mormente pelo senso comum, de um olhar obliterado no que tange às várias possibilidades de formatação dos núcleos sistêmicos familiares. A pesquisa de Souza e Rizzini (2001), sobre a estrutura familiar goianiense, propõe uma multiplicidade de desenhos familiares distintos, ainda mais ampliados do que os apresentados por Kaslow, a saber: *Nuclear Simples*, formada por um casal e seus filhos; *Mononuclear*, constituída por um casal sem filhos; *Monoparental Simples*, a qual pode ser feminina ou masculina e é organizada em torno de uma figura que não tem companheiro residindo na mesma casa, podendo ou não residir com os filhos; *Nuclear Extensa*, família nuclear com agregado adulto coabitando; *Nuclear com Avós Cuidando de Netos*, casal de avós que cuida de netos com menos de 18 anos; *Nuclear Reconstituída*, casal cujo um ou ambos os cônjuges já tiveram outra união anterior, podendo ter filhos ou não; *Nuclear com Crianças Agregadas*, família nuclear cuidando de crianças que não são filhos; *Monoparental com Crianças Agregadas*, família monoparental que cuida de crianças que não são filhos; *Monoparental Extensa*, família monoparental com agregado adulto residindo na mesma casa; *Atípica*, indivíduos adultos e/ou adolescentes coabitando sem vínculos sanguíneos, incluindo também pessoas que moram sozinhas e casais homossexuais.

De acordo com os dois últimos parágrafos acima, percebe-se a necessidade premente de valorizarmos esse olhar circular de novos arranjos sobre a grande mudança na composição familiar em nosso país, para que não haja incongruência na análise dessas famílias.

Também no campo da Psicologia há diversas abordagens que contemplam esse fenômeno tão relevante na construção da sociedade, das culturas, das civilizações e da história da humanidade, como um todo. Neste Projeto, apresentaremos a perspectiva da Terapia Familiar Sistêmica como uma opção de abordagem sobre a família, por entender ser uma perspectiva que dialoga facilmente com a teoria bioecológica de Bronfenbrenner que será nossa principal base teórica para a pesquisa com inserção ecológica.

4.2 A TEORIA SISTÊMICA FAMILIAR

Uma perspectiva psicológica relevante para se observar famílias na contemporaneidade é a Teoria Familiar Sistêmica, um campo relativamente novo nas ciências que pesquisam o desenvolvimento humano. Sua origem vem dos EUA, nos anos 1950, após a Segunda Guerra Mundial. O mundo daquela época estava sobrecarregado com traumas

humanos pós-guerra. Houve, inicialmente, uma busca de ajuda para esquizofrênicos, delinquentes ou crianças (CASTILHO, 2017).

O psiquiatra estadunidense, Donald Jackson, inicia estudos sobre esquizofrenia em um hospital para ex-combatentes (Veterans Administration Hospital), na cidade de Palo Alto, na Califórnia, EUA. Esse estudo ganhou força e em 1959 Jackson funda o M.R.I. (Mental Research Institute). Esse é um marco na construção histórica da Terapia Familiar Sistêmica. A partir deste momento o objetivo da terapia, nesta perspectiva, volta-se para além do indivíduo que apresente algum sintoma de distúrbio psíquico; volta-se para a família, ou sistema que o envolve (VOGEL, 2011).

Na década de 1970, já havia alguma insatisfação com o tratamento dado aos pacientes por parte de profissionais que trabalhavam em hospitais psiquiátricos. Também nesta época há certa expansão da Psicanálise e Terapias de Grupos com trabalhos feitos com crianças e adolescentes juntamente com suas famílias. Neste cenário, profissionais brasileiros formados em Terapia Familiar fora do Brasil, principalmente nos Estados Unidos, começam a trazer essa novidade para nosso país. O início deste fomento se dá no Rio de Janeiro e as duas primeiras universidades que investem nesse novo campo teórico são a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Pontifícia Universidade Católica (PUC) (VOGEL, 2011).

Betty Carter e Mônica McGoldrick (2011), especialistas nesta abordagem, declaram que:

Como um sistema movendo-se através do tempo, a família possui propriedades basicamente diferentes de todos os outros sistemas... Embora as famílias também tenham papéis e funções, o seu principal valor são os relacionamentos, que são insubstituíveis. Se um progenitor vai embora ou morre, uma outra pessoa pode ser trazida para preencher uma função paterna, mas essa pessoa jamais substituirá o progenitor em seus aspectos emocionais. (CARTER, 2011, p. 9)

Percebe-se então, de acordo com essa abordagem, como os movimentos dentro da família podem afetar todo o ciclo de desenvolvimento de um sujeito. Através dos estilos parentais, o sistema familiar pode influenciar os indivíduos em seu desenvolvimento.

O ambiente familiar é um espaço propício para a formação de pessoas. Os filhos aprendem continuamente através de seus pais, não somente com suas palavras, mas, sobretudo com suas vivências. A transmissão dos valores ocorrerá através da observação e da imitação que os filhos farão dos pais diante de suas atuações frente às demandas da vida. O aprendizado ocorre pelo exemplo encontrado no ambiente familiar. Assim sendo, os exemplos de atitudes dos pais têm uma importância relevante durante os primeiros anos dos filhos. Durante a fase inicial de vida até os 7 anos, a criança responderá a um modelo de educação de

submissão aos pais, aceitando seus ensinamentos como absolutos. À medida que seu desenvolvimento amadurece, começam a avaliar os ensinamentos mediante ao que observam nas práticas dos pais, especialmente até aos doze anos. Daí a importância de educar as crianças através de uma vida de exemplos saudáveis e assertivos (GROISMAN, 2006).

As diferentes formas e estilos que os pais têm para educar seus filhos são os estilos parentais. Os estilos parentais influenciam o desenvolvimento dos filhos e podem, inclusive, estar determinando o estilo parental que os filhos vão adotar futuramente, através do que podemos chamar de transmissão intergeracional de estilos parentais (OLIVEIRA, 2002).

Quando pensamos na família, é importante incluir nessa discussão também a questão da multigeracionalidade como fator influenciador nesse fenômeno. De acordo com Carter e McGoldrick “a família compreende todo o sistema emocional de pelo menos três, e agora frequentemente quatro gerações. Não achamos que a influência da família esteja restrita aos membros de uma determinada estrutura doméstica” (CARTER, 2011, p.9), mas nas relações que permeiam os relacionamentos interfamiliares na sociedade. Através dos estilos parentais e da multigeracionalidade, se organiza e modela a realidade das famílias, que poderão ter grande influência na construção do indivíduo e na interação com seus contextos.

A Terapia Sistêmica contribui para a pesquisa sobre família trazendo ideias inovadoras, ao possibilitar uma certa abertura epistemológica na percepção dos arranjos familiares e dos papéis que podem aparecer nas mais diversas estruturas das famílias. Através da perspectiva sistêmica, saímos de um olhar linear, típico do olhar causal, para um olhar circular. Assim, nosso foco desloca-se do indivíduo para o sistema familiar (CASTILHO, 2017).

Esse olhar circular próprio da perspectiva sistêmica é importantíssimo para este trabalho. Acreditamos que as pessoas em geral, e nesse caso as pessoas em vulnerabilidade, que serão analisadas nesta pesquisa, são afetadas diretamente pelos sistemas familiares. Logo, há a possibilidade de que a percepção individual de uma pessoa sobre qualquer assunto, inclusive as questões que cercam a pandemia de Coronavírus, seja seriamente marcada pela forma de funcionamento e das crenças que sua família carrega.

Na visão sistêmica familiar, a família é o primeiro círculo de socialização humana, diferente de outros modelos sistêmicos mais gerais. Neste ponto de vista, entende-se que a atitude individual é pressionada pela força dos vínculos familiares. Durante o ciclo vital familiar, se desencadeará uma certa batalha entre o crescimento do indivíduo e os vínculos.

Dá-se o nome de ciclo vital familiar à dilatação temporal dessas trocas e relações que conectam as distintas gerações de uma família e, ao mesmo tempo, evidenciam a trama de narrativas individuais dos membros que a compõem (CARTER;

McGOLDRICK, 1995; CERVENY; BERTHOUD, 2002; MORÉ; QUEIROZ, 2007). O nascer, o crescer, o se reproduzir e o morrer das famílias, então, caracterizam-se como etapas ou fases nas quais as prioridades desses sistemas oscilam entre homeostase e vincularidade, sempre na tentativa de conciliar o equilíbrio coletivo com o crescimento pessoal. (PINHEIRO, CREPALDI e CRUZ, 2012, p. 185).

Durante o ciclo vital, enquanto o indivíduo segue seu desenvolvimento e é afetado pelo ambiente à sua volta, por fenômenos que se desenrolam alheios à sua vontade, na busca de interpretar tais fenômenos é confrontado na sua percepção por crenças que são transgeracionais. Muitas dessas crenças são conhecidas como mitos familiares, pela perspectiva sistêmica.

Quando fala-se em mitos, inicialmente somos reportados a fábulas, desde a mitologia grega. De acordo com Eliade (1972), mito é uma história sagrada sobre episódios ocorridos em tempos fabulosos. Quase sempre envolvidos com alguma criação, como algo foi produzido, teve seu princípio. Os mitos, nessa perspectiva, portanto, revelam sua atividade criadora. Assim, eles afetam tudo e todos os que estão intrinsecamente ligados a sua existência e história.

Os mitos, de certa forma, constroem, criam uma narrativa de uma certa história. Ainda que seja carregado de signos sobrenaturais, não se trata, entretanto, de inverdades ou mentiras. Trata de questões reais para o sistema criado.

O mito constitui a história. Essa história é considerada absolutamente verdadeira, porque refere-se a realidades, e sagrada, porque é obra dos Entes Sobrenaturais. O mito refere-se sempre a uma criação, contando como algo veio à existência; conhecendo o mito, conhece-se a origem das coisas e, de uma maneira ou outra, vive-se o mito. Ele exprime, enaltece e codifica a crença, garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem, diferente das fábulas ou contos que são histórias falsas. (FILOMENO, 2003. P. 46).

Os mitos foram criados, portanto, para dar sentido e ordenar as experiências transgeracionais. Filomeno (2003) afirma que pesquisadores sobre os mitos defendem que essas explicações mitológicas eram vistas como verdade à priori para nossos ancestrais. Para nossos antepassados as narrativas mitológicas carregam o arcabouço da sabedoria ancestral e opor-se a essa sabedoria ancestral traria caos ao alterar um sistema pré-ordenado. Esse poderia ser catastrófico para o sistema familiar e para o indivíduo.

A função do mito seria proporcionar um sentido coletivo e gerar uma ordem de valor, do que é apropriado ou inapropriado. Cada sociedade humana sobrevive porque se mantém unida através de mitos. Os indivíduos, as famílias, elegem, adotam os mitos culturais para si próprios. Os mitos culturais são modificados e reelaborados pelos indivíduos de modo que se adequem a sua mitologia pessoal. (FILOMENO, 2003. p. 48).

As sociedades, as culturas e a humanidade como um todo carecem dos mitos na sua constituição. Espera-se que os indivíduos desafiem os mitos na intenção de ampliá-los e

atualizá-los, mas não se deve ignorar seu potencial construtor e influenciador nas gerações. Assim, geração após geração, os sistemas vão se organizando em torno dos mitos.

De acordo com Filomeno (2003) as famílias constroem mitos que atravessam gerações, influenciando decisões, escolhas de parceiros, carreiras profissionais e hábitos em geral. Tornam-se regras que governam o sistema familiar.

Para Gomes (2002) o mito familiar está presente em todas as famílias. A construção do mito familiar se desenvolve no decorrer do tempo e cria um sentido de coesão entre as pessoas e de pertencimento a dada cultura. Ele carrega e traduz a história de uma família e assim torna-se um legado passado de geração para geração. Constitui-se como o núcleo da cultura familiar.

Os pais esperam lealdade dos filhos aos mitos familiares. Assim, as famílias acabam por perpetuar normas e regras que são passadas através das gerações do sistema familiar. Desta forma os mitos familiares tornam-se como leis sistêmicas transgeracionais.

Etimologicamente a palavra lealdade deriva da palavra francesa “*loi*”, lei, e implica atitude de acatamento à lei. As famílias têm suas próprias leis, que fazem parte do padrão do sistema familiar herdado e desenvolvido pelos pais e filhos na atual família nuclear. Tal padrão cria uma rede de obrigações que, através de uma contínua troca de expectativas dentro do sistema de relações a que o indivíduo pertence, é responsável pela construção de um sistema de contabilidade. (FILOMENO, 2003. p. 56).

Os mitos familiares, portanto, são como leis que atravessam as gerações e cada membro da família acha-se subordinado à expectativa gerada pelo sistema familiar. Desta forma, todo ser humano carrega uma missão familiar para ser cumprida, possível ou impossível.

Para esta pesquisa foi importante perceber o quanto o peso dos mitos familiares e dos legados culturais transgeracionais, como apontados na teoria familiar sistêmica, afetam decisivamente a percepção de mundo das famílias e dos indivíduos analisados nesta pesquisa.

As famílias que compõem os micro e mesossistemas nas áreas de vulnerabilidade social na cidade de Mesquita (RJ) que, assim como toda a humanidade, se defrontaram com o fenômeno doloroso da pandemia de COVID-19, certamente olharam para esse período singular de suas histórias sob as lentes de mitos e legados sistêmicos de seus sistemas familiares.

4.2.1 Estilos parentais

A forma como as famílias lidam com as questões envolvidas no fenômeno da vulnerabilidade social, com mais ou menos resiliência, também passa pela questão dos estilos parentais presentes nessas famílias.

Os primeiros estudos sobre estilos parentais foram elaborados por uma psicóloga do desenvolvimento humano, a estadunidense Diana Blumberg Baumrind. Ela criou esse modelo teórico, destacando três modalidades de controle por parte dos pais: autoritativo, ou *com autoridade*, como sendo o mais efetivo que os dois outros tipos de controle: o autoritário e o permissivo.

De acordo com Weber, Prado, Viezzer e Brandenburg (2004), Baumrind definiu os pais autoritativos como pais que se esforçam para educar seus filhos de uma forma mais racional e orientada. Nesse estilo parental, o diálogo entre pais e filhos é um fator determinante na relação. Embora os pais autoritativos exerçam controle em pontos divergentes nessa relação, não restringem a criança, reconhecendo seus interesses.

Ainda de acordo com Baumrind, os autores acima afirmam que pais autoritários controlam a criança com regulamentos de condutas absolutas. São favoráveis a medidas punitivas contra as crianças, diante dos conflitos de ideias.

Finalmente, Baumrind aponta os pais permissivos como mais interessados em não punir os filhos, mesmo que para isso não consigam ser um agente responsável para moldar ou direcionar seu comportamento. Esse estilo permissivo foi desmembrado em mais dois: estilo indulgente e estilo negligente.

O estudo sobre estilos parentais é de grande relevância, uma vez que envolve a família e consequentemente toda a sociedade. Todas as pessoas receberam uma educação que, com certeza, foi muito importante para que elas sejam do jeito que são. A maneira mais adequada de educar e se relacionar com os filhos vem sendo muito pesquisada nas últimas décadas. E o estudo dos estilos parentais trata esse assunto de forma objetiva, investigando o conjunto de comportamentos dos pais que cria um clima emocional em que se expressam as interações pais e filhos, tendo como base a influência dos pais em aspectos comportamentais, emocionais e intelectuais dos filhos. (WEBER, PRADO, VIEZZER e BRANDENDURG, 2004, p. 329).

Pesquisar os estilos parentais certamente traz ao pesquisador uma melhor perspectiva sobre as famílias pesquisadas. De acordo com Salvo, Silvares e Toni (2005, p.194) “o desenvolvimento infantil é o somatório de diversos fatores, porém, os pais estão entre os mais importantes”.

4.3 VULNERABILIDADE SOCIAL

Quando aborda-se vulnerabilidade social, torna-se necessário compreender que esse é um tema complexo e multicausal. Tendo em vista este tema ser tão complexo e atual, para

aprofundarmos nossa discussão sobre o assunto em questão, faz-se necessário um breve mergulho na origem do próprio termo vulnerabilidade social.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a vulnerabilidade social envolve a situação da pobreza, mas não está restrita apenas a ela. É um resultado negativo entre a disponibilidade dos recursos existentes e o acesso a oportunidades de se obter tais recursos sociais, culturais e econômicos. Esses recursos podem ser provenientes do Estado, do mercado ou da sociedade organizada (CANÇADO, SOUZA e CARDOZO, 2014).

A vulnerabilidade refere-se a um fenômeno amplo, vasto e complexo. Principalmente se olharmos para as últimas décadas, perceberemos o quanto a questão da vulnerabilidade social permeou diversas áreas das ciências, sobretudo as ciências humanas.

Nas últimas décadas, o termo vulnerabilidade tem sido utilizado em estudos expressando a multidimensionalidade de um conceito em construção que é empregado em diversos campos de saber, podendo destacar áreas como ciências da vida, ciências naturais e ciências sociais, em especial na geografia, demografia, economia, saúde e bioética. A diversidade de abordagens disciplinares e a polissemia de definição proporcionam uma ampla utilização do termo vulnerabilidade, que adquire delimitações específicas a depender da área em que é empregado, mas que corre o risco de perder significado pelo uso indiscriminado em amplo espectro de abordagens sem delimitação teórica e conceitual. (SCHUMANN, 2014, p. 1).

O desenvolvimento do termo, de acordo com Cançado, Souza e Cardozo (2014), alcança impositivamente o pensamento marxista, como apontado por Karl Marx em o Capital de 1867. De acordo com Marx, as desigualdades sociais estariam envolvidas ao modo de produção capitalista.

Embora o pensamento do filósofo receba muitas críticas por parte de diversos críticos do seu pensamento, amiúde apontado como uma espécie de determinismo econômico, não há quem ouse validar a contribuição que sua teoria trouxe para analisarmos e conceituarmos vulnerabilidade social.

A ideia de iniquidade é um ponto a ser percebido quando se fala em vulnerabilidade social. Pobreza e má distribuição de bens e riqueza. O próprio termo iniquidade, observando-se sua origem etimológica, fala por si só. Do latim *iniquitas*, que poderia ser traduzido por “não equidade”. Se equidade fala virtude de quem ou do que manifesta senso de justiça, imparcialidade, respeito à igualdade de direitos, iniquidade é o seu oposto.

Os altos níveis de pobreza que afetam a sociedade encontram seu principal determinante na estrutura da desigualdade presente no país: injustiças que se evidenciam na distribuição da renda e nas escassas ou inexistentes oportunidades de inclusão econômica e social. São situações iníquas, desnecessárias e evitáveis, não sendo imputadas por agentes naturais/biológicos, tampouco por agentes tecnológicos que impeçam seu enfrentamento: na verdade são desigualdades que resultam das

ações de outros agentes humanos, através das relações de poder econômico, político e sociocultural. As iniquidades sociais constituem-se nos principais fatores de vulnerabilidade social em que se encontram pessoas e grupos em determinados territórios das cidades brasileiras. (SOUZA, PANÍCIO-PINTO e FIORATI, 2019, p. 252).

De acordo com Souza e colaboradores (2019), as famílias em vulnerabilidade social, vilipendiadas por um contexto de profunda e amarga desigualdade social, não encontram facilmente suas competências para dar proteção e suporte aos membros do sistema que sejam mais frágeis ou dependentes. Essa realidade afeta diretamente o desempenho destas famílias frente aos desafios impostos por uma sociedade conduzida por uma lógica capitalista e meritocrata.

Frente à desigualdade ultrajante, famílias em estado de vulnerabilidade social precisam construir uma cultura de resiliência para sobreviver aos desafios que lhe são impingidos. Cecconello (2003) afirma que nos últimos anos, pesquisas sobre resiliência e vulnerabilidade estão contemplando a questão das interações familiares. E, de acordo com a autora, estas pesquisas sinalizam aspectos de risco e proteção, tanto no ambiente interno dos sistemas familiares, quanto nos ambientes externos à família, interferindo nos processos transicionais no sistema familiar e também no ciclo vital dos indivíduos membros dessas famílias.

As origens do termo resiliência vem desde o ano de 1807 e está ligada às áreas da física e da engenharia. Essa característica originalmente foi atribuída a materiais altamente resistentes a que ao sofrerem impactos da energia provocadas pelo meio, tem a capacidade de absorver essa energia sem sofrer deformações permanentes em sua plasticidade.

Na área da psicologia, foi dada uma atenção maior ao conceito de resiliência nos anos setenta, embora sejam mais recentes os debates e pesquisas sobre o assunto, o que só se deu a partir do final dos anos noventa do século XX. [...] Em psicologia, é relativamente recente o estudo da resiliência e este fenômeno vem ganhando espaço em muitos centros de pesquisas e a atenção de vários pesquisadores (MACHADO, 2011, p. 3).

De acordo com Machado (2011), a Psicologia define resiliência de uma forma diferente da física e da engenharia. Enquanto esses campos falam de questões objetivas, a Psicologia trata de subjetividades. No caso específico da resiliência, a Psicologia também contempla a variedade e complexidade de fatores que devem ser observados quando se estuda seres humanos e seus fenômenos.

Estudar a resiliência humana frente aos desafios que a vida traz torna-se relevante para este trabalho, porque famílias podem de forma transgeracional aprender formas próprias de lidar com essas adversidades. De acordo com Machado (2011), a pesquisa da resiliência não

deve estar centrada unicamente no indivíduo, mas deve passar por uma abordagem que inclua a família e a comunidade e as relações entre eles.

De acordo com Cecconello (2003) vários fatores cooperam para o desenvolvimento da resiliência dentro das famílias. A autora elenca alguns desses fatores em seu artigo: coesão familiar, qualidade da relação entre pais e filhos, envolvimento da figura paterna na educação da criança, e práticas educativas que envolvam afeto, relacionamento recíproco e equilíbrio de poder. Além disso, ressalta-se a relevância de construir-se uma boa e forte rede de apoio social, para auxiliar os pais na educação da criança. Essa rede de apoio poderá ser extremamente útil diante de momentos de *estresse* na relação parental com seus filhos. De qualquer forma, acima de qualquer rede de apoio, o apoio conjugal é o fator preponderante na construção da resiliência.

Em contrapartida, outros fatores são desencadeadores de enfraquecimento dessa resiliência nas famílias, trazendo vulnerabilidade ao sistema e consequentemente aos indivíduos. Entre esses fatores, destaca-se a pobreza.

A pobreza vem sendo explorada em muitas pesquisas como um fator de risco potencial para o desenvolvimento das pessoas. Viver na pobreza constitui-se, muitas vezes, em um fator de risco que ameaça o bem estar das pessoas, limitando suas oportunidades de desenvolvimento [...] A pobreza influencia o desenvolvimento das pessoas e, determinadas situações, não vem desacompanhada: nas famílias, ela tende a afetar a relação conjugal, contribuindo para o aumento da incidência de conflitos entre os pais, produzindo também, um efeito no relacionamento dos pais com a criança (CECCONELLO, 2003, p. 9).

Neste trabalho, pretendemos exatamente analisar como a resiliência construída pela resposta das famílias analisadas diante das vulnerabilidades sociais, especificamente durante a pandemia de COVID-19. As famílias que serão analisadas vivem em extrema pobreza, têm suas crianças sofrendo sérios agravantes a seu desenvolvimento e são oriundas de famílias muito afetadas nas relações conjugais.

4.4 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA FAMÍLIAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL

Ao analisarmos as famílias em vulnerabilidade social e sua resiliência frente a um desafio tão poderoso como o da pandemia de COVID-19, consideramos a importância de um olhar para as Políticas Públicas. Objetiva-se entender a funcionalidade dos equipamentos socioassistenciais à população no contexto já delimitado nesse projeto.

Para tanto, partimos do entendimento de Política Pública como o conjunto de diretrizes elaboradas para enfrentar determinado problema que impacte a sociedade como um todo, ou a um grupo específico desta. Portanto, é o Estado em ação (FREITAS, 2011); ou seja, é a materialização dos princípios que orientam as decisões do poder público. A existência de

um determinado problema a ser solucionado por meio de uma política pública se dá quando uma situação verificada é considerada inadequada. Ou, ainda, quando há expectativa, isto é, possibilidade de uma situação melhor. Pode-se dizer, em outras palavras, que um problema se configura quando há uma diferença entre a situação atual indesejada e uma situação ideal possível.

Conforme apontado em seções anteriores neste projeto, vulnerabilidade social possui várias definições e causalidades igualmente múltiplas. Neste sentido, o conjunto de políticas públicas cujo público alvo seja famílias em vulnerabilidade social é diverso em conteúdo, escopo e setores. Para fins de análise nesta pesquisa, escolheu-se a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), executada, sobretudo, pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Esta política é direito previsto na Constituição Federal de 1988, onde em seu artigo 203 garante que a assistência social será prestada a quem dela necessitar, independente de contribuição à seguridade social. Este direito tem sua regulamentação na Lei nº 8.742/1993 (Lei Orgânica da Assistência Social) que organiza a assistência social enquanto política pública com fins de garantir o atendimento às necessidades básicas através dos chamados “mínimos sociais”. A PNAS visa, igualmente, reduzir danos e prevenir a incidência de riscos, especialmente na família, na infância, na adolescência e na velhice. Com isso, tem-se que a assistência social constitui-se acessível aos sujeitos que vivenciem situações de vulnerabilidade e risco, a partir da oferta de serviços e benefícios de assistência social com vistas ao enfrentamento à pobreza (SILVEIRA, 2016).

A PNAS possui algumas particularidades importantes a serem salientadas neste trabalho. Uma delas é a sua organização em níveis de atendimento: Proteção Social Básica e a Proteção Social Especial. A primeira,

[...] tem como objetivos prevenir situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Destina-se à população que vive em situação de vulnerabilidade social decorrente da pobreza, privação (ausência de renda, precário ou nulo acesso aos serviços públicos, dentre outros) e, ou, fragilização dos vínculos afetivos- relacionais ou pertencimento social [...]. (PNAS, 2004, p. 34).

As ações referentes a este nível de atendimento são executadas pelas três esferas de governo e chega ao público alvo através do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS). O segundo nível, a Proteção Social Especial, é dividido entre média e alta complexidade. Como média complexidade considera-se os serviços que atendem a famílias e indivíduos cujo vínculo familiar e comunitário não foram rompidos, a despeito de seus direitos terem sido violados. Já por alta complexidade entende-se os serviços de proteção

integral a famílias e indivíduos sem referência ou situação de ameaça necessitando de afastamento do núcleo familiar ou comunitário. Os serviços da Proteção Social Especial alcançam a população através do Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS).

Outra particularidade dessa política precisa ser destacada neste trabalho: as ações de assistência social, de acordo com o seu marco legal e normativo (Constituição Federal de 1988, Lei Orgânica da Assistência Social, Norma Operacional Básica), é aberta à participação da sociedade civil na execução dos programas, através das entidades benfeitoras e de assistência social, bem como ONGS e associações cujo funcionamento seja adequado às diretrizes da PNAS. É proposto para esta política um conjunto de ações e iniciativas do governo junto à sociedade civil de modo a garantir proteção social aos que dela necessitarem. De acordo com o próprio texto da PNAS de 2004,

A gravidade dos problemas sociais brasileiros exige que o Estado assuma a primazia da responsabilidade em cada esfera de governo na condução da política. Por outro lado, a sociedade civil participa como parceira, de forma complementar na oferta de serviços, programas, projetos e benefícios de Assistência Social. Possui, ainda, o papel de exercer o controle social sobre a mesma (PNAS, 2004, p. 47).

Isto posto, é de extrema relevância para esta pesquisa, observar além dos equipamentos socioassistenciais do poder público, a interação das famílias vulneráveis em contexto pandêmico com possíveis organizações da sociedade civil que oferecem serviços e programas alinhados com a PNAS.

4.5 – TEORIA BIOECOLÓGICA

Para termos uma compreensão mais ampla da relação entre as famílias, vulnerabilidade social e políticas públicas, será utilizado esse referencial sob a ótica da Teoria Bioecológica desenvolvida por Urie Bronfenbrenner. Kurt Lewin com sua equação clássica de 1935 foi uma das principais influências sobre Bronfenbrenner, na formulação da sua Teoria Ecológica. Outra contribuição importante foi de um contemporâneo de Bronfenbrenner, Gibson, com seu livro *“The ecological approach to visual perception”* (A abordagem ecológica para a percepção visual). Neste livro, Gibson investiga a interação entre indivíduo e ambiente, fugindo da visão de desenvolvimento humano da época, que era mais linear e menos dinâmica. Finalmente, vale ressaltar uma última influência ao modelo ecológico de Bronfenbrenner, o modelo de Newell, que estuda o comportamento motor do indivíduo, ao longo da vida, onde o ambiente em que essa pessoa se desenvolve, através de fatores ambientais, podem interferir sensivelmente seu desenvolvimento como pessoa (NAZÁRIO,

PERES e KREBS, 2011). Uri Bronfenbrenner era descendente de judeus, vindo de uma família próspera (o pai era médico e a mãe apreciadora de artes). Moravam em Moscou e durante a Revolução Russa imigraram para os Estados Unidos da América, quando Bronfenbrenner tinha apenas seis anos de idade. Acompanhando o serviço do pai em Nova York, teve contato com a dor e a disparidade social entre os diferentes grupos étnicos nos Estados Unidos da América. Esse escopo de vida foi influenciador na elaboração de suas ideias, e, principalmente, da Teoria Bioecológica:

Havia ainda uma saída para essas crianças, mas a oportunidade só surgiria quando elas fossem muito mais velhas. Um dos lugares para os quais as pacientes adultas seriam designadas para trabalhar eram as casas da equipe de profissionais, onde elas ajudariam nos trabalhos domésticos. Dessa maneira, Hilda, Anna e outras depois delas se tornaram de fato membros de nossa família e figuras significativas na minha educação (BRONFENBRENNER, 1979/1996, p. VIII Apud YUNES e JULIANO, 2010, p.350).

De acordo com Bronfenbrenner, é através da reciprocidade entre os indivíduos e o ambiente a sua volta que o conceito de bioecologia se desenvolve. A mutualidade entre as pessoas e o ambiente provoca mudanças tanto nas pessoas quanto no ambiente, em seus diversos sistemas (YUNES e JULIANO, 2010).

A Teoria Ecológica foi publicada por Bronfenbrenner na década de 1970. Nesta teoria, a ênfase está na interação da pessoa com o ambiente, através da reciprocidade. Esta mútua interação entre pessoa e ambiente é um processo dinâmico e constante. Bronfenbrenner utiliza a imagem das bonecas russas, que se encaixam umas nas outras, sinalizando assim a percepção sistêmica de interação e mutualidade. Já ali, na gênese dessa teoria se percebe a complexidade dos sistemas interligados: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema (YUNES e LULIANI, 2010).

Especialmente em seus aspectos formais, a concepção do meio ambiente como uma série de regiões contidas dentro da outra se vale muito das teorias de Kurt Lewin (1917, 1931, 1935, 1938). Na verdade, este trabalho pode ser considerado como uma tentativa de dar substância psicológica e sociológica aos territórios topológicos brilhantemente concebidos por Lewin. (BRONFENBRENNER, 2002, p. 9).

Posteriormente, ele traria um novo e mais ampliado olhar sobre o tema, dando à Teoria a nomenclatura de Bioecológica, contemplando assim quatro aspectos teóricos determinantes para a Teoria que formam o Modelo PPCT: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo (LEÃO, DE SOUZA e DE CASTRO, 2015).

O Processo - Enfatiza os processos proximais que atuam na interação entre o indivíduo ou organismo e o ambiente. De acordo com Bronfenbrenner esses processos são os motores do desenvolvimento, por isso é essencial que eles contemplam a inserção da pessoa em alguma atividade, que ao longo de um período prolongado de tempo gere interação efetiva

e que seja recíproca entre a pessoa e o ambiente onde ela está envolvida (DA SILVEIRA, GARCIA, PIETRO, YUNES- 2009).

O processo, portanto, pode ser percebido pela Teoria de Bronfenbrenner como o mecanismo principal para o desenvolvimento humano, através de uma reciprocidade progressiva, como toda a complexidade que está envolvida nesta interação de um ser humano em atividade plena e em processo evolutivo, na relação com o ambiente à sua volta.

A Pessoa - De acordo com Da Silveira e colaboradores (2009) “Pessoa” refere-se tanto com suas características biopsicológicas próprias, como alguém que teve essas características influenciadas diretamente pelos efeitos dos processos proximais com os ambientes que a cooperam na sua constituição como pessoa. São assim constituídas as características bio-psico-ambientais de cada pessoa.

Ainda em concordância com os autores citados no parágrafo anterior, essas características ao mesmo tempo em que produzem desenvolvimento são, também, produtos desse desenvolvimento. Há três dimensões que desempenham papel essencial no desenvolvimento dessas características bio-psico-ambientais da pessoa: as disposições, os recursos e a demanda (DA SILVEIRA, GARCIA, PIETRO, YUNES, 2009).

Essa interação entre a pessoa e os processos proximais é dinâmica e poderá produzir resultados positivos ou negativos no desenrolar do desenvolvimento humano.

O Contexto - dentro do modelo PPCT de Bronfenbrenner, designa o papel do ambiente no desenvolvimento. Há uma constante relação de interação entre o indivíduo ou organismo com o ambiente à sua volta. Essa relação não é linear, como se apenas uma das partes envolvidas nessa relação influenciasse a outra, enquanto a outra fosse apenas influenciada de forma passiva. Antes, porém, é uma relação circular, onde pessoa e ambiente se influenciam através de uma mutualidade dinâmica e constante (PRATI; COUTO; MOURA; POLETO e KOLLER, 2007). O contexto subdivide-se em quatro níveis de interação: o microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema.

4.5.1 Os Sistemas: Micro, Meso, Exo e Macrossistemas

De acordo com Yunes e Juliano (2010) o microssistema é onde são dadas as relações mais íntimas, pessoais e próximas. Nesse sistema, as relações são corporais, as chamadas relações “face a face”. Essa relação mais próxima se desenvolve em locais como, por exemplo: a família, a escola, a creche, a universidade, ou qualquer instituição que envolva interações e relacionamentos interpessoais mais próximos.

Segundo Bronfenbrenner, o microssistema “é um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicos” (BRONFENBRENNER, 1979/1996, p. 18). Por se tratar de um sistema com relações interpessoais mais próximas, os Microssistemas são caracterizados por relações afetivas. Essas relações podem ser positivas ou negativas, mas envolvem afetos que são extremamente relevantes para o desenvolvimento de qualquer indivíduo.

As pessoas se envolvem em diversos microssistemas e esses diversos microssistemas também se relacionam. Daí se percebe o conceito de mesossistema para Bronfenbrenner. São interrelações entre diferentes contextos e ambientes frequentados por uma mesma pessoa. “Os processos que operam nos diferentes ambientes frequentados pela pessoa são interdependentes, influenciando-se mutuamente” (CECCONELLO e KOLLER, 2003, p.518).

De acordo com Cecconello e Koller (2003) o Exossistema influencia o desenvolvimento de um indivíduo, mesmo que essa pessoa não tenha uma participação nesse ambiente. Para a criança, em seu desenvolvimento, há três exossistemas que são preponderantes: o trabalho dos pais, a rede de apoio social e a comunidade onde a família está inserida.

No Exossistema, ocorrem eventos que afetam, ou por eles são afetados, os fatos que acontecem no ambiente que contém a pessoa em desenvolvimento, como, por exemplo, o local de trabalho dos pais ou a sala de aula de um irmão mais velho. Esses efeitos, geralmente, seguem uma sequência causal que primeiramente conecta os efeitos externos dos ambientes aos processos microssistêmicos da pessoa em desenvolvimento. (YUNES e JULIANO, 2010, p. 362).

O exossistema, portanto, embora não faça parte do “habitat” de uma pessoa, irá marcar diretamente seu desenvolvimento. Por isso é importante que as pesquisas envolvidas em entender os fenômenos sociais, como este trabalho, estejam atentos ao exossistema das pessoas pesquisadas.

Enquanto o microssistema é o ambiente mais próximo e íntimo de uma pessoa, o mesossistema é a inter-relação desta pessoa em diversos microssistemas que ela esteja envolvida e o exossistema sejam sistemas onde a pessoa não interaja diretamente, mas é afetada pela relação com outras pessoas envolvidas nesse exosistema, o macrossistema é ainda mais amplo.

No macrossistema é que encontramos a cultura, as crenças, os valores, a religião, a política e outros atores afins. De acordo com Yunes e Juliano (2010) o indivíduo é influenciado pelo que acontece na sociedade. Observe o que diz Cecconello e Koller (2003, p.518): “Assim, a cultura na qual os pais foram educados, os valores e as crenças transmitidos

por suas famílias de origem, bem como a sociedade atual onde eles vivem, interferem na maneira como eles educam seus filhos”.

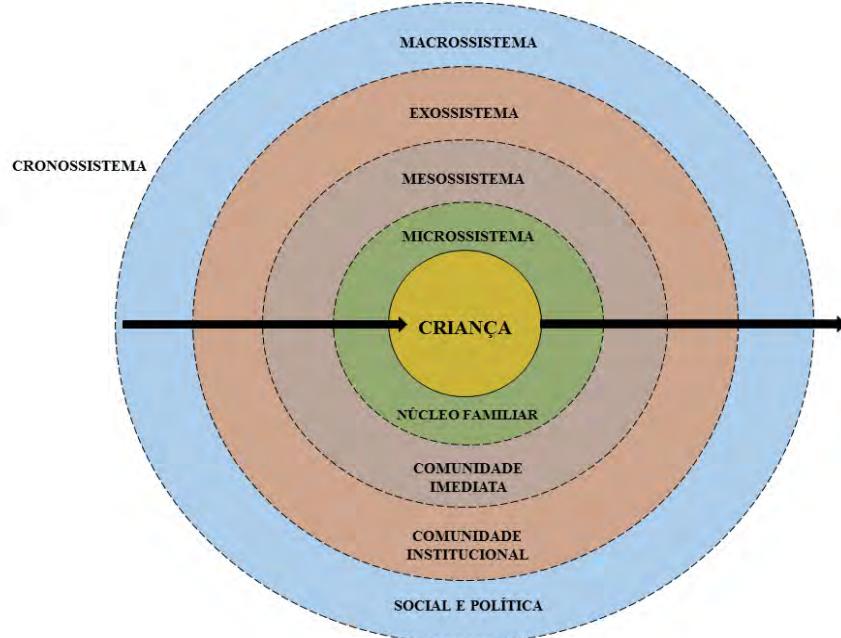
O ambiente ecológico é concebido como uma série de estruturas encaixadas, como um conjunto de bonecas russas. No nível mais interno está o ambiente imediato contendo a pessoa em desenvolvimento [...] O próximo passo, entretanto, já nos conduz para fora do caminho conhecido, pois requer que olhemos para além dos ambientes simples e para as relações entre eles [...] O terceiro nível de ambiente ecológico nos leva ainda mais longe e invoca a hipótese de que o desenvolvimento da pessoa é profundamente afetado pelos eventos que ocorrem em ambientes nos quais a pessoa nem sequer está presente [...] Finalmente, existe um fenômeno notável pertencente aos ambientes em todos os três níveis do meio ambiente ecológico. (BRONFENBRENNER, 2002, p.5).

Essa constante e dinâmica interação dos sistemas e pessoas, apontada por Urie Bronfenbrenner, tanto em seu primeiro momento na Teoria Ecológica, como em seu segundo momento, na Teoria Bioecológica, deve ser observado com muitíssima atenção a qualquer pesquisador que deseje realmente compreender as realidades das pessoas, organismos ou ambientes pesquisados.

Essa interação, como citado por Bronfenbrenner, assemelha-se a um conjunto de bonecas russas. Os sistemas interagem no ambiente e há sistemas que contêm outros, assim como há sistemas contidos em outros.

Abaixo apresentamos em uma forma gráfica como essas “caixas” sistêmicas funcionam e interagem no contexto, cooperando ou não com o desenvolvimento da pessoa.

Figura 1. O modelo bioecológico de Urie Bronfenbrenner



Fonte: Criação do Autor

5 METODOLOGIA

5.1 TIPOS DE PESQUISA

Esta pesquisa adotou o método qualitativo, abrangendo revisão integrativa da literatura, inserção ecológica com realização de entrevistas e encontros de grupos focais.

De acordo com Godoy (1995) nas últimas décadas, a pesquisa qualitativa tem ocupado um lugar muito valorizado entre as mais diversas formas de se estudar os fenômenos intrínsecos à humanidade e às sociedades em suas muitas probabilidades relacionais com os ambientes à sua volta.

Na pesquisa qualitativa [...] pode-se dizer que a interação do investigador com os participantes gera uma transferência de energia, produzindo, assim, processos proximais em ambos. [...] Neste tipo de pesquisa, o investigador faz parte do processo proximal, assumindo um papel essencial enquanto gerenciador desta energia. (CECCONELO e KOLLER, 2003, p. 521).

Godoy (1995) cita uma das principais e mais relevantes características nas pesquisas que compõem essa metodologia, a saber: nessa perspectiva de pesquisa, a melhor forma de o pesquisador compreender os fenômenos ali envolvidos, é o fato de o pesquisador estar envolvido no contexto onde ocorre a pesquisa. O pesquisador literalmente vai a campo para melhor captar o fenômeno em estudo, assim ele consegue absorver o melhor da perspectiva das pessoas pesquisadas frente ao fenômeno pesquisado. Vários tipos de dados são coletados para compor o escopo da sua análise.

5.1.1- Revisão Integrativa da Literatura

Desde 1980 a revisão integrativa é relatada na literatura como método de pesquisa (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008). Este método inclui a análise de pesquisas relevantes, viabilizando a síntese de um determinado assunto, sinalizando também lacunas que precisam ser ocupadas com a produção de novas pesquisas. Desta forma, Mendes, Silveira e Galvão afirmam:

Para a elaboração da revisão integrativa, no primeiro momento o revisor determina o objetivo específico, formula os questionamentos a serem respondidos ou hipóteses a serem testadas, então realiza a busca para identificar e coletar o máximo de pesquisas primárias relevantes dentro dos critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos. O propósito inicial deste método de pesquisa é obter um profundo entendimento de um determinado fenômeno baseando-se em estudos anteriores, sendo necessário seguir padrões de rigor metodológico, clareza na apresentação dos resultados, de forma que o leitor consiga identificar as características reais dos estudos incluídos na revisão (Ibid., p. 760).

Para realização da revisão integrativa será necessário seguir os seguintes passos: 1º elaboração da pergunta norteadora; 2º busca ou amostragem na literatura, 3º coleta de dados, 4º análise crítica dos estudos incluídos, 5º discussão dos resultados e 6º apresentação da Revisão Integrativa (SOUZA, SILVA e CARVALHO, 2010).

Seguindo as fases na elaboração da Revisão Integrativa da literatura, foi elaborada a pergunta norteadora: “Como as famílias em situação de vulnerabilidades sociais passaram pela pandemia de COVID-19?”. Após esta definição, foram combinadas as palavras-chaves: Vulnerabilidade social; famílias; inserção ecológica; pandemia; COVID-19.

Os critérios de inclusão adotados nesta pesquisa foram: artigos publicados em português, publicados nos últimos dois anos; serão excluídos artigos que não estejam relacionados à Psicologia ou ao COVID-19, também foram excluídas teses de doutorados e dissertações de mestrado. Posteriormente à busca inicial, foi realizada a análise dos títulos e resumos dos artigos e foram selecionados aqueles disponíveis na íntegra. Os artigos que cumpriram estes critérios foram analisados na íntegra e integrados na pesquisa.

5.1.2- Inserção Ecológica

A inserção Ecológica tem como base teórica a Abordagem Bioecológica de Desenvolvimento Humano, de Bronfenbrenner, que busca compreender o desenvolvimento humano focado em quatro dimensões inter-relacionadas, que formam os pilares dessa teoria: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo, PPCT (SILVEIRO, GARCIA, PIETRO e YUNES, 2009).

A Inserção Ecológica enquanto metodologia e método foi inaugurada na Psicologia a partir dos estudos desenvolvidos no CEP-Rua, grupo de pesquisa vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cabe destacar uma pesquisa esclarecedora acerca da Inserção Ecológica que foi realizada com famílias em situação de risco em ambiente natural, enfocando a resiliência e vulnerabilidade em famílias que vivem em condições adversas.(KOLLER, MORAIS e PALUDO, 2016, p.33).

O pesquisador que desejar se utilizar da Inserção Ecológica precisará, de forma criteriosa, escolher procedimentos e instrumentos para a coleta e análise de dados para identificar de forma clara os núcleos componentes das quatro dimensões citadas acima, que embasam a Abordagem Bioecológica. Alguns dos instrumentos que podem cooperar para uma pesquisa com inserção ecológica são: observações naturalísticas e sistemáticas, que exigirá um diário de campo minucioso; levantamento biográfico dos participantes; entrevistas; grupos focais e outras estratégias correlatas a estas, que sejam frutos de pesquisas qualitativas.

Prati, Couto, Moura, Poletto & Koller (2008), em seu artigo, delineiam com perfeição como a inserção ecológica atua nos quatro elementos do PPCT, como apontado abaixo:

PROCESSO – Certos aspectos que se apresentam simultaneamente são essenciais para o estabelecimento de um processo proximal, de acordo com Bronfenbrenner: a pessoa deve estar envolvida em uma atividade; esta atividade deve ocorrer com regularidade e ser progressivamente mais complexa; as relações interpessoais entre pesquisadores e participantes devem ser marcadamente recíprocas.

PESSOA – Na inserção ecológica, pesquisador e participante têm a mesma valoração. Ambos sofrem mudanças processuais em suas interações enquanto um campo de desenvolvimento mútuo é construído.

CONTEXTO – Neste método, a observação do pesquisador será levada a perceber de forma investigativa as interações que os participantes vivenciam em um ou mais contextos. Para isso, o pesquisador que se utiliza deste método perceberá a relevância dos microssistemas, pois é aí que realmente ocorre a inserção ecológica.

TEMPO – É premente que o pesquisador que adota a Inserção Ecológica trabalhe observando as alterações no desenvolvimento de todos os envolvidos na pesquisa, já que as interações provocadas no andamento da pesquisa afetarão todos em seu processo de desenvolvimento.

Embora as quatro dimensões do PPCT devam ser levadas em consideração em uma pesquisa que se valha da metodologia de inserção ecológica, o aspecto mais relevante a ser considerado é a análise dos processos proximais, que acontecem como resultado da interação entre pesquisadores, participantes, objetos e símbolos presentes no ambiente da pesquisa, desde ao micro até ao macrossistema.

Este método tem como objetivo avaliar os processos de interação das pessoas com o contexto no qual estão se desenvolvendo. Surge como uma alternativa àqueles estudos psicológicos que enfatizam apenas as características dos indivíduos, sem valorizar o contexto, ou sendo mais específico, sem apreender o processo de desenvolvimento. O ambiente neste tipo de investigação tem, portanto, papel chave. (PRATI, COUTO, MOURA, POLETTTO & KOLLER, 2008, p. 161).

Cecconello e Koller (2003), afirmam que os processos proximais tanto podem produzir competência ou disfunção nos indivíduos que participam desses processos, de acordo com a natureza do ambiente onde eles acontecem.

As autoras em sua pesquisa observaram que a condição de vulnerabilidade social das famílias por elas estudadas, cercadas por violência e miséria, interferiu no desenvolvimento dos seus membros. Alguns fenômenos como falta de segurança no ambiente, ocupação do tráfico de drogas, roubos, assaltos e assassinatos, somados à falta de recursos financeiros e

baixo nível de educação escolar, afetam negativamente o desenvolvimento humano dos indivíduos componentes dessas famílias.

Neste sentido, a disponibilidade dos pais para serem responsivos às necessidades emocionais de seus filhos pode ser perturbada pelo seu nível de stress decorrente das dificuldades existentes no ambiente. Do mesmo modo, o baixo nível de instrução dos pais interfere na sua capacidade para transmitir aos filhos os conhecimentos e as habilidades necessárias para a resolução de problemas. Ambas as dificuldades tendem a prejudicar a qualidade dos processos proximais estabelecidos entre pais e filhos, podendo levar à disfunção (CECCONELLO e KOLLER, 2003,p.517).

Através da inserção ecológica o pesquisador não será um mero expectador externo aos processos complexos que os participantes enfrentam, já que o pesquisador estará ativamente envolvido neste processo.

É indispensável que haja reciprocidade entre pesquisadores e participantes da pesquisa sob a ótica da inserção ecológica. Para que isso realmente aconteça, é necessário que desde o início da pesquisa, os pesquisadores deixem claro para os participantes qual o tipo de troca que será proposta, tendo em vista que a participação será voluntária. Por isso mesmo, os objetivos do estudo devem ser apresentados de forma clara.

De acordo com Prati, Couto, Moura, Poletto & Koller (2008), os pesquisadores precisam deixar bem claro aos participantes quais serão as atividades, o tempo, a necessidade de envolvimento, riscos e consequências da pesquisa, assim como a devolução que será feita dos dados encontrados. Os participantes devem saber quando começa e quando acaba o processo de pesquisa, bem como deve focar muito bem definidas suas etapas. Só assim, haverá saúde nas relações entre as partes envolvidas na pesquisa.

Os autores definem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) como um bom instrumento de contrato entre as partes na construção dessa relação saudável. Ao elaborar o TCLE, os pesquisadores devem se esmerar em garantir que os procedimentos da pesquisa estejam embasados em padrões éticos, sempre enfatizando o caráter voluntário da participação de cada participante.

Outra questão importante pontuada por Prati, Couto, Moura, Poletto & Koller (2008) na utilização da inserção ecológica como metodologia de pesquisa é a necessidade de que a pesquisa seja percebida pelos participantes como algo importante para seu desenvolvimento. Para tanto, os participantes precisam ver na pesquisa uma oportunidade e não uma imposição fria do academicismo. A isso, que Bronfenbrenner chama de “validade ecológica”, onde ele afirmava a importância de se valorizar a percepção e interpretação do participante do estudo sobre a validade da pesquisa para sua vida e seu desenvolvimento.

Nesta pesquisa, a inserção ecológica foi efetivada na interação direta entre pesquisadores, colaboradores da instituição AVPM e os participantes (as famílias em vulnerabilidade social, da região de Rocha Sobrinho, Mesquita). Os pesquisadores tiveram contato direto com a realidade dessas famílias. Os grupos focais foram realizados na sede da AVPM, que também está totalmente inserida na realidade ecológica e sistêmica das famílias pesquisadas.

5.2 LOCAL DA PESQUISA DE CAMPO

A cidade de Mesquita é um município brasileiro do estado do Rio de Janeiro, que compõe a região conhecida como Baixada Fluminense. De acordo com o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹, pesquisado em 10/11/2021, vejamos alguns dados relevantes sobre o município.

Com apenas um distrito-sede, Mesquita ocupa uma área total de 42.169 quilômetros quadrados, de acordo com dados do IBGE de 2020. Sua população estimada em 2021 é de 177.016 habitantes.

Como é comum na região da Baixada Fluminense, percebemos a população mesquitense “espremida” em uma área residencial abarrotada de construções nem sempre regularizadas. Sua densidade demográfica é de 4.310,48 habitantes por quilômetros quadrados de acordo com dados do próprio IBGE do ano de 2010.

Figura 2. Fontes dos dados sobre a Cidade de Mesquita.

Área Territorial: Área territorial brasileira 2020. Rio de Janeiro: IBGE, 2021

População estimada: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2020

Densidade demográfica: IBGE, Censo Demográfico 2010, Área territorial brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2011

Escolarização 6 a 14 anos: IBGE, Censo Demográfico 2010Gondim

IDHM Índice de desenvolvimento humano municipal: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD

¹<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/mesquita.html>

Mortalidade infantil: Ministério da Saúde, Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde - DATASUS 2017

PIB per capita: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA

Há também pontos que se mostram positivos nesses dados. A escolarização das crianças de 6 a 14 anos é um dos bons exemplos, de acordo com os dados do IBGE de 2010, chegando a 97,9%. E embora haja áreas de muita vulnerabilidade social, como a área de Rocha Sobrinho que será o campo de atuação e inserção ecológica desta pesquisa, Mesquita, como um todo municipal, apresenta um IDHM razoável de 0,737, que é uma pontuação boa para a realidade brasileira. Embora a cidade apresente um IDHM razoável, o PIB per capita de 2018 foi de R\$12.879,91 enquanto o do Brasil foi de R\$32.747,00. Outro ponto positivo foi o índice de mortalidade infantil. Embora o índice de 12,75 óbitos por mil nascidos vivos (dados de 2019) não seja exatamente um número para se comemorar, ficou abaixo do índice nacional na mesma época, 14 óbitos por mil nascidos vivos.

A cidade de Mesquita, portanto, entendemos mostrar-se como uma área interessante para esta pesquisa pautada na inserção ecológica, tendo em vista apresentar um cenário típico de ambiente envolvido em contrastes sociais presentes em áreas de vulnerabilidades sociais.

O nome Mesquita é uma referência ao Barão de Mesquita, proprietário das fazendas que hoje compõem a região central da cidade.

Os limites municipais, no sentido horário, são: Nova Iguaçu, Belford Roxo, São João de Meriti, Nilópolis e Rio de Janeiro. A imagem a seguir apresenta a localização e dados do município.

Figura 3. Mapa da localização de Mesquita (RJ)



Fonte: <http://www.mesquita.rj.gov.br/pmm/unidades-assistenciais/>

Ao se tratar dos equipamentos, que são oferecidos aos moradores em áreas de vulnerabilidade social, o município possui: cinco CRAS, um Espaço Municipal de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (CONVIVE), um CREAS, duas Casas de Acolhimento, uma Coordenadoria de Política e Direitos Humanos, uma Coordenadoria de Programas de Igualdade Racial, uma Coordenadoria de Diversidade Sexual, uma Coordenadoria da Juventude, uma Coordenadoria de Políticas para as Mulheres, um Centro Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM), um Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS), um Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (COMSEAN), um Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) e um Conselho Tutelar. A vara da Infância, Juventude e do Idoso da Comarca de Nova Iguaçu é a responsável por atender o município de Mesquita.

Tabela 1. Equipamentos na região de Rocha Sobrinho e adjacências e sua área de abrangência

Equipamento	Atende a
Vara da Infância e Juventude	Nova Iguaçu e Mesquita
Conselho Tutelar	Todo o município
Casa de Acolhimento e Cidadania – CAC	Esperando informação
CREAS – Rocha Sobrinho	Todo o município
CRAS - Rocha Sobrinho	Rocha Sobrinho, Cosmorama, BNH, Vila Norma. Limites com Nilópolis: Rio Sarapuí. Limites com Cosmorama: Linha férrea, mas atende o conjunto Tetracampeão.
CRAS - Banco de Areia	Banco de Areia, Vila Emil, Centro, Jacutinga

Fonte: Elaboração própria.

A escolha por esse município para a realização desta pesquisa não foi aleatória, mas pelo fato de ser a cidade onde atua a ONG AVPM, no bairro de Rocha Sobrinho. Esta ONG tem realizado um trabalho sério e constante no combate à miséria e desinformação da

população vulnerável, através de Projetos que possibilitam incremento de saúde, educação, esporte e cultura e que visam a transformação social nessa região tão carente de assistência do Poder Público e muitas vezes esquecida por quem deveria dar suporte à sua população. A AVPM teve sua inauguração no ano de 2011 e desde o ano de 2013 atua em sua sede no bairro de Rocha Sobrinho, na cidade de Mesquita. Para cumprir seus objetivos, a AVPM desenvolve diferentes frentes e projetos. Vamos elencar alguns desses abaixo:

Laboratório de Estudos sobre Violência contra Crianças e Adolescentes (LEVICA): Este projeto é um convênio entre a AVPM e a UFRRJ, através do seu Departamento de Psicologia. Estagiários de Psicologia da UFRRJ e psicólogos voluntários dão atendimento psicológico às crianças e adolescentes vítimas de violência e seus cuidadores. As crianças e adolescentes alcançadas pelo LEVICA vêm de diferentes locais. Alguns são enviados pelo Ministério Público (MP), outros enviados pelo Conselho Tutelar e ainda há os que são frutos de demandas espontâneas da própria população de Rocha Sobrinho e adjacências. O LEVICA tem sido prolífico em produções acadêmicas, produzindo pesquisas de mestrado e doutorado e mantém um constante grupo de pesquisas e estudos sobre questões ligadas às mais diversas formas de violências.

SEMEAR: Ao perceber o déficit de aprendizagem amiúde presente nas crianças e adolescentes assistidas pela ONG, surgiu este Projeto para dar apoio às famílias através de reforço escolar no contra turno dessas crianças e adolescentes em suas escolas. Professores, pedagogos e outros voluntários dão suporte a essas crianças com reforço escolar e atividades extracurriculares, envolvendo arte e recreação.

RECRIANDO: Esse projeto é o que mais alcança os moradores em torno da ONG. Esta região de profunda vulnerabilidade social não oferece opções minimamente razoáveis de lazer, esporte e cultura. Aos sábados, cerca de cem crianças e adolescentes encontram na sede da AVPM esse ambiente com atividades esportivas e culturais, tais como jiu-jitsu, *ballet*, futebol, recreação e oficinas de arte e artesanato.

5.3 - PARTICIPANTES

Os participantes desta pesquisa foram quatro famílias em vulnerabilidade social na região de Rocha Sobrinho, na cidade de Mesquita, na Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro, usuárias do Projeto Recriando da AVPM.

As famílias que foram convidadas para serem participantes da pesquisa são famílias que têm filhos (crianças e adolescentes) usuários do Projeto Recriando, por serem famílias usuárias da ONG.

5.4 – INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados foram:

5.4.1 - Questionário Sócio Biodemográfico², composto por doze questões elaboradas de acordo com o objetivo da Pesquisa.

5.4.2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Desenvolvido pelo autor, possibilitou a autorização dos participantes para a utilização do estudo como objeto da pesquisa³.

5.4.3 – Termo de assentimento para adolescentes participantes da pesquisa, desenvolvido pelo autor⁴.

5.4.4 – Termo de anuência da AVPM, trazendo a autorização da Instituição para a realização da pesquisa em suas estruturas e com usuários de seu Projeto RECREANDO⁵.

5.4.5 –Entrevista Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS) - Entrevista visando compreender o Plano de Ação do público durante a pandemia de COVID-19 e sua e real efetividade⁶.

5.4.6 – Diário de Campo. Organizado pelos pesquisadores relatando as atividades de interação com os participantes e o ambiente, sob a perspectiva da metodologia de Inserção Ecológica.

5.4.7 – Questionário de Estilos Parentais. Este Questionário, ferramenta da Teoria de estilos parentais, possibilita de forma analítica percebermos o funcionamento relacional entre pais e responsáveis com seus filhos nos apoioando na análise dessas famílias durante a pandemia, que é o objetivo geral desta Pesquisa.

5.4.8 – Grupos Focais. De acordo com Gondim (2003), o encontro de grupos focais é uma técnica de pesquisa qualitativa que visa acolher a fala dos participantes de uma pesquisa, através de tópicos apresentados pelo pesquisador. Uma das principais características deste método, de acordo com o autor, é a possibilidade que o pesquisador tem de utilizar-se desse

² Apêndice A.

³ Apêndice B.

⁴ Apêndice C.

⁵ Apêndice D.

⁶ Apêndice E.

recurso de interação para construir a compreensão das percepções, atitudes e representações sociais do grupo humano que está pesquisando.

Os encontros dos grupos focais deste trabalho foram realizados na sede da AVPM. Tivemos quatro encontros com quatro famílias participantes, com duração de duas horas, cada encontro. Foi oferecido um lanche aos participantes, pela equipe, na intenção de aproximar as pessoas durante os encontros.

Os encontros funcionam de acordo com o roteiro abaixo:

Tabela 2. Roteiro para o Grupo Focal sobre a pandemia de COVID-19

	Objetivos	Técnicas/Procedimentos	Recursos
1º encontro	- Apresentação dos objetivos; reconhecimento e construção do grupo.	- Apresentação e exposição da proposta dos encontros, propondo o diálogo e participação das famílias; - Assinatura do TCLE pelos adultos participantes e do Termo de Assentimento para os adolescentes participantes; - Diálogo sobre a pandemia de COVID-19.	- Computador; - Data-show; - Texto elaborado pela equipe, contendo explicações sobre os encontros focais; - Galeria de fotos sobre a pandemia de COVID-19.
2º encontro	Configuração familiar com estilos parentais e vulnerabilidade	- Explicação do Conceito de estilos parentais; - Conversa sobre o videoclipe apresentado; - Explicação e aplicação do Teste de estilos parentais; - Análise juntamente com os participantes sobre as fotos apresentadas e sobre a cena do filme.	-Computador; - Data-show; -Texto elaborado pela equipe, sobre estilos parentais; - Videoclipe com a Música <i>Família</i> do Mc Tikão; - Teste de Estilos Parentais; - Galeria de fotos com lugares de vulnerabilidade; - Vídeo com recorte do filme <i>Escritores da Liberdade</i> .
3º encontro	Resiliência	- Conversa sobre a galeria de fotos e sobre vídeo apresentado, com a perspectiva de se clarificar, dentro do possível, o conceito de resiliência junto aos participantes.	- Computador; - Data show; -Galeria de fotos com cenas/imagens que apontem para resiliência; -Vídeo com recorte do filme <i>A Procura da Felicidade</i> .
4º encontro	Verificar como foi o Apoio socioassistencial durante a pandemia e qual a percepção sobre a AVPM como apoio a essas famílias.	- Discussão sobre a percepção dos participantes concernente a ação do Poder Público em favor de famílias em vulnerabilidade social e da AVPM como provável apoiadora das famílias participantes. - Análise do videoclipe apresentado.	- Computador; - Material elaborado pela equipe, apontando os equipamentos de assistência social existentes na região da pesquisa. - Videoclipe da música <i>Ser Humano</i> de Zeca Pagodinho.

Fonte: Autor

Apresentamos abaixo esses encontros de forma mais detalhada:

1º Encontro: Apresentação dos objetivos, reconhecimento e construção do grupo. Neste primeiro encontro, apresentamos aos participantes a exposição e a proposta geral, como um panorama para as propostas específicas de cada encontro. Também entramos em acordo com os participantes para definirmos a periodicidade dos encontros. Concordamos serem encontros quinzenais, aos sábados, que já é o dia do Projeto Recriando na AVPM.

Iniciamos nosso encontro com uma dinâmica relacional. Lemos o TCLE para os participantes e após dirimir as dúvidas, já que todos concordaram com o Termo, coletamos as assinaturas de todos os participantes.

Foi lido um texto, preparado pela Equipe de Pesquisa, contendo uma breve explicação da metodologia de grupos focais, regras deste grupo e panorama dos encontros.

Finalmente foi exposto um vídeo com fotos, via data-show sobre a temática da pandemia de COVID-19 e a seguir compartilhamos sobre o tema. Seguindo-se assim a proposta deste grupo focal.

Questões que buscamos responder neste encontro:

1. O que você entendeu sobre a pandemia de COVID-19?
2. Qual sua opinião sobre o uso de máscaras durante a pandemia?
3. Qual a sua opinião sobre distanciamento social durante a pandemia?
4. Qual sua opinião sobre as vacinas contra Covid?
5. Você usou máscara durante a pandemia?
6. Você manteve distanciamento social?
7. Você tomou a vacina contra COVID-19? Se tivesse tomado, tomou todas as doses necessárias?
8. Como você percebeu em linhas gerais o comportamento da sua vizinhança durante a pandemia?

2º Encontro – Neste encontro o tema norteador foi um tema complementar Configuração familiar com estilos parentais e Vulnerabilidade. O objetivo foi proporcionar um espaço de discussão sobre as diferentes configurações familiares e investigar a provável relação dessas configurações e a compreensão do conceito de vulnerabilidade pelos praticantes.

Iniciamos este encontro relembrando o anterior e ouvindo dos participantes suas impressões e abrindo espaço para dirimir dúvidas que tenham ficado a partir do encontro anterior.

Apresentamos o videoclipe da música *Família* de Mc Tikão⁷. Posteriormente fizemos uma exposição sobre o conceito de estilos parentais, de modo claro e compreensível aos participantes, para, finalmente, aplicarmos o teste de estilos parentais.

Em seguida, compartilhamos um vídeo com fotos com lugares de vulnerabilidade, via datashow. Discutimos os pontos em que as imagens se assemelham e os pontos em que elas divergem da realidade deles. Por fim, exibimos uma cena do filme *Escritores da Liberdade* (*Freedom Writers*).

Questões que buscamos responder neste encontro:

- 1 - Como é configurada sua família?
- 2 - Seus pais foram casados legalmente ou tinham união estável? Se sim, permaneceram assim por quanto tempo?
- 3 - Você já ouviu o termo “Vulnerabilidade Social”? Se já ouviu, explique como você entende esse termo.
- 4 - Você acredita que sua família está em um lugar com vulnerabilidade social?
- 5 - Como é configurada sua família?
- 6 - Seus pais foram casados legalmente ou tinham união estável? Se sim, permaneceram assim por quanto tempo?
- 7 - Você já ouviu o termo “Vulnerabilidade Social”? Se já ouviu, explique como você entende esse termo.
- 8 - Você acredita que sua família está em um lugar com vulnerabilidade social?

3º Encontro – O tema deste encontro foi Resiliência. Neste encontro, conversamos com os participantes sobre suas percepções a respeito do tema. A partir de imagens e vídeos que apontaram para o tema, especialmente uma cena do filme protagonizado por Will Smith, *À Procura da Felicidade* (*The Pursuit of Happyness*).⁸

Questão que buscamos responder neste encontro:

Você acredita que teve apoio familiar para enfrentar as questões difíceis da vida? Explique sua resposta.

4º Encontro – Neste encontro discutimos com os participantes a atuação do Poder Público direcionada às famílias em vulnerabilidade social. Reforçamos o quanto este encontro foi central na análise à qual se propõe esta pesquisa. Fizemos uma breve apresentação sobre a política de Assistência Social e seus equipamentos socioassistenciais de

⁷ Disponível em: https://youtu.be/_aJ_UfQzPJs

⁸ Disponível em: <https://youtu.be/ppgpwXI9R7A>

referência na região de aplicação da pesquisa. Observamos a percepção dos participantes enquanto usuários em potencial desses equipamentos, a partir de suas percepções em relação à eficiência dos mesmos em assistir à população vulnerável da região.

Neste que foi o último encontro do grupo focal, ampliamos a discussão a respeito do atendimento às famílias vulneráveis, agora a partir das instituições do terceiro setor que atuam na região, sobretudo a AVPM. Apreendemos, assim, como os participantes percebem a atuação destas instituições, bem como o tipo de interação que os mesmos têm com essas organizações. Finalizamos com a apresentação do videoclipe da música *Ser Humano* de Zeca Pagodinho⁹, a fim de reforçarmos a importância da empatia nas relações humanas, a partir da perspectiva que eles têm da própria AVPM.

Questões que buscamos responder neste encontro:

1- Você entende o conceito de Políticas Públicas? Se sim, explique o que entende sobre esse conceito.

2- Quais as Políticas Públicas oferecidas para sua região você conhece?

3- Cite quais os equipamentos de serviço público que você conhece na sua região.

4- Qual sua opinião sobre o trabalho do Governo Municipal (Prefeitura) durante a pandemia?

5- Qual sua opinião sobre o trabalho do Governo do Estado durante a pandemia?

6- Qual sua opinião sobre o trabalho do Governo Federal durante a pandemia?

7- Qual sua opinião sobre o trabalho da Associação Vida Plena de Mesquita durante a pandemia?

5.5 PROCEDIMENTOS

Primeiramente, a pesquisa foi submetida a análise do Comitê de Ética da Plataforma Brasil. Após aprovação da AVPM, a autorização para a realização da pesquisa. Em seguida, famílias participantes foram convidadas a participar da pesquisa. Realizamos uma entrevista na instituição com as famílias convidadas para a pesquisa. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B), no qual foram explicados os objetivos da pesquisa, destacando que poderiam desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Embora houvesse a ideia inicial no Projeto de se apresentar o Termo de Assentimento para os adolescentes participantes da pesquisa, isso não se fez necessário, já que não houve a participação de nenhum adolescente. Os entrevistados permitiram que as entrevistas fossem gravadas em vídeo, preservando-se o anonimato dos participantes e a

⁹ Disponível em: <https://youtu.be/ZXTtCESS5bE>

confidencialidade das informações obtidas. Para isso assinaram um Termo de Direito de Imagem e Áudio. Optamos pelo Questionário Sociobiodemográfico para levantamento de dados sobre os participantes. Foram realizados Questionários de Estilos Parentais com os participantes. Os encontros para discussão sobre a temática da Pesquisa, utilizando-se do método denominado grupos focais, foram gravados, em áudio e vídeo, preservando-se o anonimato dos participantes e a confidencialidade das informações. As discussões foram transcritas e analisadas para análise e desenvolvimento do texto final da dissertação. Havia a ideia no Projeto de se realizar um curta metragem com cenas captadas na época da coleta como forma de agradecimento a ONG e posterior envio à Secretaria de Assistência do Município de Mesquita para discussão sobre os conteúdos trabalhados e possíveis retornos para as comunidades estudadas, como produto final, porém não conseguimos cumprir este propósito.

Entrevistamos um representante do órgão responsável pela coordenação e execução da política de Assistência Social no município de Mesquita¹⁰. O modelo desta entrevista está registrado no Apêndice E. Conseguimos, assim, ouvir um representante dos gestores a respeito do plano de ação do município no que tange a própria política de Assistência Social em seu planejamento ordinário, bem como os planos de ação emergencial devido à pandemia de COVID-19. Esta entrevista foi semiestruturada e sua íntegra foi transcrita. O entrevistado é Coordenador da Proteção Social Básica, da Subsecretaria de Saúde do Município e está na função há pouco tempo, desde novembro de 2021. Ele anteriormente trabalhava no fórum com medida alternativa. Foi para assistência, como técnico, onde assumiu a coordenação de dois CRAS antes de vir para esta coordenação atual.

5.6 TREINAMENTO DA EQUIPE

A Equipe teve três encontros de treinamento. No primeiro encontro analisamos e discutimos o Projeto. No segundo, estudamos sobre grupos focais. No terceiro encontro estudamos sobre Diário de Campo.

5.7 QUESTÕES ÉTICAS

Esta Pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Plataforma Brasil, conforme o **Parecer número 5.706.700**. Foi uma pesquisa estruturada conforme os requisitos da Resolução 466/12 do CNS e suas complementares, que versa sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, comprometendo-se a utilizar os

¹⁰ Apêndice F.

dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Foram observados os seguintes riscos para os voluntários participantes do estudo: sentirem algum desconforto ao responder às perguntas relacionadas com o histórico das suas famílias e estilos parentais, além de questões que envolvam o desenvolvimento dos seus filhos, comportamentos e relacionamentos interpessoais.

Foram observados os seguintes benefícios para os voluntários participantes do estudo: auxiliar na elaboração de um projeto que tem por objetivo possibilitar o conhecimento de como famílias em vulnerabilidade social lidam com episódios análogos à pandemia de COVID-19, além de viabilizar planejamentos futuros para possíveis programas de Políticas Públicas para populações em vulnerabilidades sociais; e, finalmente levantar questões relevantes para futuras pesquisas acadêmicas sobre a temática.

Os participantes foram informados que não pagariam nada e nem receberiam nenhum pagamento para participar desta pesquisa, pois foi realizada de forma voluntária, mas ficou também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação dele na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Não houve necessidade de os pesquisadores assumirem despesas para a participação das famílias com transportes, pois não foi necessário. A própria instituição AVPM ofereceu os lanches para os participantes, durante os encontros de grupos focais. Os dados coletados durante a pesquisa , ficaram armazenados em pastas de arquivo pessoal, sob a responsabilidade de Ana Cláudia de Azevedo Peixoto, no endereço UFRRJ, BR-465, Km 7 Seropédica-Rio de Janeiro. CEP: 23.897-000, pelo período mínimo de 05 anos.

6 REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Desde 1980 a revisão integrativa é relatada na literatura como método de pesquisa (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008). Este método inclui a análise de pesquisas relevantes, viabilizando a síntese de um determinado assunto, sinalizando também lacunas que precisam ser ocupadas com a produção de novas pesquisas. Desta forma, Mendes, Silveira e Galvão afirmam:

Para a elaboração da revisão integrativa, no primeiro momento o revisor determina o objetivo específico, formula os questionamentos a serem respondidos ou hipóteses a serem testadas, então realiza a busca para identificar e coletar o máximo de pesquisas primárias relevantes dentro dos critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos. O propósito inicial deste método de pesquisa é obter um profundo entendimento de um determinado fenômeno baseando-se em estudos anteriores, sendo necessário seguir padrões de rigor metodológico, clareza na apresentação dos resultados, de forma que o leitor consiga identificar as características reais dos estudos incluídos na revisão (Ibid., p. 760).

6.1 ESTRATÉGIA DE PESQUISA

O objetivo da Revisão Integrativa é identificar e sintetizar a literatura científica acerca das famílias em situação de vulnerabilidade social durante a pandemia do COVID-19. Para realização da revisão integrativa foi necessário seguir os seguintes passos: 1º elaboração da pergunta norteadora; 2º busca ou amostragem na literatura, 3º coleta de dados, 4º análise crítica dos estudos incluídos, 5º discussão dos resultados e 6º apresentação da Revisão Integrativa (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Os dados coletados foram interpretados através do método da Análise de Conteúdo de Bardin (2010) que é uma metodologia de pesquisa utilizada para descrever e interpretar o conteúdo documentos, artigos e textos analisados em uma pesquisa. Na análise de conteúdo ocorre a “categorização (passagem de dados em bruto a dados organizados) não introduz desvios (por excesso ou por recusa) no material, mas que dar a conhecer índices invisíveis, ao nível dos dados em bruto” (BARDIN, 2010, p.147).

Seguindo as fases na elaboração da Revisão Integrativa da literatura, foi elaborada a pergunta norteadora: “Como as famílias em situação de vulnerabilidades sociais passaram pela pandemia de COVID-19?”. A delimitação da questão da pesquisa ocorreu através do levantamento de conceitos chaves relacionados ao objetivo central da pesquisa. Após esta definição, foram combinadas as palavras-chaves: “vulnerabilidade social”; “famílias”; “inserção ecológica”; “pandemia”; “COVID-19”. Para o levantamento dos artigos na literatura, realizou-se uma busca nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e o Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC).

6.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Na segunda etapa, ocorreu a busca ou amostragem da literatura nas bases de dados indicadas para a identificação dos artigos. O estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos é precedente e análogo à busca na literatura, pois organiza, filtra e direciona o trabalho para o seu objetivo, possibilitando a validação e viabilização da revisão (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). As estratégias de busca foram planejadas para encontrar estudos que estavam na combinação das palavras-chaves utilizando os operadores booleanos OR e AND, com o intuito de refinar e ampliar a procura (BERWANGER et al., 2007).

Os critérios de inclusão e exclusão adotados nesta pesquisa foram: artigos publicados em português, publicados nos últimos dois anos (2020-2022); foram excluídos artigos que não estejam relacionados à Psicologia ou ao COVID-19, teses de doutorados e dissertações de mestrado. Posteriormente à busca inicial, foi realizada a análise dos títulos e resumos dos artigos e foram selecionados aqueles disponíveis na íntegra. Os artigos que cumpriram os critérios de inclusão e exclusão foram analisados na íntegra e integrados na pesquisa.

6.3 ANÁLISE DOS DADOS

A terceira fase do estudo consistiu na coleta de dados por meio de um instrumento elaborado previamente, para assegurar que os dados relevantes e precisos sejam extraídos na checagem das informações encontradas nas bases de dados.

Nessa etapa da revisão integrativa, foram organizadas e sumarizadas as informações de maneira objetiva, formando um banco de dados de fácil acesso, para a posteriormente a realização da seleção que garante a qualidade, confiabilidade e amplitude da revisão integrativa.

Através deste instrumento descritivo (Tabela 3) foram incluídos os seguintes elementos: autoria, ano de publicação, título, amostra do estudo, os objetivos, metodologia empregada, resultados e as principais conclusões de cada estudo.

6.4 RESULTADOS

A busca inicial nas bases de dados gerou um total 2.358 documentos (Tabela 4), sendo 890 estudos da plataforma BVS, e 1.468 trabalhos na plataforma PePSIC. Desses estudos, 2.331 foram excluídos devido aos critérios de inclusão e exclusão.

Tabela 3 - Descrição quantitativa dos resultados da busca nas bases de dados

BASE DE DADOS	DOCUMENTOS ENCONTRADOS
BVS	890
PePSIC	1.468
TOTAL	2.358

Fonte: Autor.

Na base de dados BVS foram encontrados 890 estudos, destes, apenas 12 foram selecionados após a leitura dos títulos. Os demais trabalhos foram excluídos por: 1) Não serem artigos publicados em português; 2) Não terem sido publicados nos últimos dois anos (2020-2022); 3) Não estarem relacionados à Psicologia; 4) Teses de doutorados e dissertações de mestrado também não foram considerados.

Na plataforma de dados PePSIC, foram encontrados 1.468 documentos, entretanto, apenas 15 foram selecionados após a leitura dos títulos. Os demais trabalhos foram excluídos por: 1) Não serem artigos publicados em português; 2) Não terem sido publicados nos últimos dois anos (2020-2022); 3) Não estarem relacionados à Psicologia; 4) Teses de doutorados e dissertações de mestrado também não foram consideradas.

No total, reunindo todos os documentos (Tabela 3), obteve-se um total de 27 estudos selecionados, a partir da leitura dos seus respectivos títulos, ano de publicação, idioma e tipo de documento, nas duas bases de dados, para a análise dos resumos.

Tabela 4 - Descrição quantitativa dos artigos selecionados a partir da leitura dos títulos

BASE DE DADOS	DOCUMENTOS SELECIONADOS
BVS	12
PePSIC	15
TOTAL	27

Fonte: Autor.

Na quarta fase ocorreu a análise crítica dos estudos incluídos, ou seja, a aceitação ou rejeição dos artigos, mediante suas características, e segundo o delineamento da pesquisa. Após a leitura dos resumos dos 27 artigos selecionados, quatro estudos foram excluídos por não tratarem da temática a partir da teoria desejada; 14 artigos foram excluídos por não

abordarem o foco de interesse deste estudo, três artigos foram excluídos por não estarem relacionados à Psicologia ou ao COVID; e três trabalhos foram excluídos por repetição. Restando três artigos eleitos para leitura na íntegra, apresentando no quadro abaixo (Tabela 5).

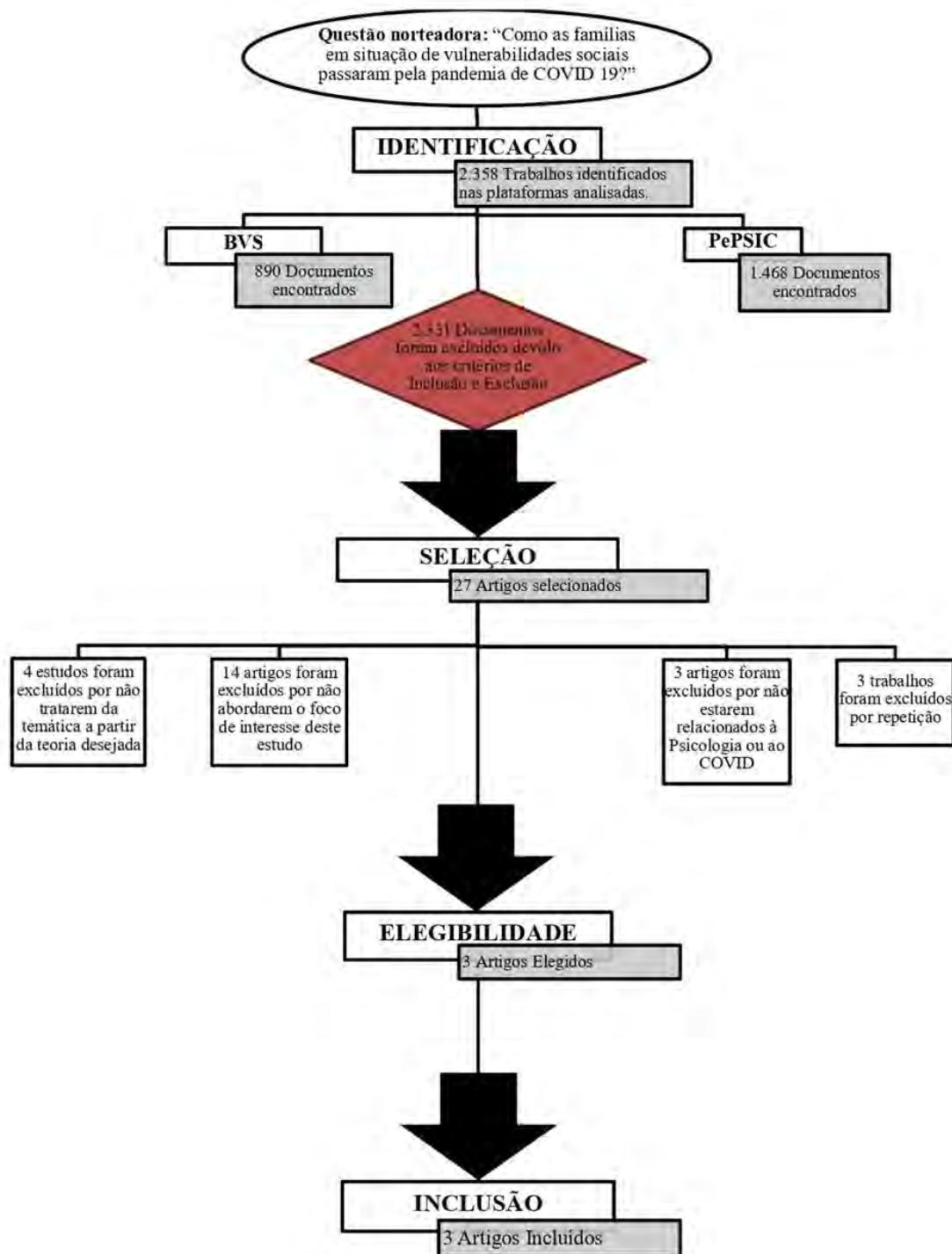
Tabela 5 - Quadro de Artigos Selecionados para Leitura na Íntegra

Nº	Título
1	Impactos da pandemia de COVID-19 nos casos de violência doméstica contra mulheres
2	Violência contra a mulher: vulnerabilidade programática em tempos de SARS-Cov-2/ COVID-19 em São Paulo
3	Exclusão sociodigital e desproteção de crianças, adolescentes e famílias em tempos de crise

Fonte: Autor.

Após a leitura integral dos três artigos que tratam sobre famílias brasileiras em situação de vulnerabilidade durante a pandemia de COVID-19 a partir da Psicologia, os três trabalhos foram incluídos como mostra o fluxograma abaixo (Figura 1). Pode-se concluir que quanto ao delineamento foi observado que nenhum dos artigos incluídos se referia à revisão de teoria ecológica de Bronfenbrenner. Resultando em três artigos que tratam da violência doméstica contra mulheres, e que um que aborda a Exclusão sociodigital, desproteção de crianças, adolescentes e famílias na pandemia por COVID-19, o que compõem a amostra final deste estudo e podem ser visualizados na Figura 1 e na Tabela 4.

Figura 4 - Fluxograma da Revisão Integrativa



Fonte: Autor

6.5 DISCUSSÃO

A pesquisa nas bases de dados indicou que não existem muitos estudos acerca da temática investigada, ou seja, como famílias em situação de vulnerabilidade social vivenciaram a pandemia por COVID-19. Os documentos incluídos nesta revisão seguem os critérios anteriormente definidos, e estão veiculados com a língua portuguesa, entre 2020 e 2022, que sejam do campo da Psicologia ou sobre a COVID-19. A seguir, apresentam-se as principais características das publicações incluídas na revisão integrativa, com base na distribuição dos estudos segundo título dos artigos, autores, mês e ano de publicação, plataforma de busca e objetivo principal.

Tabela 6 – Tabela dos Artigos Incluídos na Revisão Integrativa

º	Base de Dados	Título do artigo/ Título do periódico/ Autores	País/ Idioma/ Ano de publicação	Objetivos	Metodologia	Resultados
	BVS	Impactos da pandemia COVID-19 nos casos de violência doméstica contra mulheres/ Revista Barbarói/ VASCONCELOS; VIANA; FARIAS	Brasil/ Português/ 2021	Investigar os impactos da pandemia COVID-19 nos casos de violência contra a mulher	Revisão integrativa de literatura	Os trabalhos investigados possibilitaram a compreensão da importância do acesso e da aplicabilidade das Políticas Públicas no combate à violência doméstica contra a mulher, principalmente durante as crises de saúde pública.

	BVS	Violência contra a mulher: vulnerabilidade programática em tempos de sars-cov-2/ COVID-19 em São Paulo/ Revista: Psicol. soc. (Online)/ CAMPOS; TCHALEKIAN; PAIVA.	Brasil/ Português/ 2020	Discutir a resposta à violência contra as mulheres nos primeiros meses da pandemia de SARS-CoV-2/COVID-19, focalizando a dinâmica da vulnerabilidade programática com base em relatos de profissionais de saúde e assistência social que estão atuando na atenção de mulheres em situação de violência em territórios socialmente vulneráveis.	Pesquisa-intervenção	Os resultados indicaram uma resposta programática contraditória ao inédito contexto psicosocial marcado pela redução brusca da renda familiar e aumento do uso abusivo de álcool e outras drogas.
--	-----	--	-------------------------	--	----------------------	---

	BVS	Exclusão sociodigital e desproteção de crianças, adolescentes e famílias em tempos de crise/ Revista Pesqui. prát. Psicossociais/ COELHO; CONCEIÇÃO.	Brasil/ Português/ 2021	Realizar uma análise psicossociológica das atuações da rede de proteção a crianças, adolescentes e suas famílias em contexto de desproteção social, vulnerabilidade relacional e exclusão sociodigital em tempos de COVID-19.	Revisão de literatura e relato de experiência de encontros on-line de redes sociais do Distrito Federal	A exclusão digital sempre esteve presente no Brasil, mas pouco se falava dela sob a forma de melhoria de condições sociais ou de acesso a direitos. A pandemia causada pela COVID-19 colocou a exclusão digital em um patamar de desproteção social, além de as destituíram de outros direitos. Considerando que muitos serviços, para serem acessados, tinham como exigência prévia agendamentos e acompanhamentos de forma on-line ou via telefone, o distanciamento social fez com que esse formato de atendimento fosse ampliado, o que dificultou o acesso a direitos. Essa exclusão atingiu sobremaneira crianças e adolescentes devido à adoção do ensino remoto, o qual vai muito além da aprendizagem, pois é sentido como meio de proteção e cidadania.
--	-----	--	-------------------------	---	---	---

Fonte: Autor

A partir da análise os dados de Bardin (2010) foram organizados nas seguintes categorias analíticas: 1. Aumento da violência doméstica durante o isolamento social da pandemia; e 2. A exclusão e desproteção social foram ampliados pela COVID-19. As discussões serão apresentadas a partir desses dois pontos.

6.5.1 Aumento da violência doméstica durante o isolamento social da pandemia

A violência é um problema complexo, multicausal e que impacta a sociedade de diferentes formas, causando prejuízos físicos, psicológicos, emocionais, e em muitos casos, chegar a danos irreparáveis, como a morte. Nesse sentido, tal fenômeno, passa a ser considerado um problema de Saúde Pública, além de ser de ordem social, justiça e de segurança.

Para a World Health Organization (1996), a violência pode ser definida como o uso intencional de força física ou poder, real ou como ameaça contra si próprio, outra pessoa, um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tem grande probabilidade de resultar em ferimentos, morte, danos psicológicos, desenvolvimento prejudicado ou privação.

No artigo de Vasconcelos, Viana e Farias (2022) é apresentado os dados da segunda edição da pesquisa Visível e Invisível de 2019 do FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019), onde 76,4% dos agressores que praticam violência doméstica contra são namorados ou cônjuges (23,8%), ex-namorados ou ex-companheiros (15,2%) e vizinhos (21,1%), indicando que 42% dos atos de violência contra a mulher acontecem dentro de casa e, em 52% dos casos, as mulheres não relatam sobre o episódio.

Por isso é de extrema importância falar sobre o contexto de violência e feminicídio que muitas mulheres brasileiras se encontraram no ano de 2020, ano onde houve o isolamento social, causado pela pandemia de COVID-19. Segundo o site da Agência Brasil (BOND, 2020 apud VASCONCELOS; VIANA; FARIAS, 2022) houve um aumento considerável no número de denúncias de violência doméstica. Mostrando que o período de isolamento, onde as pessoas precisavam estar dentro de casa para evitar a propagação do vírus, na realidade contribuiu para o aumento da violência contra a mulher e, em casos mais extremos, para os feminicídios.

Esses dados mostram como o próprio lar pode ser o local mais perigoso para algumas pessoas, especialmente mulheres, crianças e idosos. Vasconcelos, Viana e Farias (2022) e Campos, Tchalekian e Paiva (2020) são os autores de estudos analisados que discutem o impacto do isolamento nos casos de violência doméstica contra mulheres.

No artigo de Campos, Tchalekian e Paiva (2020) é apresentado alguns dos motivadores das práticas de violência doméstica contra mulheres e conflitos conjugais na pandemia, entre eles estão: as incertezas financeiras e o estresse e ansiedade causados pelo isolamento. Os autores indicam que as principais causas do aumento da violência doméstica

durante a pandemia de COVID-19 foram: a diminuição da renda familiar, falta de comida, água e outros insumos básicos, o uso e abuso de álcool e outras drogas.

Nessa pesquisa, os autores também apresentaram os resultados de uma entrevista semiestruturada realizada em maio de 2020 na cidade de São Paulo, com profissionais que trabalham na Rede de Enfrentamento à Violência, associado ao Sistema Único de Saúde (SUS) e ao Sistema Único de Assistência Social (SUAS) (CAMPOS; TCHALEKIAN; PAIVA, 2020). Nos resultados de Campos, Tchalekian e Paiva (2020), a procura das mulheres pelos serviços de assistência e segurança diminuiu expressivamente durante a pandemia. Enquanto que em contramão, houve um aumento nos números de denúncias sobre violência doméstica contra a mulher e casos de feminicídios. Os serviços sociais e assistenciais são extremamente importantes, pois fornecem cuidado, proteção, acolhimento, escuta, reestruturação e ressignificação diante de sua realidade de violências e traumas que prejudicam de forma significativa a vida dessas mulheres.

Na Revisão Integrativa de Literatura das autoras Vasconcelos, Viana e Farias (2022) é fornecido diferentes dados, e entre eles está o da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020 apud VASCONCELOS; VIANA; FARIAS, 2022), que mostra como a violência contra mulher aumentou drasticamente durante a pandemia, onde os casos de feminicídios aumentaram 22,2% entre março e abril do ano de 2020 em relação ao ano anterior dos estados brasileiros. Também confirma uma queda no número de denúncias e boletins de ocorrências, expondo o estado de vulnerabilidade e dificuldades que diversas mulheres tiveram no período do isolamento social proporcionado pela COVID-19, por estarem confinadas em casa com seus agressores.

Cortes e colaboradores (2020 apud VASCONCELOS; VIANA; FARIAS, 2022, p. 49) “evidenciam que o aumento do número de casos de violência doméstica durante a pandemia teve como um dos fatores motivadores principais a instabilidade econômica que muitas famílias vivenciaram”. Nesse período diversas famílias lidaram com a perda de seus empregos e, provocando conflitos, tensões emocionais, o estresse, o fechamento dos serviços envolvidos no enfrentamento da violência contra mulheres, o uso e abusos de substâncias e a sobrecarga das atividades relacionadas a mulheres agravaram os casos de violência doméstica durante a pandemia de COVID-19.

O estudo ressalta que a pandemia ampliou esse ciclo de violência física, psicológica e sexual, também de forma familiar, além de relacionar esse período de isolamento como propiciador de adoecimento mental, pois conforme o estudo, o distanciamento social pode ocasionar fatores estressores e ser desencadeador de depressão preexistente, ansiedade, ideação suicida, pânico e doenças psicossomáticas como a

insônia, entre outras (EMEZUE, 2020 apud VASCONCELOS; VIANA; FARIAS, 2022, p. 51).

É importante salientar que a violência doméstica e familiar é um fenômeno mundial que permeia as desigualdades de gênero e a violação dos direitos humanos, capaz de comprometer a saúde de todos envolvidos, sejam elas, vítimas, agressores ou população civil. O primeiro reflexo da violência doméstica é no círculo familiar, onde impactará no desenvolvimento saudável, na formação e na personalidade dos filhos e filhas, que presenciam ou também sofrem com a violência. Desta forma, é imprescindível os profissionais que trabalham com esse tema precisam estar orientados e capacitados para o seu enfrentamento.

6.5.2. A exclusão e desproteção social ampliados pela COVID-19

Em 2020, o mundo foi impactado pela COVID-19, e principalmente os países mais vulneráveis, incluindo as crianças, mulheres e as famílias das comunidades mais vulneráveis. As medidas de prevenção e diminuição da propagação do vírus recomendadas pelos órgãos nacionais e internacionais não são simples e de fácil acesso para todos, ainda mais para aqueles de regiões que vivem em situação de pobreza e extrema pobreza.

O Brasil é um país marcado pela desigualdade social, e o surgimento da COVID-19 ampliou e agravou ainda mais os problemas que as regiões mais vulneráveis já enfrentavam. Problemas como a falta de saneamento básico e condições de moradia precária, sistema de saúde insuficiente, e a crise política foram algumas das dificuldades enfrentadas por essas populações.

O Brasil não conseguiu ser diferente do que tem ocorrido no resto do mundo, assim, aqui os mais vulneráveis entre os vulneráveis foram afetados de forma mais perversa pela crise sanitária. A perversidade engloba mais um risco, ou seja, a COVID-19 é apenas mais um risco que, para essas pessoas, são violência, fome, medo, condições muito ruins de moradia e não acesso aos serviços públicos. Ou seja, a COVID-19, nas favelas brasileiras, emergiu como apenas mais uma situação de risco àquelas famílias (CARVALHO; SOUZA; GONÇALVES; ALMEIDA, 2021, p. 4).

Coelho e Conceição (2021) são as autoras dos estudos analisados que discutem a exclusão e desproteção social ampliados pela COVID-19, que de início já apontam como exclusão social é um processo complexo, multifacetado, que traz dimensões objetivas da desigualdade social, dimensões éticas das injustiças, e subjetivas do sofrimento (SAWAIA, 1999 apud COELHO; CONCEIÇÃO, 2021).

Para Coelho e Conceição (2021, p.3), o distanciamento social “tornou visível diversos desafios mundiais que foram agravados pela ampliação da desproteção social no

âmbito da segurança de autonomia e renda, de acolhida e acesso a serviços e de convivência familiar e comunitária”. Ou seja, o acesso a bens coletivos, ao convívio social e à preservação da dignidade humana também estão incluídos neste conjunto.

Além disso, as autoras pontuam a exclusão digital com fator de desproteção social, dificultando o acesso de famílias e indivíduos à rede de serviços e à convivência, reduzindo o sentido de cidadania e o reconhecimento social.

Para Campbell (2020) e Vieira, Garcia e Maciel (2020 apud COELHO; CONCEIÇÃO, 2021), a pandemia de COVID-19 marcou a convivência familiar e comunitária, gerando uma ampliação de desproteções, com aumento de situações de violência doméstica nas diversas classes sociais. Isso é evidenciado quando estudos demonstram uma redução no número de denúncias nos casos de violência contra a criança, em contraste com as denúncias de violência doméstica, sinalizando que a redução do acesso à rede de proteção gera maior dificuldade de detecção de situações de desproteção (COELHO; CONCEIÇÃO, 2021).

Além disso, a pandemia ressaltou as desigualdades sociais encontradas na sociedade, seja de raça, gênero ou classe social, cujos dados sofrem como subnotificação no Brasil, “bem como a ampliação das questões de violência e desproteção, mostrando que o impacto da pandemia atinge mais os grupos sociais historicamente negligenciados” (COELHO; CONCEIÇÃO, 2021, p. 4).

A partir dessas evidências, e com o fato de que no período pandêmico diversos serviços estavam sendo mantidos através do atendimento remoto, um dos grandes desafios foi atender as populações e famílias mais vulneráveis visto que estas sofrem com a falta de acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Coelho e Conceição (2021) ressaltam que muitas famílias não conseguiram, puderam manter o isolamento social por diferentes fatores, principalmente pela necessidade de se conseguir renda, através de trabalhos precários, informais, de baixo salário, e insalubres devido a crise econômica e insuficiência dos benefícios emergenciais pagos pelo Estado brasileiro. Para, além disso, “a recomendação sanitária do isolamento social perde totalmente o sentido nesses contextos de extrema pobreza, nos quais as residências são divididas por vários habitantes, não possuem água limpa e encanada, nem sistema de esgoto” (COELHO; CONCEIÇÃO, 2021, p. 4).

Esse contexto demonstra a falta de acesso a serviços e direitos básicos, onde muitas vezes, as famílias permanecem distanciadas dos serviços dos quais necessitam. Campbell (2020 apud COELHO; CONCEIÇÃO, 2021) aponta que o aumento das demandas de

atendimento às vítimas de violência, como abuso infantil e outras situações de violência intrafamiliar, exigirá a ampliação de serviços e atendimentos, além de parcerias da rede intersetorial e social.

Através de um relato de experiência da atuação de algumas redes sociais do Distrito Federal, Coelho e Conceição (2021) apontam as dificuldades e possibilidades de atuação para a proteção de crianças, jovens e suas famílias, focando exclusão social e na ampliação de demandas durante e pós-pandemia.

É importante salientar que devido à situação pandêmica, “a dinâmica familiar pode ter sido afetada tanto por fragilização e rupturas de vínculos familiares quanto pela ampliação da convivência” (COELHO; CONCEIÇÃO, 2021, p. 5). E isto pode provocar a desproteção ou intensificar certos vínculos, gerando diversas consequências como no caso das mulheres, que passam a cuidar mais dos outros, além de intensificar os conflitos existentes e, de forma mais grave, ampliar situações de violência intrafamiliar. A pandemia provocou situações de discriminação, em razão das desigualdades sociais, e situações de isolamento dos idosos, que tiveram que se afastar ainda mais de suas redes de apoio.

Quando se fala de famílias marcadas e vulnerabilidades pela pobreza, a pandemia corrobora para que essa situação socioeconômica se agrave ainda mais e o acesso a serviços se restrinje, provocando a ampliação da desproteção social, do estresse no cuidado e da falta de garantia em relação às proteções básicas e de convivência, intensificando as desigualdades.

A pandemia mudou o funcionamento e a atuação da rede de apoio a crianças e adolescentes, acarretando no fechamento das escolas, na ampliação do estresse parental e no aumento da insegurança alimentar, especialmente no caso de crianças e famílias em maior vulnerabilidade (COELHO; CONCEIÇÃO, 2021).

Outro ponto complexo, apresentado por Fry-Bowers (2020 apud COELHO; CONCEIÇÃO, 2021, p. 6), “refere-se à passagem da aprendizagem educacional para os meios virtuais, ampliando as desigualdades, em especial para crianças negras e em vulnerabilidade socioeconômicas, as quais não têm acesso a computadores e/ou internet”, sendo mais complexo ainda as situações onde existem crianças com deficiência e famílias migrantes.

Segundo Coelho e Conceição (2021, p. 8), “a exclusão digital sempre esteve presente no Brasil, mas pouco se falava dela sob a forma de melhoria de condições sociais ou de acesso a direitos”. A pandemia da COVID-19 colocou luz sobre esse tópico, colocando a exclusão digital como forma de desproteção social, além de constituir outros direitos. A crise pandêmica reforçou o que já era sabido, o Brasil contribui para perpetuação das desproteções

estruturais e históricas que acometem diversas famílias, problemas estes que são anteriores à crise sanitária, com dificuldades significativas no acesso a serviços.

No caso brasileiro, a crise sanitária apenas sublinhou aquilo que já era fato concreto no país. O que a pandemia evidenciou é o papel dos serviços públicos de saúde (Sistema Único de Saúde) no Brasil para atender, gratuitamente, as pessoas que demandam, além de promover e regular o acesso às vacinas. O marcador que mais salta aos olhos é a necessidade do país em melhorar a vida das pessoas não só durante a pandemia, mas atuar de forma ampla, por meio de políticas públicas orientadas para reduzir desigualdades e vulnerabilidades. Só ações amplas poderão superar a perversidade da desigualdade estrutural, a qual foi reforçada e potencializada pela pandemia (CARVALHO; SOUZA; GONÇALVES; ALMEIDA, 2021, p. 4).

Diante dos diferentes impactos sociais e comunitários, relacionais e individuais, além de risco de perdas/separação dos provedores em decorrência da COVID-19, Coelho e Conceição (2021) apontam que a rede deve: ampliar campanhas de prevenção sobre os diferentes tipos de maus-tratos contra crianças e adolescentes, ampliar serviços de atendimento e acolhimento socioassistencial, jurídico e de saúde às mulheres, crianças e adolescentes em situação de violência, e estimular as famílias a manterem contato com as redes, para que seja possível, o apoio e proteção em situação de violência.

Tudo o que foi levantado acima demonstra a necessidade da manutenção da comunicação, do convívio e da relação entre serviço-família-comunidade, para que seja possível a proteção de crianças e adolescentes. Garantindo o acesso a direitos, escuta e acolhimento.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO DO TRABALHO DE CAMPO

7.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa representantes de quatro famílias usuárias do Projeto Recriando, da AVPM. Todos moradores das comunidades ao entorno da instituição: Vinidão, Grotão e Sebinho, que fazem parte do bairro de Rocha Sobrinho, em Mesquita (RJ), onde está a AVPM.

Os participantes serão identificados por símbolos alfabéticos. Como uma das famílias representadas veio com um casal, ficará assim a representação dos participantes: A1, A2, B, C e D.

De acordo com a tabela do Anexo F, dois participantes têm entre 15 e 34 anos e três têm entre 35 e 44 anos; sobre a identidade de gênero, todos se identificam como cisgêneros, sendo dois homens e três mulheres. Sobre a escolaridade, apenas uma pessoa completou o Ensino Médio, outros dois participantes têm o ensino médio incompleto, uma outra pessoa tem o ensino fundamental incompleto e um participante nunca frequentou a escola. Sobre a naturalidade, um participante nasceu no interior do Estado do Pará, outro nasceu no interior do Estado do Rio Grande do Norte e o restante nasceu na Baixada Fluminense. Sobre o estado civil, todos são casados. Sobre a raça, um se considera branco, um pardo, dois negros e um indígena. Sobre a religião, apenas um afirma não ser religioso e todos os outros se identificam como evangélicos. Sobre a profissão, a maioria é autônomo ou informal. Apenas um trabalha como funcionário em uma empresa; sobre as casas, seis pessoas moram em uma casa, quatro moram em outra casa e nas outras duas, moram três pessoas. Sobre a renda familiar, uma família vive com dois salários mínimos, outra família vive com a renda superior a três e abaixo de cinco salários mínimos e duas vivem com até um salário mínimo. Em duas famílias, o marido é o principal provedor e em outras duas famílias, esse papel é exercido pela esposa; nas casas das famílias participantes, apenas uma casa não tem água encanada e apenas uma está em uma rua que não tem saneamento básico; nenhuma família está acompanhada por algum centro de referência do Município (CREAS, CRAS, CAPS, etc). Apenas duas famílias têm algum membro recebendo algum benefício da Assistência Social, neste caso, ambas têm alguém recebendo Benefício de Prestação Continuada (BPC) da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS).

Sobre o fato de terem se apresentado um total de 50% das famílias pesquisadas com a mulher sendo a principal provedora, merece um olhar mais analítico desta pesquisa. Vale ressaltar que este é um fenômeno sociobiodemográfico muito observado por pesquisadores, bem como pela mídia em geral. De acordo com Fleck e Wagner (2003), no Brasil, 27,5% dos lares têm na mulher a maior referência familiar, em termos de suporte financeiro. As autoras elaboraram a pesquisa citada no início deste século. Pesquisas mais recentes apontam para o crescimento deste fenômeno.

Os dados de gênero divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015) mostram que as brasileiras estão tendo filhos mais tarde e se tornando chefes de família em mais domicílios do país. Elas comandam 87% das famílias sem cônjuge e com filhos. Entre 2010- 2014, a quantidade de lares chefiados por mulheres aumentou 67% – 11,4 milhões de mulheres passaram a essa condição, no período. (CRUZ, 2018, p. 105)

O site www.valorinveste.globo.com, sinaliza um maior crescimento do percentual de famílias que têm as finanças domésticas chefiadas por mulheres. Em uma publicação de março deste ano, intitulada “Mulheres são a principal fonte de renda em 69% dos lares do país”, o site afirma que as mulheres estão cada vez mais cientes dos seus empoderamentos no que se trata do controle das finanças familiares.

Outro fator relevante na caracterização dos participantes desta pesquisa é o fato de a amostra das famílias pesquisadas apontar que a ampla maioria professa ser religiosa e, especificamente, de fé evangélica, em um total de 80%. O que foi percebido neste item certamente faz parte de um fenômeno claramente presente em todo o país, o crescimento da população evangélica. Segundo Souza (2019), os dados estatísticos sobre religião no Brasil a partir de 2010 apontam um declínio dos católicos e crescimento dos evangélicos no país. O site g1.globo.com publicou em 13 de janeiro de 2020 que segundo uma Pesquisa Datafolha publicada daquele ano, 50% dos brasileiros eram católicos e 31%, evangélicos. Há uma forte tendência de uma inversão nesses números. De acordo com Alves e colaboradores (2017), as projeções estatísticas do IBGE apontam que a presença de católicos caiu de 49,9%, em 2022, para 38,6% em 2032. Em contrapartida, nessa projeção, a presença evangélica passaria de 31,8% para 39,8%, no mesmo período. Ou seja, os evangélicos ultrapassaram os católicos em perceptual na população brasileira nesta década.

Finalmente, nessa análise da caracterização dos participantes, cabe ressaltar que dos cinco participantes, apenas um era branco. O restante estava distribuído em um indígena e três negros, sendo um pardo e dois pretos. Este ponto requer um olhar analítico, pois ainda se percebe que vulnerabilidade e raça se encontram. Essa desigualdade social, que tem cor e é

historicamente de predominância negra no Brasil, revelou uma faceta perversa durante a pandemia.

No Brasil, país à periferia do capitalismo, os negros são ainda mais afetados pela pandemia, na medida em que já são muitas as marcas de negação de direitos (GOES, RAMOS, FERREIRA, 2020). É o que se verifica da análise da situação da pandemia no Complexo do Alemão –espaço majoritariamente negro. Isso porque, apesar da estimativa de mais de mil casos de infectados pelo Coronavírus, apenas quinze pessoas foram diagnosticadas (ARNS, 2020). Ademais, as comorbidades entre negros –fator importante na resposta imunológica em face da COVID-19 –também é predominante em brasileiros afrodescendentes. (SILVA e SILVA, 2020, p.208)

O site www.inesc.org.br, publicou o artigo intitulado “O auxílio emergencial faz diferença na vida das mulheres”, em 8 de março de 2021, escrito por Nathalie Beghin, coordenadora da assessoria política do Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC). O artigo declara que as mulheres negras foram mais vilipendiadas do que as mulheres brancas durante a pandemia de COVID-19. A autora afirma que a taxa de trabalho informal em 2019 foi de 32%, enquanto para negras foi de 45%. Em outras palavras, as negras entraram na pandemia em pior situação.

7.2 GRUPO FOCAL

O grupo focal foi realizado na sede da AVPM e totalizaram cerca de quatro encontros, mediados pela Equipe de Pesquisa, composta por quatro pesquisadores. Os dados coletados no grupo focal foram registrados no diário de campo da Equipe de Pesquisa, de forma individual e depois no diário coletivo do grupo. Os processos proximais que surgiram entre a os pesquisadores e os participantes durante o Grupo Focal foram determinantes para uma melhor compreensão do fenômeno pesquisado, ou seja, a análise dessas famílias em vulnerabilidade social, durante a pandemia de COVID-19.

Após cada encontro do Grupo Focal, a equipe de pesquisa permanecia mais um tempo reunida. Nesse tempo foram discutidas as impressões de cada pesquisador no encontro e assim foi produzido e organizado um Diário de Campo unificado.

A seguir, serão delineados os quatro encontros de grupo focal sob a perspectiva da Teoria Bioecológica. Como informado na caracterização dos participantes, nesta dissertação os mesmos serão representados por símbolos alfabéticos, a saber: A1, A2, B, C e D.

7.2.1 Primeiro Encontro

O encontro começou com um momento de café descontraído e com assuntos aleatórios de interesse de todos. Apresentamos o que objetivava a pesquisa, explicando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como pedindo autorização para a filmagem.

Explicamos, ainda, sobre o anonimato dos participantes quando da discussão dos resultados da pesquisa no texto da dissertação. Em seguida, foi apresentada a equipe de pesquisa.

Seguiu-se a dinâmica do encontro com uma atividade de apresentação. Nesta dinâmica, um participante apresentou outro participante ao grupo. Uma técnica que chamamos de “apresentação transversal”, onde duas pessoas de famílias diferentes se apresentaram uma para a outra e depois aquele que ouviu a apresentação do seu “amigo”, o apresentou para os demais. A proposta foi “quebrar o gelo” e estimular a interação entre as famílias e participantes. As duplas foram: D e Syl Farney; B e A1; e A2 e C. Os participantes tiveram um tempo para conhecer a sua dupla tendo como guia as seguintes informações: nome, idade, religião, *hobby* e como se sente participando do Grupo. A apresentação seguiu com cada um apresentando seu parceiro. A seguir, foi explicado o objetivo da dinâmica em propor uma reflexão sobre ouvir um ao outro. Abriu-se, então, para que os participantes contassem como se sentiram durante a dinâmica.

Nesse momento foi percebido a importância dos processos proximais, conforme preconiza a Teoria Bioecológica. De acordo com Da Silveira, Garcia, Pietro e Yunes (2009), é através dos processos proximais que o desenvolvimento humano se efetiva, através de uma reciprocidade progressiva, como toda a complexidade que está envolvida nesta interação de um ser humano em atividade plena e em processo evolutivo, na relação com o ambiente à sua volta. Logo, nesta perspectiva, o indivíduo em desenvolvimento e o ambiente à sua volta interagem de forma circular e recíproca. A interação existente entre os participantes, todos vizinhos, rapidamente se estendeu para a relação entre os participantes e os pesquisadores.

As interações entre pesquisadores e pesquisados também passam a constituir processos relacionais ou “processos proximais” que possibilitam: a compreensão dos fenômenos pelos participantes; o desenvolvimento dos envolvidos na pesquisa e os desdobramentos que geram intervenções. (SILVEIRA, GARCIA, PIETRO, YUNES, 2009, p.59)

Após a dinâmica de apresentação, seguiu-se a mostra de um vídeo com fotos de cenas da pandemia (Apêndice G). Começamos, então, a ouvir os relatos dos participantes sobre suas impressões diante das fotos.

Como já citado anteriormente nesta dissertação, a pandemia de COVID-19 tratou-se de uma doença sistêmica, tanto no organismo dos indivíduos contaminados pelo vírus, como em toda a sociedade nos seus mais diversos contextos. Diante dessa perspectiva sistêmica da pandemia, em um olhar holístico deste fenômeno, não se pode ignorar as questões ligadas à economia. Um dos resultados levantados na Revisão Integrativa da Literatura para esta pesquisa foi exatamente sobre a exclusão e desproteção social ampliados pela COVID-19. Por

conta das desigualdades instaladas no Brasil, o surgimento da COVID-19 ampliou e agravou ainda mais os problemas que as regiões mais vulneráveis já enfrentavam.

Um dos pontos tensos apontados pelos participantes foi exatamente a dificuldade com as questões financeiras, tendo em vista a economia como um todo ter sido afetada decisivamente pela pandemia.

A primeira questão introduzida foi como os participantes se sentiram ao observar as imagens. As respostas foram variadas, com dois participantes falando um pouco mais que os outros, mas algumas frases foram repetidas por quase todos os participantes sensação de desespero e sensação de perda. As falas giraram em torno do sentimento de impotência e incerteza que a pandemia trouxe a todos. (DIÁRIO DE CAMPO).

Segundo Demenech e colaboradores (2020), pessoas em maior estado de vulnerabilidade social, correram riscos de serem afetadas de forma maximizada pelo coronavírus. Um dos motivadores para essa maximização de contágio seriam, entre outros, terem habitações precárias, viverem em maior número de pessoas em residências menores, usarem transporte público muitas vezes com superlotação e trabalharem em ocupações mais inseguras e com menos possibilidade de manterem o distanciamento social recomendado pelos especialistas da área da saúde.

Tal efeito já foi observado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios para avaliar o impacto da COVID-19, que mostrou que pretos e pardos, pobres e sem estudo, além de terem maior probabilidade de serem infectados, também sentiram com maior severidade os impactos econômicos da pandemia [...] Estima-se que o risco de morrer por COVID-19 possa ser até 10 vezes maior entre indivíduos residentes de bairros mais vulneráveis da mesma cidade, e que negros têm chance 62% maior de ser vítimas do vírus. (DEMENECH et. al, 2020, p.)

Abaixo, alguns relatos dos participantes, acerca da insegurança financeira durante a pandemia:

“Foi horrível não poder fazer nada. Não havia nem trabalho para trabalhar.” (SIC participante C).

“Afetou a renda familiar. Para manter a casa foi difícil porque o salário do meu marido foi reduzido no período da primeira onda da pandemia, não tendo sido reajustado até hoje. A obra de nossa casa precisou parar e não conseguimos retomar. Tinha dias que parecia que eu não ia suportar. Ainda há muita gente na comunidade desempregada até hoje”. (SIC participante A1). Durante o relato, a participante se emocionou e se referiu à importância do sustento da sua fé em Deus durante esse período.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a vulnerabilidade social envolve a situação da pobreza, mas não está restrita apenas a ela. É um resultado negativo entre a disponibilidade dos recursos existentes e o

acesso a oportunidades de se obter tais recursos sociais, culturais e econômicos. Esta afirmativa foi confirmada ao percebermos o quanto as famílias participantes desta pesquisa sofreram o impacto da vulnerabilidade.

De acordo com Souza e colaboradores (2019), as famílias em vulnerabilidade social, enfrentam múltiplos obstáculos sociais para utilizar suas competências para dar proteção e suporte aos membros mais frágeis do sistema familiar. Essa realidade afeta terrivelmente a capacidade destas famílias de suplantar as mazelas advindas de uma sociedade capitalista e faminta por uma meritocracia repleta de iniquidade.

“Na época em que a pandemia começou, eu tinha uma barraca de salgados que precisou ser fechada. Não por conta das medidas de isolamento, porque a vizinhança continuou vivendo como se nada tivesse acontecendo, mas por conta dos preços dos materiais. Eu sou mãe solo, então pra mim sempre foi difícil”. (SIC Participante D).

A participante relatou que tem três filhos e o mais velho, de 17 anos, nunca recebeu pensão. Apesar de ter tido dificuldades para se manter, destacou que não passou fome por conta da ajuda que recebeu da AVPM: “A ONG é a minha segunda mãe, que eu não tive. Não passei fome porque a ONG me ajudou. Eu não sabia lidar com meus filhos. Hoje eu aprendi porque participo de atividades aqui.” (SIC Participante D). Como efeito da pandemia, ela precisou vender a barraca de salgados.

Para determinada participante que é mãe solo, as dificuldades em ter de lidar sozinha com a educação e com o sustento financeiro da família foram intensificadas durante a pandemia, uma vez que a escola é uma rede de apoio importante nesse sentido. Já para outra participante que, apesar de não ter filhos, mora em terreno com muitas outras crianças e diferentes núcleos familiares, as mulheres se juntavam para pensar em atividades que tirassem as crianças da ociosidade, diminuindo a necessidade de sair de casa para interagir com outras crianças. (DIÁRIO DE CAMPO)

Outro fator relevante para a Pesquisa, foi a percepção de o quanto as mulheres em áreas de vulnerabilidade social “sentiram na pele” de forma mais intensa as consequências desta pandemia.

O site da Câmara dos Deputados do Brasil em uma publicação de 11 de março de 2021, com o título “Mulheres são as mais impactadas financeiramente pela pandemia”, afirma que em 2020, segundo dados do governo federal, 55% das pessoas que receberam o auxílio emergencial eram mulheres⁽¹⁾. Nessa publicação da Câmara dos Deputados, a deputada Tábata Amaral, do PDT-SP, deu o seguinte depoimento:

Nós temos 11 milhões de mães solo no nosso Brasil; 61% são negras e 63% das casas chefiadas por mulheres negras estão abaixo da linha da pobreza. Então, é muito importante que a gente entenda esse recorte para que a gente possa desenhar uma política pública que de fato vai chegar em quem mais precisa (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2021).

De acordo com a Teoria Bioecológica, os indivíduos e o ambiente têm uma relação recíproca e nessa relação se desenvolve o conceito de bioecologia. Nessa relação recíproca e circular, ocorrem mudanças tanto nas pessoas quanto no ambiente à sua volta de forma circular (YUNES e JULIANO, 2010). Partindo do modelo PPCT: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo, de Bronfenbrenner, o contexto fala do papel do ambiente no desenvolvimento do indivíduo e dos sistemas à sua volta. Nessa relação circular, pessoa e ambiente se influenciam através de uma mutualidade dinâmica e constante.

Foi falado neste encontro sobre o uso de máscaras durante a pandemia, como forma de proteção contra o contágio da doença provocada pelo Coronavírus. Os participantes afirmaram que houve muita confusão provocada por notícias controversas sobre a pandemia, inclusive sobre o uso de máscaras. A Organização Mundial da Saúde (OMS) chegou a declarar que a crise sanitária estava associada a uma infodemia - termo que se refere “a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual” (OPAS, 2020, n.p.). Nesse contexto, o acesso da população a orientações baseadas em evidências científicas fica prejudicado, o que pode afetar o processo de tomada de decisões em saúde (OPAS, 2020; ZAROCOSTAS, 2020). Mesmo assim, todos os participantes disseram ter usado máscaras, embora a questão do distanciamento social tenha sido um desafio hercúleo, diante das condições precárias, típicas de uma região de vulnerabilidade social.

Com relação às vacinas contra COVID-19, os participantes afirmaram terem se vacinado, mas deixaram transparecer em suas falas o impacto da circulação de desinformação científica sobre vacinação, conforme vemos nos relatos abaixo:

“Foi confuso esse negócio de vacina: ‘Vacina, sim; vacina, não!’. Muitas informações que acabavam me confundindo. Eu não queria me vacinar porque fiquei confusa, mas acabei me vacinando porque pensei na minha irmã que é especial. Tomei não porque queria, mas por causa da saúde dela. Tomei três doses”. (SIC Participante B)

“Tomei duas doses porque pensei na minha filha e no trabalho. Não houve uma obrigação por parte da empresa, mas já que eu ficava muito exposto ao perigo de contaminação indo para o trabalho, essa era uma forma de me sentir mais seguro. Tenho amigos que não tomaram até hoje”. (SIC Participante A2)

“Eu ouvi que a vacina veio para matar os velhinhos. Muitos familiares morreram depois que tomaram a vacina. Demorei quase 6 meses para decidir tomar a vacina”.

“Tomei as quatro doses e não senti nada”. (SIC Participante C).

“Tomei só por causa do IFRJ que obrigava”. (SIC Participante D)

A equipe de pesquisa lembrou aos participantes que, na pandemia, a circulação de desinformação sobre vacinas foi ampliada (BALL, MAXMEN, 2020; FERNANDES, PINHEIRO, 2021; CAYCHO-RODRÍGUEZ, 2022). Estudos apontam que a exposição excessiva a conteúdos enganosos pode impactar negativamente a adesão às campanhas de vacinação (MACHADO, GITAHY, 2022; LOOMBA *et. al.*, 2021).

No encerramento deste nosso primeiro encontro do Grupo Focal, um dos pesquisadores levantou a questão da violência. Houve uma clara percepção da equipe, pelos relatos dos participantes como, de fato, houve um aumento da sensação de violência. A participante B afirmou: “Briga a gente vê sempre, mas com certeza na vizinhança aumentou”. (SIC). Lembramos que uma categoria levantada na Revisão Integrativa da Literatura foi sobre o aumento da violência doméstica durante o isolamento social da pandemia. Como citado nesta revisão integrativa, segundo Vasconcelos, Viana e Farias (2022) a violência contra mulher aumentou muito durante a pandemia. Como exemplo, as autoras citam que os casos de feminicídios aumentaram 22,2% entre março e abril do ano de 2020 em relação ao ano anterior nos estados brasileiros.

Encerramos o encontro pedindo uma devolutiva dos participantes. Abaixo algumas colocações:

“Foi satisfatório conversar e escutar o que cada um passou. Foi legal parar pra ouvir o que os vizinhos passaram”. (SIC Participante A2)

“Achei interessante porque achei que só eu tinha passado por isso”. (SIC Participante B)

“Foi bom. Cada um sabe o que passou. Às vezes relembro o que passou e dói muito. Eu relembro e dói. Mas tá melhorando!”. (SIC Participante A1)

Encerramos, assim, o segundo encontro percebendo que de um modo geral o grupo estava bem participativo.

7.2.2 Segundo Encontro

O encontro teve início novamente com um momento de lanche e confraternização. Os participantes pareceram interagir mais entre si. No início foi feito agradecimento aos participantes e perguntado sobre como se sentiram após o primeiro encontro.

“Me senti aliviada. Botei tudo pra fora, do que vivi na pandemia, já que em casa não costumo conversar com minhas irmãs. Aqui encontrei um espaço ‘pra’ isso”. (SIC Participante B)

“Tenho irmãos, mas na hora de ‘sentar pra’ conversar... aquilo que você conversa vira algo pra te ferir. No grupo encontrei um lugar seguro pra falar’. (SIC Participante D)

Este encontro teve como temática central “Configuração familiar com estilos parentais e vulnerabilidade”.

Após uma breve introdução por parte da equipe de pesquisadores sobre os diversos contextos familiares, o encontro seguiu com a apresentação do vídeo clipe da música *Família* de Mc Tikão¹¹, em que é descrita a relação familiar que o compositor desenvolveu com os companheiros de cela no período em que cumpriu pena privativa de liberdade. O grupo permaneceu atento durante a exibição do vídeo e participou ativamente da discussão.

Ao serem perguntados sobre qual mensagem o vídeo transmitiu a eles, os participantes disseram se familiarizar com o compositor e seus companheiros na detenção. Também foram feitos comentários sobre amigos e conhecidos que estiveram detidos.

“Família não é só o sangue. Às vezes os de fora são mais família do que os do nosso sangue. Algumas pessoas nós podemos confiar e nos apoiar, nos dão força no momento difícil”. (SIC Participante B)

“A sala que estamos nesse encontro, foi a sala onde eu estive pela primeira vez quando fui atendida pela ONG. Foi onde tudo começou. Fui atendida pelo LEVICA durante algum tempo e isso teve um grande impacto em mim e na minha família. Por isso essa música mexeu comigo, porque a ONG virou minha família”. (SIC Participante D). Ela falou isso muito emocionada.

A partir deste momento, o Grupo Focal voltou-se especificamente para a questão sobre a diversidade de estruturas familiares e o conceito de estilos parentais. Falou-se sobre a possibilidade de encontrar família fora da parentela, mas que é importante pensar como as relações se dão também dentro da parentela. Arranjos familiares diferentes, mães solos, estruturas familiares diversas, famílias homoafetivas, também foram apontadas pela equipe.

De acordo com Souza, Beleza e Andrade (2012), o conceito de família passou por inúmeras mutações e ressignificações e, segundo Kaslow (2001), as famílias não são todas de um mesmo formato e constituição, podendo ser classificadas a partir de nove tipos: família nuclear, famílias extensas, famílias adotivas temporárias, famílias adotivas, casais, famílias monoparentais, casais homossexuais, famílias reconstituídas depois do divórcio e família composta por várias pessoas vivendo juntas, sem laços legais.

O objetivo da equipe neste momento era levar os participantes a refletirem sobre os estilos parentais das suas próprias famílias e assim analisarem o quanto este estilo parental

¹¹ Disponível em: https://youtu.be/_aJ_UfQzPJs

cooperava ou não com eles para lidarem com a questão da vulnerabilidade social na qual vivem.

Os primeiros estudos sobre estilos parentais foram elaborados pela psicóloga do desenvolvimento humano Diana Blumberg Baumrind, na década de 1960. Este modelo teórico, aponta para três modalidades de controle por parte dos pais: autoritativo, ou “com autoridade”, autoritário e permissivo.

O estilo parental é definido como o conjunto das práticas educativas parentais ou atitudes parentais utilizadas pelos cuidadores com o objetivo de educar, socializar e controlar o comportamento de seus filhos. As práticas educativas são definidas como estratégias específicas pelos pais em diferentes contextos. (GOMID, 2014. p.7)

O estilo parental, portanto, é o resultado da soma das práticas educativas dos pais ou cuidadores ao educar seus filhos. Sendo assim, se há mais práticas negativas que positivas na educação de um pai ou cuidador com seus filhos, esse é um Estilo Parental Negativo. Por outro lado, se um pai tem mais práticas positivas do que negativas com seus filhos em sua educação, terá então um Estilo Parental Positivo.

Gomid (2014) elaborou o Inventário de Estilos Parentais e o resultado deste Inventário, aponta os estilos possíveis, de acordo com o escore encontrado. Na tabela elaborada por Gomid (2014), às práticas positivas e negativas são representadas em 5 tabelas de acordo com as respostas dadas pelos inventariados. As tabelas A e B são referentes às práticas positivas e as tabelas C, D, E, F, G as negativas. Obtém-se o Índice de Estilo Parental (iep) com a seguinte operação: $iep = (A+B) - (C+D+E+F+G)$.

Diante do iep se define o Estilo parental. Como demonstrado na tabela abaixo.

Tabela 7 - Interpretação dos resultados do IEP

Percentuais do IEP	Interpretação do Resultado
De 80 a 99	Estilo Parental ótimo, com presença marcante das práticas parentais positivas e ausência das práticas parentais negativas
De 55 a 75	Estilo Parental bom, acima da média, porém aconselha-se a leitura de livros de orientação para pais para aprimoramento das práticas parentais.

De 30 a 50	Estilo Parental regular, porém, abaixo da média. Aconselha-se a participação em grupos de treinamento de pais.
De 01 a 25	Estilo Parental de risco. Aconselha-se a participação em programas de intervenção terapêutica, em grupo, de casal ou individualmente, especialmente desenvolvidos para pais com dificuldades em práticas educativas nas quais possam ser enfocadas as consequências do uso de práticas negativas em detrimento das positivas

Fonte: Gomid, 2014. P.57

O índice de estilo parental negativo é indicativo de práticas parentais negativas, isto é, prevalência de práticas parentais negativas [...] que neutralizam ou se sobrepõem às práticas parentais positivas. Quando o índice de estilo parental é positivo, indica uma forte presença de práticas parentais positivas [...] que se sobrepõem às práticas negativas. O iep poderá variar de -60, em que há ausência de práticas positivas e presença total de práticas negativas a +24, com ausência de práticas negativas e presença total de práticas positivas. (Gomid, 2014. p 56)

Foi aplicado, então, o Inventário de Estilos Parentais com os participantes desta pesquisa para delinear seus estilos parentais e todos os participantes apresentaram Estilo Parental de Risco. Abaixo dois pontos sobre o IEP. Os resultados do IEP estão discriminados na tabela 8.

Tabela 8: Resultados do IEP dos participantes

Partic.	(A) Monitoria Positiva	(B) Comportament o Moral	(C) Punição Inconsistente	(D) Negligênci a	(E) Disciplin a Relaxada	(F) Monitoria Negativa	(G) Abuso Físico	Resultado (a+b) - (c+d+e+f+g) =
A1	08	07	02	03	01	08	01	0
A2	10	10	01	0	01	09	02	07
B	12	12	03	0	06	09	0	06
C	12	10	06	04	05	10	03	(-6)
D	10	12	07	10	02	12	08	(-17)

Fonte: Autor

De acordo com a tabela 7 desta dissertação, todos participantes ficaram abaixo de 25 pontos positivos, sendo esta a interpretação dos resultados: “Estilo Parental de risco - Aconselha-se a participação em programas de intervenção terapêutica, em grupo, de casal ou individualmente, especialmente desenvolvidos para pais com dificuldades em práticas educativas nas quais possam ser enfatizadas as consequências do uso de práticas negativas em detrimento das positivas” (Gomid, 2014. P.57).

Seguem alguns pontos relevantes que a equipe entende importante elencar: os participantes A1 e A2 formam um casal e ambos apresentaram resultados, que na média ficaram com +3,5. A1 = 0 e A2 = 07; a participante B alcançou o escore máximo, 12, em Monitoria Positiva e Comportamento Moral; apenas dois participantes tiveram resultados abaixo de zero; os participantes C e D, que tiveram escores -6 e -17, respectivamente, mesmo com os resultados negativos, esses dois participantes obtiveram bons escores para práticas parentais positivas (monitoria positiva e comportamento moral). Os escores para práticas parentais negativas (punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso), porém, foram tão elevados que suplantaram em muito as práticas positivas.

Para a pergunta “Meu filho tem muito medo de apanhar de mim”, dois participantes (40%) responderam SEMPRE, dois (40%) responderam ÀS VEZES e apenas um (20%) respondeu NUNCA. Ou seja, de acordo com este resultado, 80% dos filhos têm muito medo de apanhar dos pais. De acordo com a revisão integrativa para esta pesquisa, violência doméstica foi uma marca muitas vezes presente durante a pandemia de COVID-19.

Para a pergunta “Percebo que meu filho sente que não dou atenção a ele”, dois participantes (40%) responderam SEMPRE, um participante (20%) respondeu ÀS VEZES e dois participantes (40%) responderam NUNCA. Ou seja, de acordo com este resultado, 60% percebem, em algum momento, que os filhos sentem que não recebem sua atenção. A atenção que a criança recebe de seus pais é uma forma de proteção e de fortalecimento de habilidades sociais necessárias para se enfrentar adversidades, porém de acordo com o referencial teórico desta pesquisa sobre vulnerabilidade, famílias em vulnerabilidade social têm muita dificuldade de desenvolver um ambiente de proteção aos membros mais frágeis do sistema. Essa característica da vulnerabilidade social afeta o desempenho das famílias, segundo Souza e colaboradores (2019).

Diante da explicação sobre o conceito de estilos parentais pela equipe, os participantes comentaram livremente suas próprias impressões sobre como seus sistemas familiares se configuraram. A participante B disse que ela e as irmãs sofreram muito na vida, porque a mãe morreu quando ela tinha 8 anos e o pai foi embora. As mais velhas cuidaram das mais novas.

Ficou emocionada em contar esse momento da vida. Atualmente, ela mora no quintal com duas irmãs, as outras quatro moram na mesma rua. Para os sobrinhos, os exemplos dos primos mais velhos são importantes: eles dizem que se aprontarem não vão poder ser militares como os primos mais velhos. A participante D contou que aprendeu sobre como educar os filhos, na AVPM. Disse que em casa, na sua infância, aprendeu apanhando, então acabou reproduzindo isso. Falou acerca da relação:

Se ele perdesse algo, destruísse o material escolar, eu achava que tinha que dar na cara dele. Hoje eu converso, eu falo. Hoje em dia ele mesmo diz que sou uma mãe mais boba, porque não bate nos irmãos dele. Pra mim foi importante porque eu poderia ter um filho revoltado. Na minha mudança, eu vi uma mudança nele. (SIC Participante D)

Continuou:

Se eu pudesse voltar no tempo e não fazer o que fiz com meu filho, voltaria. Antes as palavras de grosseria era normal pra mim. Hoje me dói. Quando cheguei na ONG era muito agressiva. Agora eu tô igual Jesus: se me bater na face eu vou da outra, ninguém acredita. Sempre vou dizer: a ONG pra mim é uma mãe. Aprendi muito e tenho aprendido. (SIC Participante D)

A participante D relatou que seus pais eram separados. O pai era alcoólatra e por isso houve separação. Quando completou 15 anos queria ter tido uma festa, mas o pai morreu no mesmo ano e ela desistiu. Decidiu fazer a festa de 18, mas no mesmo ano a mãe morreu. Sobre a gravidez: sofreu muito porque o pai do filho mais velho era adúltero e violento. Ela se separou, mas depois voltou. Até que quando o filho tinha 2 anos, depois do marido chegar em casa alcoolizado, ela decidiu se separar definitivamente.

O relato desta participante corrobora o que a Teoria Sistêmica defende quando aponta como a multigeracionalidade influência na formação do indivíduo. De acordo com Carter (2011), a família compreende um sistema que atinge pelo menos três ou quatro gerações. Através dos estilos parentais e da multigeracionalidade, a realidade das famílias se organiza e é modelada. As questões transgeracionais poderão ter grande influência na construção do indivíduo e na interação com seus contextos. Essa influência multigeracional também está presente no que se chama de violência transgeracional, de acordo com Narvaz (2001).

Após a explicação sobre estilos parentais e a aplicação dos IEP foi apresentado um vídeo com imagens que apontavam para vulnerabilidade social (conforme imagens apresentadas no Apêndice H). A ideia inicial deste encontro era exatamente conectar os estilos parentais presentes em famílias em áreas de vulnerabilidade social com o enfrentamento da realidade da vulnerabilidade. No vídeo, havia imagens diversas: ruas típicas de favelas e comunidades, ruas e casas alagadas em enchentes, muros crivados por marcas de projéteis, aterros insalubres de lixo, hospitais públicos superlotados etc.

Durante a exibição do vídeo com as fotos apresentando realidades de áreas em vulnerabilidade social foi muito interessante perceber a interação dos participantes. A participante D, por exemplo, comentou com a participante B as semelhanças com a sua comunidade: “Olha quanto gato!” (SIC Participante C), se referindo a quantidade de fios em um poste de energia elétrica. Enquanto passava imagens de mulheres na comunidade, a participante D fez referência a algumas mulheres da sua família, também mulheres pretas, como as que apareceram no vídeo, a avó, as tias etc. A participante A2 identificou algumas ruas do vídeo muito similares às ruas onde morou na infância. Quando aparecia casa com enchentes, a participante B lembrou da própria casa que já sofreu com algumas enchentes.

Após a exibição do vídeo, a Equipe perguntou aos participantes o que aquelas imagens comunicaram a eles. Abaixo algumas respostas.

“Parece que tiraram foto da minha comunidade”. (SIC participante B)

“Ainda mais em tempo de chuva. As paredes furadas de tiro. Hoje a gente vive em um paraíso, se referindo às melhorias que alcançaram a comunidade”. (SIC participante D)

A participante B lembrou de quando ficou de acompanhante com a irmã internada com tuberculose. Ficou no corredor durante uma semana, e depois que o médico viu que a irmã, que é deficiente, a colocou no quarto. Ficou um mês dormindo na cadeira de praia, sem direito a almoço e jantar.

As participantes B e D são amigas desde a infância e recordam do tempo em que catavam lata e papelão para ajudar nas finanças das suas famílias. “Olhar as fotos dá um pouco de tristeza, mas ao mesmo tempo vejo que mesmo com tudo isso, a gente ‘tá’ uma apoiando a outra e agora sou grata de estar melhor”. (SIC participante B)

A participante D relatou um fato dramático da sua infância. Falou sobre com deficiência que a levava para vender balas no asfalto. Como ele era uma pessoa com deficiência vendia mais que a sobrinha e não gostava quando a menina vendia pouco. “Só que ele era bem estressado e quando eu retornava com caixa cheia, meu tio se descontrolava e ficava muito revoltado. Quando não ficava conforme ele queria, ele atirava o prato de comida contra mim”. (SIC participante D)

“É muito triste. Essas fotos parecem o “Vinidão” quando chove. Uma vez em que ajudei uma vizinha que pediu que eu fosse na casa dela ver a enchente. As ruas estavam muito cheias e a casa da vizinha encheu a ponto do portão parecer romper. Conseguí resgatar o cachorro dela.” (SIC participante C)

O participante A2 falou que as imagens lembravam da época em que ele precisou morar de favor. A alimentação era precária, alguns dias tinham comida, outros não. Relatou,

ainda, ter passado por uma enchente. Após essa situação, mudaram de casa. Disse que comprou a primeira televisão aos 30 anos. Hoje, quando se percebe comendo um pacote de biscoito, ele se sente grato.

Todos esses relatos dos participantes diante das imagens do vídeo apresentado, confirmam o fato de que a vulnerabilidade é um conceito muito vasto e complexo, como apontado na fundamentação teórica desta pesquisa. De acordo com Schumann (2014), o termo vulnerabilidade na verdade é repleto de multidimensionalidade. É um conceito ainda em construção. A ideia de iniquidade é um ponto a ser percebido quando se fala em vulnerabilidade social. “As iniquidades sociais constituem-se nos principais fatores de vulnerabilidade social em que se encontram pessoas e grupos em determinados territórios das cidades brasileiras” (SOUZA, PANÍNCIO-PINTO e FIORATI, 2019, p. 252).

Embora os participantes estivessem falando desembaraçadamente sobre o tema da vulnerabilidade, quando perguntados especificamente sobre o termo vulnerabilidade social, a equipe de pesquisa ficou perplexa ao perceber o quanto o termo não era claro para os próprios indivíduos vulneráveis.

Ao serem perguntados sobre o significado do termo vulnerabilidade social, nenhum dos participantes expressou qualquer entendimento sobre o tema. O participante A2 foi o único a relatar já ter ouvido as palavras em um CRA, por ocasião de um pedido de guarda da filha, mas não soube dizer o que significava. Não deixa de causar surpresa que, mesmo identificando-se com as situações precárias apresentadas nas imagens, o grupo não associe tal cenário à vulnerabilidade social e não se sinta contemplado por esta expressão. Os pesquisadores se empenharam em tornar mais concreto o conceito de vulnerabilidade social, por meio de explicações e exemplos próximos à realidade vivida pelos participantes em contraste com outros grupos sociais. Só então, apenas a partir desta interação, os participantes passaram a identificar que suas famílias viviam em um lugar de vulnerabilidade social. Esta situação é bastante emblemática e pode sugerir o quanto as classes mais pobres, que reúnem a maioria dos brasileiros, são deixadas de fora do debate de temas que são de seu total interesse.

A falta de uma educação mais ampla e abrangente, em áreas de vulnerabilidade social pode contribuir para a desinformação e manter assim pessoas vulneráveis reféns da iniquidade típica de um país envolto em injustiça social, como é o caso do Brasil.

Estudos contemporâneos apontam que a vulnerabilidade social está interligada a situações de exclusão social e envolve fatores de risco como pobreza, desigualdade, desemprego etc. A qualidade da educação ofertada, infelizmente, compõe esse rol de fatores negativos que afetam a sociedade brasileira pós-moderna, contribuindo para a permanência do status de país extremamente desigual e para manutenção da

condição de vulnerabilidade a que estão submetidos determinados sujeitos e grupos. (BENINCA *et. al.*, 2019. p.168)

Para concluir o encontro, foi exibida uma cena do filme *Escritores da Liberdade* (*Freedom Writers*), em que a professora Erin Gruwell convida os alunos para o “jogo da linha”. A proposta do jogo é fazer com que os alunos se identifiquem com as histórias uns dos outros, observando as semelhanças entre as suas trajetórias de vida.

A participante B falou que já tinha assistido o filme e achou e disse “a professora mostrou que não é o lugar que faz a gente, a gente é que faz o lugar”. (SIC participante B).

O objetivo deste encontro foi aproximar os participantes, gerando identificação uns com os outros, a fim de potencializar o compartilhar durante os encontros, através da percepção de o quanto a vulnerabilidade social os aproxima.

Essa identificação entre os participantes que são uma pequena amostra da realidade de ambiente de vulnerabilidade social dialoga com o conceito de Processos Proximais na Teoria Bioecológica.

De acordo com Da Silveira, Garcia, Pietro, Yunes (2009), esses processos potencializam o desenvolvimento do indivíduo, através dessa interação com o ambiente onde está envolvido. Essa interação recíproca e circular afeta todos os indivíduos envolvidos nesses processos proximais.

Antes do final, a Equipe de Pesquisa ficou à vontade para se manifestar sobre o quanto também foram tocados neste encontro.

Por fim, cada um dos pesquisadores agradeceu ao grupo. Também os participantes puderam falar sobre o que levavam do encontro. Em especial, destaco a fala dos participantes B e C. C reforçou que no grupo “aprende o que não sabe” (SIC Representante C), enquanto B agradeceu pelo espaço de escuta e pelas explicações: “Tem palavras que eles realmente colocam na televisão que é tão difícil, que a gente fica naquela dúvida: ‘O que é isso? Ah, não sei o que é isso não!’. E aqui vocês explicam tão bem que a gente, né, já pode passar para outras pessoas, para as outras pessoas também entenderem o que é”. (SIC Representante B). Estas falas podem ser consideradas um indicativo da necessidade de ações comunicacionais mais dialógicas com este público, ações estas que não sejam centradas unicamente na transmissão de informações. (DIÁRIO DE CAMPO)

De acordo com Cecconello e Koller (2003), a inserção ecológica envolve a sistematização dos quatro aspectos da teoria ecológica pela equipe de pesquisa, PPCT. O processo proximal, ocorre quando a relação entre pesquisadores e participantes no ambiente, é uma relação de interação e mutualidade. Essa interação se torna a base de toda a investigação.

7.2.3 Terceiro Encontro

Este encontro teve como tema central a Resiliência. Iniciamos, mais uma vez, nosso encontro com um café da manhã. O grupo demonstrava estar mais coeso e conversavam entre si e com a equipe de forma mais livre e descontraída.

Embora o tema do encontro fosse Resiliência, a equipe entendeu ser necessário trazer uma breve revisão dos dois encontros anteriores e, inclusive, reforçar o tema do encontro anterior, vulnerabilidade. Ficou a impressão para a equipe que o tema não foi totalmente esgotado. Quando se retornou ao termo vulnerabilidade, a equipe percebeu que realmente havia ainda havia dificuldade de compreensão por parte dos participantes. Assim, houve uma tentativa por parte dos pesquisadores de esmiuçar o conceito para os participantes, de modo a torná-lo mais tangível.

Neste momento, a participante A1 contou uma história sua sobre uma tentativa infrutífera de marcação de consulta para a enteada na Clínica da Família São José, em uma tentativa de ilustrar a situação de vulnerabilidade social a que sua família está sujeita. A participante D falou sobre a dificuldade de receber o benefício assistencial previsto na Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS). Ela também falou sobre o filho que possui diagnóstico de transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e relatou que precisa se ausentar de casa devido ao trabalho e que sua rede de apoio, e mesmo a escola, não conseguem apoiá-la com essa situação.

Na tentativa de contribuir com a discussão, uma das pesquisadoras fez uma analogia da vulnerabilidade social com um jogo de futebol em que, em um cenário hipotético, uma das equipes está em campo mas não pode contar com o juiz, pois este está apitando apenas para o adversário, em um contexto de iniquidade que deixa uma das equipes mais vulnerável a tomar gol.

Outro pesquisador falou sobre o Sistema Único de Saúde (SUS) e sua importância para a população, ainda que muitas vezes o mesmo possa ser percebido como ineficiente por algumas pessoas. A participante A1 disse: “Sei que o SUS não é ruim. Já tive tratamentos bem-sucedidos oferecidos à minha mãe e ao meu irmão. Por outro lado, há muita demora para marcação de consulta para a minha enteada e para mim, que necessito de acompanhamento com oftalmologista”. (SIC Participante A1)

Foi perguntado aos participantes qual o sentimento deles quando têm a impressão que o sistema só funciona para alguns, mas não funciona para eles. Imediatamente a participante D respondeu: “Eu fico com raiva”. (SIC Participante D). Os participantes A1 e A2, que

formam um casal, concordaram: “Sinto muita raiva também”. (SIC Participante A2). Ele mencionou a demora no atendimento em uma consulta médica, em que precisou chegar às 4 horas da manhã para ser atendido mais de cinco horas depois.

Foi perguntado aos participantes como eles se sentem por vivenciar essa repetição de episódios de violações de direitos (um filho que não consegue escola, enchentes, falta de atendimento médico etc.). A Participante A1 respondeu: “Às vezes eu prefiro virar as costas e ir embora”. (SIC Participante A1)

A participante D, nesta hora pediu para falar de outra forma de injustiça que ela sofre. Contou que seu ex-marido voltou para casa e chegou de madrugada, bêbado, drogado. Disse que respira fundo e segue em frente. “Sigo em frente. Tá doendo, mas tenho que ir”. (SIC Participante D)

Já o Participante A2 disse que fica anestesiado: “A gente não tem como se defender. Fica parado, no automático”. (SIC Participante A2). Sua esposa, a Participante A1 disse que por muito tempo só suportou a base de muito calmante, até que conseguiu ir anestesiando. Ela disse: “pra mim já é uma coisa comum, automática, que já faz parte do meu dia a dia, que não há como escapar”. (SIC Participante A1)

Ao ser mencionado por um dos pesquisadores que há pessoas que não suportam essa situação, um dos pesquisadores falou sobre explosão e implosão diante de situações de grande pressão e de possíveis fugas, como o abuso de drogas ilícitas. A Participante A1 disse que ouviu certa vez de um médico que precisava liberar a raiva de alguma maneira. Ela contou que chegou desta vez em casa e disse pro marido: “Vamos quebrar tudo”. (SIC Participante A1).

Neste ponto do encontro do Grupo Focal, a conversa livre conduziu equipe e participantes a debater sobre injustiça, em um recorte específico na questão do sistema de saúde. Este fato aponta para o quanto a questão da iniquidade citada na fundamentação teórica desta pesquisa é uma questão real e inexorável em lugares de vulnerabilidade social. Como já foi dito neste trabalho durante a fundamentação teórica, a origem da palavra iniquidade do latim *iniquitas* poderia ser traduzido por “não equidade”. Se equidade é a virtude de quem ou do que manifesta senso de justiça, imparcialidade, respeito à igualdade de direitos, iniquidade é o seu oposto. Os mais vulneráveis da sociedade acabam por sentir mais fortemente os efeitos das injustiças sociais, inclusive quando necessitam do sistema de saúde pública.

De modo geral os grupos socialmente menos privilegiados apresentam maior risco de adoecer e morrer [...]. As condições de saúde de uma população estão fortemente associadas ao padrão de desigualdades sociais existentes na sociedade. Já as desigualdades sociais no acesso e na utilização de serviços de saúde são expressão

direta das características do sistema de saúde[...]. As condições de saúde são preponderantemente influenciadas por fatores que afetam diretamente os grupos sociais, tais como pobreza, exclusão social, estresse, desemprego, condições de moradia e trabalho, redes sociais, entre outros. (GIOVANELLA *et. al.*, 2012, p.184).

Após essa discussão sobre vulnerabilidade, iniquidade e injustiça, os pesquisadores entraram diretamente no tema deste encontro, ou seja, a resiliência. A equipe leu um texto sobre o conceito da resiliência e em seguida foi apresentado um vídeo com fotos que sinalizavam para resiliência. As imagens do vídeo estão no Apêndice I.

Após a exibição das imagens, foi perguntado aos participantes sobre o que eles perceberam com as imagens que viram.

“Eu vi superação” (SIC Participante A2). Ele falou sobre a alegria de ver que o pai, com 70 anos, voltou a estudar.

Foi perguntado aos participantes se eles entenderam o conceito de resiliência e o que seria para eles. A participante A1 disse que seria suportar as coisas do dia a dia mais tranquilamente: “Aprender a ter mais paciência com as coisas”. (SIC Participante A1).

O movimento seguinte do encontro foi a exibição de uma cena do filme *À Procura da Felicidade* (*The Pursuit of Happyness*)¹², protagonizado por Will Smith. Na cena em questão, o personagem principal, Christopher, joga basquete com seu filho e, tendo como parâmetro seu próprio desempenho no esporte, desmotiva o filho no sonho de ser jogador de basquete. Quando percebe que frustrou a criança, o pai o encoraja a não desistir de seus sonhos mesmo que pessoas importantes sejam contrárias ao seu desejo.

Como a questão que se buscava responder neste encontro era se os participantes acreditavam que tinham apoio familiar para enfrentar as questões difíceis da vida, se as relações familiares ajudam a construir resiliência, a cena do filme serviu como pano de fundo para essa discussão.

O Participante A2 contou um pouco sobre sua relação com o pai. De acordo com ele, o pai não sabia ser carinhoso, era ausente. Por outro lado, afirmou que o pai era um homem honesto e trabalhador.

A Participante D falou: “Pai eu não tive, só mãe. E lá onde eu morava, o povo dizia que eu não ia chegar nem aos 20”. (SIC Participante D).

A Participante A1 disse que não teve nem um, nem outro. “Minha mãe só dizia que não queria filha sapatão, nem piranha”. (SIC Participante A1). Ao ser questionada pela equipe se aquele tipo de palavra apoiava ou enfraquecia, ela respondeu: “No início me enfraquecia, mas depois de um tempo eu nem ligava”. (SIC Participante A1). Ela disse que o avô foi seu pai até os 13 anos, ele era seu maior incentivador,

¹² Disponível em: <https://youtu.be/ppgpwXl9R7A>

mas morreu cedo. Depois, contou que começou a se comportar de um modo a afrontar a mãe. (DIÁRIO DE CAMPO)

O Participante A2 compartilhou sobre sua experiência profissional como soldador, relacionando seu trabalho com aço ao conceito de resiliência.

A equipe relacionou a cena apresentada do filme à questão norteadora daquele encontro: Você acredita que teve apoio familiar para enfrentar as questões difíceis da vida?

A Participante D foi a primeira a falar: “Eu me sinto sempre só. Onde eu acho apoio é na CEM e na ONG. Minha família também é pequena: uma tia, um tio e duas irmãs”. Ao ser questionada se acha que está conseguindo oferecer algo diferente para seus filhos, a Participante D disse que sim, ficou muito emocionada e chorou. “Tem dia que é muito difícil. Às vezes dá vontade de desistir, vontade de largar tudo. Não é fácil, ter que estudar, trabalhar. Às vezes penso, meu Deus, porque eu fui arrumar esse montão de filhos. Mas, graças a Deus, as meninas da igreja sempre me ligam. É muito difícil, você espera apoio do teu sangue, eles acham que sinceridade é bater. É muito difícil, muito mesmo. Pra eu sobreviver eu fico pedindo a Deus por causa dos meus filhos que são pequenos, dependem de mim”. (SIC Participante D).

A fala de Cíntia pode ser um indicativo da importância das instituições religiosas e instituições do terceiro setor em um contexto de violações de direitos.

Na sociedade contemporânea, vislumbra-se um importante papel referente às ONG's, onde colaborar com Estado no processo de desenvolvimento da sociedade. Nesse sentido, considera-se que, determinadas ações que não são desenvolvidas pelos órgãos governamentais, passam a ser executadas por organizações da sociedade civil. A iniciativa de atores comuns dispostos transformar determinada realidade social são fatores fundamentais no âmbito da consolidação das ONG's enquanto espaços de reivindicação e conquista de direitos, principalmente no que diz respeito à visibilidade requerida àqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade social. (SANTOS, 2016. p. 65)

O participante A2 voltou a falar das dores pela ausência paterna. “Eu só queria ouvir do meu pai: Filho, você tá bem?”. (SIC Participante A2)

A Participante A1 Paula disse que teve apoio familiar apenas até a adolescência.

A resiliência é a capacidade que o indivíduo tem para responder com consistência emocional e flexibilidade aos desafios, dificuldades e catástrofes. Ter uma atitude otimista e positiva diante das dificuldades, por resiliência, não torna um sujeito invulnerável, mas o torna com competência para administrar com mais sobriedade as marcas deixadas pelas circunstâncias adversas que a vida lhe proporcionou. De acordo com Poletto e Koller (2008), um dos fatores de risco que inviabilizam ou dificultam a construção da resiliência em um indivíduo são as experiências estressoras na infância. Dentre os estressores infantis, as autoras

citam questões do ambiente familiar, tais como divórcio dos pais, violência, abuso sexual, pobreza.

Segundo afirma Cecconello (2003), as pesquisas mais recentes sobre resiliência têm se voltado para as questões familiares. As pesquisas nesta área apontam fatores de risco e fatores de proteção à construção da resiliência nos indivíduos, tanto no seio do sistema familiar, como nos ambientes à volta. Alguns dos fatores de proteção apontados pela autora são: coesão familiar, qualidade na relação entre pais e filhos, figura paterna ativa no processo educativo da criança, afeto e relacionamento recíproco entre figuras parentais e seus filhos. Entre os fatores de risco, destaca-se a pobreza.

Relacionando as perspectivas teóricas sobre resiliência, com o depoimento dos participantes neste terceiro encontro do grupo focal, quanto à questão que se buscava responder, se os participantes acreditavam que tiveram apoio familiar para enfrentar as questões difíceis da vida e se as relações familiares ajudam a construir resiliência, a equipe saiu do encontro com a sensação que os estilos parentais vivenciados pelos participantes não foram formadores de estruturas de resiliência, devido a fragilidade afetiva revelada pela falas dos próprios participantes.

A equipe de pesquisa compreendeu que a pobreza, somada à injustiça social tão presente em lugares de vulnerabilidade social, é um fator de risco à resiliência dos participantes. Veja-se como exemplo desta afirmativa a seguinte retirada do Diário de Campo, quando foi falado sobre as questões da economia dos participantes, durante a pandemia: “Algumas frases foram repetidas por quase todos os participantes: sensação de desespero e sensação de perda. As falas giraram em torno do sentimento de impotência e incerteza que a pandemia trouxe a todos, devido à sua pobreza e vulnerabilidade” (DIÁRIO DE CAMPO).

Quando o olhar se volta para os fatores de proteção que deveriam ser entregues pelo sistema familiar para que as crianças desenvolvessem resiliência ante processos estressantes, a equipe apreendeu da observação nos encontros de grupo focal a fragilidade destes fatores nas histórias de todos os participantes. Sobre cada fator de proteção à resiliência citados por Cecconello (2003) - coesão familiar, qualidade na relação entre pais e filhos, figura paterna ativa no processo educativo da criança, afeto e relacionamento recíproco entre figuras parentais e seus filhos -, observe-se os comentários recolhidos dos participantes.

Coesão familiar – Sobre este fator proteção a participante A1, por exemplo, falou da falta de estabilidade na sua família de origem. Os pais se separaram quando ela era muito criança. “Só via meu pai nas audiências sobre pagamento de pensão alimentícia. Ele teve 12 filhos, com diferentes mulheres, e não criou nenhum”. (SIC Participante A1). Com exceção

do Participante C, que disse que seus pais permaneceram casados até o final das suas vidas, todos os outros falaram que vieram de famílias disfuncionais, com quebras, abandono da figura paterna, traições, divórcios e questões semelhantes. Portanto, apreende-se desta observação que os participantes, na sua maioria não vieram de famílias onde havia coesão familiar necessária para construir resiliência.

Qualidade na relação entre pais e filhos – A participante D falou sobre o tratamento violento que sempre teve com os filhos, por que viu o mesmo modelo dos seus pais com ela. Afirma ter sido criada num sistema de muita violência desde a infância. A relação de todos os participantes, na infância, com seus pais foi de agressividade e nenhum espaço para liberdade de expressão e afeto. Logo, a equipe compreendeu que a qualidade da relação entre pais e filhos como fator de proteção também foi frágil e, às vezes, inexistente.

Figura paterna ativa no processo educativo da criança – Os participantes não trouxeram registros deste fator de proteção na construção de resiliência. Veja-se como exemplo esta declaração de uma participante sobre a figura paterna: “Pai eu não tive, só mãe. E lá onde eu morava, o povo dizia que eu não ia chegar nem aos 20”. (SIC Participante D). A participante lamentou ver seus filhos sofrerem o que ela sofreu com a ausência paterna. Hoje ela mora só com os filhos, mas tenta se reconciliar com o pai das crianças, pois diz que as crianças sentem falta do pai. Já separaram algumas vezes por traições do ex-companheiro, que além de tudo o mais é dependente de cocaína. “Ele reclama que o filho encontra ele na rua e não fala com ele. Quando peço para meu filho falar com o pai, ele se recusa e diz que eu sou a mãe e o pai dele”. (SIC Participante D).

Afeto e relacionamento recíproco entre figuras as parentais e seus filhos – Não se percebeu por parte da equipe, através dos relatos dos participantes nos encontros do Grupo Focal, quaisquer manifestações de afeto recíproco nesta relação entre pais e filhos na sua infância.

Embora os fatores de proteção tenham sido deficitários nos sistemas familiares dos participantes, de acordo com o que a equipe de pesquisa percebeu destes encontros, também ficou evidente para os pesquisadores que foi criado um sistema relacional de mútua cooperação na comunidade onde estes participantes residem. Mesmo em meio à mais intensa realidade de vulnerabilidade social vivida pelos participantes, eles construíram uma eficiente rede de apoio entre as famílias e revelaram um bom relacionamento de suporte por parte da AVPM. Para exemplificar esta percepção observe-se as duas declarações de participantes, abaixo.

“Família não é só o sangue. Às vezes os de fora são mais família do que os do nosso sangue. Algumas pessoas nós podemos confiar e nos apoiar, nos dão força no momento difícil. A gente vê isso aqui na nossa comunidade”. (SIC Participante B). Ela também falou de como os vizinhos se ajudavam mutuamente durante a pandemia.

Já o participante C contou que, nas várias vezes que a comunidade enfrentou enchentes, as pessoas sempre ajudavam umas as outras.

A participante D falou que de alguma forma uns ajudam os outros na criação dos filhos e que, durante a pandemia de COVID-19, esse fato ficou ainda mais claro para eles.

7.2.4 Quarto Encontro

Este que foi o último encontro deste grupo focal teve como tema central a discussão com os participantes sobre a atuação do Poder Público direcionada às famílias em vulnerabilidade social, através das Políticas Públicas. Também buscou-se entender a relação dos participantes com a AVPM, já que são usuários do Projeto RECRIANDO dessa instituição. Foi reforçado pela equipe junto aos participantes o quanto este encontro seria central na análise à qual se propõe esta pesquisa.

Desta vez, o participante C não estava presente. Alegou problemas de trabalho para não comparecer. Mesmo com a falta de um participante, o grupo mostrou-se muito animado para este último encontro.

No início do encontro, a equipe de pesquisa fez uma recapitulação de todo o conteúdo dos encontros anteriores. Logo depois da revisão geral, a equipe retornou mais especificamente ao assunto de vulnerabilidade, de modo a inserir outros aspectos que não foram mencionados nos últimos encontros. A pergunta disparadora foi: “Como a gente se sente ao se perceber como alguém vulnerável?”

A participante B respondeu afirmando que vulneráveis são os que correm mais riscos. Foi disparada, então, uma segunda pergunta pela equipe: “Quais seriam os prováveis riscos que as pessoas correm a ponto de torná-las vulneráveis socialmente?”

A participante B apontou a questão da saúde. Porque, segundo a participante, quem tem melhores condições financeiras pode pagar por atendimento. A participante D falou da dificuldade que a mãe teve para lidar com as unidades de saúde. “Minha mãe morreu tentando realizar um exame de tomografia”. (SIC Participante D)

O participante A2 apontou a questão da fome, como em exemplo de vulnerabilidade social.

A participante B apontou a questão educacional também como um fator de vulnerabilidade. “Ter pouca formação dificulta o acesso a bons empregos. Então como isso é importante para colocação no mercado de trabalho, para pessoas que não têm formação, é mais difícil conseguir emprego”. (SIC Participante B). Ela também apontou a questão do território onde a pessoa mora. “Quem mora em determinadas regiões têm mais dificuldade de conseguir emprego por conta do preconceito” (SIC Participante B).

A participante A1 falou sobre mães solteiras. “Em entrevistas de emprego sempre perguntam isso e acabam não dando emprego porque acham que essa mulher vai precisar cuidar dos filhos em algum momento. Muitas mães solteiras já me falaram isso”. (SIC Participante A1).

Foi disparada, então, uma terceira pergunta aos participantes pela equipe: “Qual o preconceito que mais atinge moradores de áreas de vulnerabilidade social?” As principais palavras que apareceram quando foram provocados a pensar sobre as formas de preconceito que eles sofrem, foram: favelado, mal educado, ladrão, bandido.

O participante A1 introduziu, espontaneamente, a questão do racismo. “Esses preconceitos aumentam de acordo com o tom de pele das pessoas. Quanto mais escura a pele da pessoa, pior o preconceito”. (SIC Participante A2).

“A equipe aproveitou a colocação do participante A2 para trazer a realidade do grupo e perguntou como eles observam a questão do racismo na região em que moram. Quando apareceu a questão racial o silêncio foi grande. Percebi uma certa inquietação”. (DIÁRIO DE CAMPO)

Depois de algum tempo em silêncio, onde os participantes se entreolharam, a participante B disse que dentro da comunidade não há preconceito racial. “Todo mundo se trata bem, não tem gente branca e gente negra”. (SIC Participante B). O participante A2, porém, colocou outro ponto de vista: “Dentro da comunidade não há diferenciação racial. Mas as pessoas de fora não são assim. Por exemplo, na relação com a polícia, há bastante diferença. O tipo de abordagem do polícia com o negro é diferente. Se tem um branco e um negro, o PM vai sempre primeiro enquadrar o negro”. (SIC Participante A2).

Uma quarta pergunta foi disparada pela equipe: “Como vocês sentem em relação ao preconceito sofrido por quem mora em áreas de vulnerabilidade social?”

A primeira resposta foi a participante A1: “Me revolta, porque a gente vive em uma sociedade em que somos obrigados a seguir um padrão deles. Quando tinha operação policial na comunidade, eu ficava preocupada com o meu marido, pedindo que ele saísse com documento. Ele já tinha o cabelo comprido e eu gostava bastante. Mas pedi pra ele cortar o

cabelo, porque o cabelo cortado e a barba feita podem evitar discriminação. Pessoalmente, quando eu vou a uma entrevista de emprego, procuro vestir a roupa mais social possível, porque assim que veem que sou da comunidade, o preconceito aparece". (SIC Participante A1).

A participante D disse ter um sentimento de revolta com essas situações e narra um acontecimento com o filho esses dias: "Eu estava saindo da casa de um vizinho com o filho que gosta muito de pipa. Foi quando um jovem pegou a pipa do meu filho e bateu na cabeça dele. Fiquei com muita raiva e fui falar com o cara, mas não pude devolver a agressão porque ele era homem". (SIC Participante D). Nesse momento, ela fez uma pausa e depois voltou a falar: "Eu disse pro cara: só não bater porque você é... porque você é homem". (SIC Participante D). Ela disse que é complicado reclamar desse tipo de coisa porque "são pessoas com as quais não se pode falar nada... é complicado". (SIC Participante D).

A participante B, encerrou a questão com uma frase carregada de sentido, verdade e dor, símbolo da iniquidade: "A gente se sente um nada. Um objeto". (SIC Participante B).

Essa nova discussão sobre a questão da vulnerabilidade reforçou pontos determinantes na questão do reforçamento e ampliação da vulnerabilidade social. Pontos que foram postos livremente pelos participantes. Os pesquisadores perceberam, ao darem voz aos participantes da pesquisa através do Grupo Focal, o quanto gente simples tem tanta coisa importante a dizer e que precisa ser ouvida.

De acordo com Cecconello e Koller (2003), na perspectiva da Inserção Ecológica, é essencial que o pesquisador realmente esteja disposto a compreender o contexto dos participantes de sua pesquisa. Dessa interação entre pesquisador e participante emana um nível de conhecimento que pode ser muito mais eficiente na possibilidade de se construir pesquisas mais próximas da realidade do contexto dos participantes de uma pesquisa. As autoras reforçam o conceito de validade ecológica, termo cunhado por Bronfenbrenner. Este conceito ressalta a importância de levar em consideração a maneira pela qual a situação de pesquisa foi percebida e interpretada pelos participantes da pesquisa. Essa abordagem pode evitar equívocos na interpretação dos dados pesquisados pela equipe de pesquisa.

Na pesquisa qualitativa, principalmente, pode-se dizer que a interação do investigador com os participantes gera uma transferência de energia, produzindo, assim, processos proximais em ambos. Por não ser efêmera nem ocasional, ocorrer em uma base estável através de períodos de tempo, é possível afirmar que a interação do pesquisador com os participantes, os objetos e os símbolos existentes no ambiente de pesquisa constitui processos proximais. Neste tipo de pesquisa, o investigador faz parte do processo proximal, assumindo um papel essencial enquanto gerenciador desta energia. Assim, em determinados delineamentos, o processo proximal, além de constituir o foco da pesquisa, adquire uma função de viabilizar a

sua realização, revelando-se um procedimento através do qual o pesquisador conduz a investigação. (CECCONELLO E KOLLER, 2003, p.520).

Os pontos reforçadores de vulnerabilidade social apontados pelos participantes foram: os vulneráveis são os que correm mais riscos, dificuldade de acesso ao sistema de saúde, dificuldade de acesso à educação, fome, preconceito, racismo, violência contra a mulher, violência em geral. Esses pontos também são sinalizados por pesquisadores e artigos científicos, como expomos a seguir:

Sabemos que, durante a pandemia e ao longo de 2020, houve um incremento das vulnerabilidades e iniquidades, com implicações em um acesso oportuno e de qualidade à saúde. Essa situação associada, por exemplo, com o empobrecimento, o aumento da violência e o desemprego crescentes da população aponta para um cenário de saúde preocupante. E, em certa medida, essa conjuntura será irreversível se a sociedade, principalmente educandas(os) e educadoras(es) da área médica, não pensarem e implementarem estratégias seguras e aplicáveis a algumas realidades dessa população, problematizadas neste suplemento. Por isso, é fundamental compreender que as afirmativas “A Covid-19 não discrimina quem adoecerá” e “Estamos todos no mesmo barco” são mitos que mascaram a marginalização vivenciada por determinados grupos em relação ao cuidado e ao ensino na área da saúde. (TOURINHO E RAIMOND, 2020. p.1).

A equipe, após essa discussão, mostrou-se satisfeita com o nível e compreensão sobre a questão da vulnerabilidade por parte dos participantes. Só após essa revisitação ao tema da vulnerabilidade o encontro seguiu para o seu tema central, ou seja, Políticas Públicas. Foi reforçado também o objetivo principal desta pesquisa: analisar como as famílias em vulnerabilidade social se organizaram durante a pandemia de COVID-19.

A equipe explicou durante alguns minutos o conceito de Políticas Públicas. Foi explicado aos participantes que, de acordo com Freitas (2011), política pública é o conjunto de diretrizes pensadas, estruturadas e executadas pelo Poder Público, ou seja, pelo Governo, para enfrentar problemas que impactam a sociedade como um todo, ou a um grupo específico. É o Estado em ação norteado por princípios que orientam as decisões do poder público.

Foi apresentado aos participantes os equipamentos de assistência social municipal existentes nas proximidades da região de Rocha Sobrinho, conforme a Tabela 1 desta dissertação.

Foi perguntado pela equipe aos participantes sobre como eles perceberam as Políticas Públicas oferecidas aqui na região durante a pandemia de COVID-19. A participante B disse que não viu nenhum serviço feito pela prefeitura durante a pandemia, na sua região. A participante A1 falou que a Prefeitura prometeu distribuição de cestas básicas, mas afirmou que isso nunca aconteceu. A participante B disse: “Nem material de higiene eu vi a prefeitura fornecer. As igrejas que doaram”. (SIC participante B). A participante A1 questionou a campanha de vacinação. Disse que esperou muito tempo na fila. Já a participante B disse que

teve boa experiência em relação à vacinação. Mas em relação à irmã, que precisava de visita domiciliar da equipe de saúde, demorou bastante tempo.

Quando foram questionados sobre a atuação da prefeitura de Mesquita durante a pandemia, os participantes foram unânimes em dizer que seu trabalho foi inoperante para a região deles e outras áreas de vulnerabilidade na cidade.

“Esperava que eles ajudassem com material de higiene, como álcool em gel, máscaras etc”. (SIC participante D)

“Esperava cesta básica porque muita gente ficou desempregada. Aqui não ajudaram nada.”. (SIC participante B)

Uma das questões que nortearam este quarto encontro do Grupo Focal foi relacionada à Políticas Públicas. A pesquisa investigava o quanto os participantes entendiam do conceito de políticas públicas. Diante das respostas dos participantes a equipe entendeu que é necessário um maior esforço da sociedade e em especial do Poder Público, da academia, e de todas as camadas da educação para que haja campanhas de conscientização da população em áreas de vulnerabilidade social sobre a questão das políticas públicas e da cidadania.

De acordo com Mello (1991), a educação deve priorizar uma relação próxima entre desenvolvimento e democracia, contribuindo assim para associar o crescimento econômico com a melhoria da qualidade de vida. Para o autor, a escola deve contribuir para que a cidadania se torne palpável aos mais pobres e vulneráveis.

A constatação de que o crescimento econômico não conduz mecanicamente à superação das desigualdades sociais, fato evidente no Terceiro Mundo, mas também nos países desenvolvidos, também tem levado a se repensar o papel da educação, não no paradigma clássico da teoria do capital humano, mas como elemento que pode dinamizar outros processos sociais importantes para alcançar maior equidade. Discutem-se valores e atitudes que deveriam estar sendo formados pela escolarização formal, bem como pela família, os meios de comunicação e outros âmbitos educativos informais. (MELLO, 1991, p11)

Esta equipe de pesquisa também comprehende que é necessário que haja um esforço maior da área da educação para dar voz e vez aos que estão em área de vulnerabilidade social. Auxiliando-os para que exerçam a defesa de seus interesses. De acordo com Mello (1991), os mais necessitados precisam adquirir mais conhecimento, compreensão de ideias e valores, para que assim o exercício da cidadania evite mais iniquidade. Agindo assim contribuímos para tornar a sociedade mais justa, solidária e integrada.

Outra questão desta pesquisa era saber qual a opinião dos participantes sobre o trabalho da AVPM. Todos os participantes reforçaram a importância da ONG como suporte para eles e suas famílias. Durante a pandemia, inclusive, com o suporte como a distribuição

de cestas básicas, máscaras e álcool em gel. Esta percepção revela o quanto ações pontuais e assertivas da sociedade civil podem amenizar as lacunas deixadas pelo Estado no auxílio às famílias em vulnerabilidade social.

De acordo com Rego (2018), as ONGs têm ocupado um papel cada vez mais relevante em áreas vulneráveis, seja em áreas de conflitos como a autora aborda em seu artigo, seja em áreas de pobreza e miséria, como é o caso do contexto desta pesquisa.

A crescente importância destes atores nas últimas décadas deve-se essencialmente à sua natureza apolítica, aos princípios pelos quais se regem, e, essencialmente, à ligação que estabelecem com as comunidades locais, com o objetivo de dar voz aos seus problemas e colmatar as suas necessidades. (REGO, 2018, p.12)

Nesse momento do encontro, foi falado sobre a importância da cooperação mútua, introduziu-se assim a apresentação do videoclipe da música *Ser Humano* de Zeca Pagodinho¹³, a fim de reforçarmos a importância da empatia nas relações humanas, a partir da perspectiva que eles têm da própria AVPM.

Após a exibição do videoclipe, foi perguntado aos participantes o que a música comunicou a cada um deles. Abaixo, algumas respostas:

“Essa música foi feita para o pessoal da comunidade. Porque ver as pessoas chegarem juntas, se aproximarem, é só em comunidade mesmo. Porque é só atravessar a Via Light que essa realidade já é diferente”. (SIC participante A1).

“É muito importante se colocar no lugar do outro. Ver que a pessoa é igual a gente, não importa a raça, a cor, a religião. A gente precisa fazer bem ao próximo”. (SIC participante B).

“Meu coração tá transbordando”. (SIC participante A2). Falou que vê diferença quando chega no centro de Mesquita. Percebe quando entra em um ônibus e nota as pessoas receosas ou se afastando.

A participante A1 contou a experiência de quando trabalhou de caixa no mercado. Ela disse que os companheiros de trabalho discriminavam pessoas da comunidade quando entravam no mercado.

A próxima pergunta da equipe foi como as famílias se organizaram durante a pandemia. Abaixo algumas respostas dos participantes:

“Conseguimos ‘se’ organizar porque tiveram ajudas. Ajuda a manter a família com cesta básica, com ajuda para levar ao hospital. As famílias se organizaram enquanto comunidade”. (SIC participante B). A participante D concordou com essa afirmação.

¹³ Disponível em: <https://youtu.be/ZXTtCESS5bE>

A participante A1 reforçou a fala da participante B, dizendo que foi tudo em conjunto. Não só a família dela, mas junto com amigos e vizinhos. Ressaltou que até as pessoas que não eram muito chegadas cooperavam. O participante A2 ressaltou que as ajudas partiram de pessoas de religiões diferentes. “As pessoas receberam ajuda independente de religião, de crença” (SIC Participante A2). Lembrou da música do Zeca Pagodinho e ressaltou a importância do “ser humano” A participante A1 ressaltou também a relação entre religiões diferentes.. Quem ajudou foi quem se identificava e estava na mesma situação de vulnerabilidade. Todos dividindo o pouco que tinham. (DIÁRIO DE CAMPO)

Finalmente, foi perguntado aos participantes: “Depois de quatro encontros, vocês acham que têm algo pra levar pra comunidade?”

A Participante B respondeu: “Eu não sabia o que era vulnerabilidade. Agora eu sei o que é e já passo para os meus sobrinhos ter consciência da sua vulnerabilidade. É importante saber disso não para se vitimizar, mas para entender os nossos direitos. Posso passar esse conhecimento aos outros, agora”. (SIC Participante B)

Após os depoimentos dos participantes sobre a experiência do Grupo Focal, os pesquisadores também falaram do impacto que foi para cada um deles participarem deste processo de aprendizagem recíproca de inserção ecológica.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se ao final desta pesquisa que famílias carentes das mais básicas assistenciais do Poder Público, mas que encontraram nas relações intrafamiliares apoio nos diversos mesossistemas envolvidos em sua região. Com essa organização muito gregária e de partilha, os participantes desta pesquisa nos revelaram o quanto sua comunidade se organizou de forma solidária para enfrentar a pandemia de COVID-19. Foi percebido que, embora haja equipamentos municipais de apoio à população da região dos participantes da pesquisa, há pouco conhecimento destes equipamentos.

Ficou evidente que o maior apoio socioassistencial recebido pelas famílias pesquisadas veio da Associação Vida Plena de Mesquita (AVPM), ONG que acolheu nossos encontros e da qual as famílias participantes são usuárias de projetos sociais. Os participantes disseram que receberam desta ONG cestas básicas, álcool em gel e máscaras. Afirmaram também não terem recebido esse tipo de suporte do Poder Público. Afirmaram que, além da AVPM, outra fonte de apoio socioassistencial foram as Igrejas da região. De acordo com Rego (2018), as ONGs têm ocupado um papel cada vez mais relevante em áreas de vulnerabilidade social. Também falaram muito sobre a importância da própria comunidade onde moram, onde o contexto é de mutualidade e suporte, de forma intuitiva, se organizaram como um sistema de mutualidade, companheirismo e solidariedade.

Observou-se o quanto a violência doméstica e o relacionamento distante entre pais e filhos, inclusive com acentuada ausência paterna, é um fenômeno transgeracional. De acordo com Filomeno (2003), as famílias constroem mitos que atravessam gerações, influenciando decisões, escolhas de parceiros, carreiras profissionais e hábitos em geral, e assim, tornam-se regras que governam o sistema familiar de forma transgeracional.

O resultado do Estilo Parental revelou que as famílias pesquisadas apresentavam o Estilo Parental de Risco, ou ainda, Estilo Parental Negativo, onde há prevalência de práticas parentais negativas que superam as práticas parentais positivas na educação dos filhos. Falaram sobre o quanto os participantes tiveram suas infâncias marcadas por fatores de risco na infância que fragilizam o desenvolvimento de fatores de resiliência. O que certamente justifica a continuação do trabalho do LEVICA, o Projeto da AVPM em parceria com a UFRRJ que dá atendimento psicoterápico a crianças e adolescentes vítimas de violência e seus cuidadores.

A partir desta análise bioecológica, favorecida pela Inserção Ecológica, que produziu fortes e eficientes processos proximais entre pesquisadores e participantes, esta pesquisa

almeja ter cooperado para o ambiente de pesquisa. Esperamos que nosso trabalho sugira uma relação mais próxima e de maior interação entre a academia e as pessoas que estão em áreas de vulnerabilidade. Também temos a esperança de que esta pesquisa seja útil para o Poder Público no intuito que as autoridades responsáveis pela produção de políticas públicas para populações em áreas de vulnerabilidades sociais, ouça a voz deste povo. Principalmente durante fenômenos similares à catástrofe que foi a pandemia de COVID-19.

Finalmente, e não menos importante, acreditamos que a interação formada durante os encontros de grupo focal tenha afetado positivamente aos participantes, assim como nos afeta como pesquisadores, para que assim eles ousem arvorar uma bandeira por justiça social e menos iniquidade; que eles acreditem que têm voz e que sua voz precisa ser ouvida por aqueles que lhes roubam a vez.

Foi possível terminar essa pesquisa cônscio que a metodologia de Inserção Ecológica permitiu aos pesquisadores uma aproximação ao contexto investigado, além da influência aos participantes através dos diálogos sobre temáticas necessários ao desenvolvimento dos mesmos. Através de entrevistas, inventários e rodas de conversas no formato de grupos focais, esta equipe de pesquisa vivenciou uma autêntica inserção ecológica com a população dessa região de vulnerabilidade social. Cremos que, para além da pesquisa, foi deixado algum valor para as famílias e também fomos impactados, não somente vida acadêmica, mas por meio de um real encontro de mutualidade e vida.

Importante ressaltar a maior limitação deste trabalho: o número de famílias alcançadas. Dessa forma, enfatizamos a dificuldade em generalizar as informações levantadas e analisadas neste trabalho de pesquisa e indicamos que futuras investigações sobre esse escopo ampliem o número de famílias investigadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, JED, CAVENAGHI, S, BARROS, LFW, CARVALHO, A.A. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil, *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 29, n. 2, 2017, pp: 215-242

ANTÃO, Sandra Duarte. **Proposta de Intervenção Psicossocial para Crianças em Vulnerabilidade Social Focada em Habilidades Socioemocionais** - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI- 2020.

BALL, PHILIP; MAXMEN, AMY. THE EPIC BATTLE AGAINST CORONAVIRUS MISINFORMATION AND CONSPIRACY THEORIES. *NATURE*, NEW YORK, v. 581, n. 7809, p. 371-374, 2020. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://DOI.ORG/10.1038/D41586-020-01452-Z](https://doi.org/10.1038/d41586-020-01452-z)

BENINCA, L.A.;HERMÍNIO, S.M.;CAMILO, C.H. - **OS DIREITOS HUMANOS COMO ELEMENTOS DE CIDADANIA E DE ENFRENTAMENTO DA VULNERABILIDADE SOCIAL** - *Revista Humanidades e Inovação* v.6, n.7 - 2019

BRASIL, CONSTITUIÇÃO (1988). **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**. BRASÍLIA, DF: SENADO FEDERAL.

_____, Lei nº 8.742. **Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS)**. Brasília: DF, 7 de dezembro de 1993.

_____, (2004). Ministério de desenvolvimento social e combate à fome. Política Nacional de Assistência Social (PNAS) - Brasília, Secretaria Nacional de Assistência Social.

BRONFENBRENNER, BRONFENBRENNER, A ECOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO: EXPERIMENTOS NATURAIS E PLANEJADOS, ARTMED, SÃO PAULO, 2002.

BRUSEKE, F. J. **Risco e Contingência. Os paradigmas da modernidade e sua contestação**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1 ed. Florianópolis: Editora Insular, 2006, 69-80 pp.

CANÇADO TCL, SOUZA RS, CARDOSO CBS. **Trabalhando o Conceito de Vulnerabilidade Social**. XIX Encontro Nacional de Estudos Popacionais, ABEP, São Paulo, 2014.

CARTER, Betty e Monica McGoldrick, **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Verenose. Porto Alegre: Artmed, 2011 – 2^a edição.

CASTILHO, Vania Bastos Fonseca. **História, Fundamentos e Novas Tendências da Terapia Familiar Sistêmica**. Centro de Estudos da Família e Casal, Bahia, 2017.

CAYCHO-RODRÍGUEZ, Tomás et. al. What Is the Support for Conspiracy Beliefs About COVID-19 Vaccines in Latin America? A Prospective Exploratory Study in 13 Countries. *Frontiers Psychology*. 13:855713, 06 May 2022. Disponível em:
<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2022.855713/full>

CECCONELLO, Alessandra Marques e KOLLER, Sílvia Helena. **Inserção Ecológica na Comunidade: Uma Proposta Metodológica para o Estudo de Famílias em Situação de Risco** - Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003, 16(3), pp. 515-524

CECCONELLO, Alessandra Marques. **Resiliência e Vulnerabilidade em famílias em situação de risco.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Curso de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Jan. 2003.

CRUZ, Maria Helena Santana. **Empoderamento das mulheres.** Inc.Soc., Brasília, DF, v.11 n.2, p.101-114, jan./jun. 201

DA SILVEIRA, Simone de Biazzi Ávila Batista; GARCIA, Narjara Mendes; PIETRO, Angela Torma; YUNES, Maria Angela Mattar. **Inserção ecológica: metodologia para pesquisar risco e intervir com proteção - Psicologia da Educação**, São Paulo, 2º semestre de 2009, pp. 57-74

DEMENECH, L.M.; DUMITH, S.C.; VIEIRA, M.E.C.D.; SILVA, **Desigualdade econômica e risco de infecção e morte por COVID-19 no Brasil.** Rev. bras. epidemiol. 23 - 2020 <https://doi.org/10.1590/1980-549720200095>

DIAS, M. B. **Direito das Famílias.** Ed. 4. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2007.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade** – Editora Perspectiva – São Paulo, 1972

ESTÊVÃO, Amélia. Artigo de Opinião/COVID-19 - ACTA RADIOLÓGICA PORTUGUESA Janeiro-Abril 2020 Vol 32 nº1 5-6

FERNANDES, Tania Maria; PINHEIRO, Vanessa Alves. **Negação e Negacionismo no Brasil: vacinas antivariólica e anti-covid-19.** Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, v. 15, n. 29, p. 14 - 36, 31 dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/16496>

FILOMENO, Karina - **MITOS FAMILIARES E ESCOLHA PROFISSIONAL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO FOCADA NA ESCOLHA PROFISSIONAL À LUZ DE CONCEITOS DA TEORIA SISTÉMICA** - Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação da Profª. Draª. Dulce Helena Penna Soares e Co-orientação: Profª Drª Maria Aparecida Crepaldi. Florianópolis, junho de 2003.

FLECK, Ana Claudia; WAGNER, Adriana. **A MULHER COMO A PRINCIPAL PROVEDORA DO SUSTENTO ECONÔMICO FAMILIAR- Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, num. esp., p. 31-38, 2003

GIOVANELLA, L.; ESCOREL, S.; LOBATO, L.V.C.; DE NORONHA, J.C.; DE CARVALHO, A.I. – **Políticas e Sistema de Saúde no Brasil.** 2ª. Edição Amp. e Rev. – Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 2012

GODOY. **PESQUISA QUALITATIVA TIPOS FUNDAMENTAIS.** Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29 Mai./Jun. 1995

GOMES, Denise Mendes. **Mitos familiares: Memória e ocultação. Uma abordagem relacional sistêmica.** Taubaté: Cabral Editora Universitária. Taubaté, 2002

GOMID, P.I.C.G. **Inventário de Estilos Parentais – IEP. Modelo Teórico – Manual de aplicação, apuração e interpretação.** Editora Vozes, 3ª. Ed. Petrópolis, Rj. 2014 – 5ª. Impressão, 2021

GROISMAN, Moisés - **O Código da Família.** Rio de Janeiro, Ed. Núcleo Pesquisas.2006.

KOLLER, Silvia Helena; MORAIS, Normanda Araújo; PALUDO, Simone dos Santos. **Inserção Ecológica. Um método de estudo do desenvolvimento humano.** Editora Casa do Psicólogo, São Paulo, 2016

KASLOW, F. W. Families and Family Psychology at the Millenium. In *American Psychologist*, vol. 56, n. 1, p. 37-46, 2001.

LEÃO, Marluce Auxiliadora Borges Glaus; DESOUZA, Zilda Regina; DE CASTRO, Maria Aparecida Campos Diniz. **Desenvolvimento Humano e teoria bioecológica: ensaio sobre “O contador de histórias”**- Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 19, Número 2, Maio/Agosto de 2015: 341-348.

LOOMBA, Sahil et. al. Measuring the impact of COVID-19 vaccine misinformation on vaccination intent in the UK and USA. *Nature Human Behaviour* 5, 337–348, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41562-021-01056-1>

MACHADO, Ana Paula de Oliveira. **Resiliência: Conceituação e discussão.** <https://www.ufjf.br/virtu/files/2011/09>

MACHADO, Dayane; GITAHY, Leda. Verbete: Desinformação (Combate à). In: SZWAKO, José e RATTON, José Luiz (organizadores). Dicionário dos negacionismos no Brasil. Editora Cepe, 2022. Kindle edition.

MEDEIROS, Ilana Pinheiro da Costa. **Violência Intrafamiliar: Um estudo pela perspectiva dos profissionais da Rede socioprotetiva de Mesquita / RJ** - Universidade Federal Rural do Rio De Janeiro – UFRRJ - Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - Instituto de Educação - Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPSI

MELLO, G.N. **Políticas públicas de educação** - Artigos - Estud. av. 5 (13) - Dez 1991 - <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000300002>

MENDES, K.; SILVEIRA, R.; GALVAO, C. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. In *Texto contexto - enferm.* Vol. 17, n. 4, p. 758-764, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 10/11/2021

NARVAZ, M.G.- **A TRANSMISSÃO TRANSGERACIONAL DA VIOLÊNCIA** - www.researchgate.net/profile/Martha-Narvaz/publication/344081277 - 2001

NAZÁRIO, Patrick Felipe; PERES, Lívia Willemann; KREBS, Ruy Jornada. A influência do contexto no comportamento motor. Uma revisão. EFDeports.com, Revista Digital, Buenos Aires, 2011. www.efdeportes.com

OLIVEIRA, E. A, Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravanello, T. & Rossato, C. (2002). **Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização.** Psicologia Reflexão e Crítica, 15, 1-11. RIO DE JANEIRO, 2004

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19.** Departamento de Evidência e Inteligência para Ação em Saúde, documento OPAS/IMS/EIH/COVID-19/20-0006, de 30 de abril de 2020. OPAS, 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054> Acesso em: 02 dez. 2022.

PINHEIRO, Igor Reszka; CREPALDI, Maria Aparecida; CRUZ, Roberto Moraes - **Entendeu ou quer que eu desenhe? Transições familiares através da visão sistêmica** - Fractal: Revista de Psicologia, v. 24 – n. 1, p. 175-192, Jan./Abr. 2012.

PRATI, Laíssa Eschiletti; COUTO, Maria Clara P. de Paula; MIURA, Andreína; POLETTI, Michele e KOLLER, Silvia H. **Revisando a Inserção Ecológica: Uma Proposta de Sistematização** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2009

REGO, S.I.R.A. - **O papel das Organizações Não-Governamentais em situação de desastre: o caso da Organização Mundial do Movimento Escutista** - <https://hdl.handle.net/1822/50968> - 2018

SALVO, Caroline Guisantes De; SILVARES, Edwiges Ferreira de Matos e TONI, Plinio Marco de. **Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social**. Estudos de Psicologia I Campinas I 22(2) I 187-195 I abril - junho 2005

SANTOS, Maria Santana Silva. **REFLEXOS DAS POLÍTICAS SOCIAIS: O CASO DE UMA ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL (ONG)** – Revista Alteridade, V.2 N.1 (2016)

TORINHO, F.S.V.; RAIMOINDI, G.A. - **Ensino na Saúde em Tempos de Covid-19: Acesso, Iniquidades e Vulnerabilidade** - EDITORIAL - Rev. bras. educ. med. 44 (Suppl 01) • 2020

SCHUMANN, LÍVIA REJANE MIGUEL AMARAL. A multidimensionalidade da construção teórica da vulnerabilidade: análise histórico-conceitual e uma proposta de índice sintético.

SILVA, P.H.; SILVA, C.V.M. - **SAÚDE PÚBLICA E QUESTÕES RACIAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM OLHAR À LUZ DA NECROPOLÍTICA** - Anais do II Congresso Internacional da Rede Ibero-Americana de Pesquisa em Seguridade Social, n. 2, p.198-211, outubro/2020.

SILVEIRA, Jade Magalhães Ferreira Bruno da. **A matricialidade sociofamiliar na política de assistência social, com foco no PAIF**. Trabalho de Conclusão de Curso, Escola de Serviço Social, UFRJ. Rio de Janeiro, 2016.

SILVEIRA, Simone de Biazzi Ávila Batista; GARCIA, Narjara Mendes; PIETRO, Angela Torma; YUNES, Maria Angela Mattar. **Inserção ecológica: metodologia para pesquisar risco e intervir com proteção**. Psic. da Ed., São Paulo, 29, 2º sem. de 2009, pp. 57-74

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

SOUZA, Larissa Barros; PANÚNCIO-PINTO, Maria Paula; FIORATI, Regina Célia. **Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação**. Departamento de Ciências da Saúde, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. São Paulo. Fev.2019

SOUZA, A. B. L. S.; BELEZA, M. C. M.; ANDRADE, R. F. C. **Novos arranjos familiares e os desafios ao direito de família: uma leitura a partir do Tribunal de Justiça do Amazonas**. In *Revista eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*. Vol. 5, p. 105-119, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/577>>. Acesso em abril de 2019.

SOUZA, A. R. de. (2019). **Pluralidade cristã e algumas questões do cenário religioso brasileiro**. *Revista USP*, (120), 13-22. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i120p13-22>

SOUZA, S. M. G. e RIZZINI, I. (Coords.). Desenhos de famílias. Criando filhos: a família goianiense e os elos parentais. Goiânia: Cânone, 2001.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS E MULTIDISCIPLINARES. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, SOCIEDADE E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL. Brasília, 2014

WEBER, Lidia Natalia Dobriansky; PRADO, Paulo Müller; VIEZZER, Ana Paula; BRANDENBURG, Olivia Justen. **Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos.** Universidade Federal do Paraná. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2004, 17(3), pp. 323-331

WERNECK, Guilherme Loureiro e CARVALHO, Marília Sá. **A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada** - Cad. Saúde Pública 2020; 36(5):e00068820 - doi: 10.1590/0102-311X00068820.

VOGEL, Andreia. **Um breve histórico da Terapia Familiar Sistêmica.** Revista IGT na Rede, V. 8 Nº. 14, 2011 Página 116 de 129 Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs/> ISSN 1807-2526.

YUNES, Maria Ângela Mattar e JULIANO, Maria Cristina. **A Bioecologia do Desenvolvimento Humano e suas Interfaces com Educação Ambiental** - Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [37]: 347 - 379, setembro/dezembro 2010

ZAROCOSTAS, J. **How to fight an infodemic.** The Lancet, 395(10225):676, 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30461-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30461-X) Acesso em: 02 dez. 2022.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SÓCIOBIODEMOGRÁFICO



QUESTIONÁRIO SÓCIOBIODEMOGRÁFICO

Data da Aplicação: ____ / ____ / ____ Local: _____

Nome _____

Aplicado por: _____

1. Idade:

- Menos que 18
- 18 anos a 24 anos
- 25 anos a 34 anos
- 35 anos a 44 anos
- 45 anos a 54 anos
- Mais de 54

2. Gênero:

- Mulher cisgênera¹⁴
- Homem cisgênero¹
- Mulher transexual/transgênera¹⁵
- Homem transexual/transgênero²
- Não binário¹⁶
- Outro, especifique qual _____
- Prefiro não me classificar
- Prefiro não responder

3. Escolaridade:

¹⁴Que se identifica com o sexo que lhe foi designado ao nascer.

¹⁵Possui outra identidade de gênero, diferente da que lhe foi designada ao nascer.

¹⁶Não definem sua identidade dentro do sistema binário homem mulher.

- Sem Escolaridade/ Nunca frequentei a Escola
- Ensino Fundamental (1º Grau) Incompleto
- Ensino Fundamental (1º Grau) Completo
- Ensino Médio (2º Grau) Incompleto
- Ensino Médio (2º Grau) Completo
- Superior Incompleto
- Superior Completo
- Pós-graduação/ Mestrado/ Doutorado
- Não Sei Informar

4. Naturalidade:

- Rio de Janeiro, RJ
- Cidade do interior do Estado RJ, qual? _____
- Cidade de outro Estado/País, qual? _____

5. Estado civil:

- Solteiro (a)
- Casado (a) / mora com um (a) companheiro (a)
- Separado (a) / divorciado (a)
- Viúvo (a)
- União estável

6. Você se considera:

- Branco(a)
- Negro(a)
- Indígena
- Pardo(a)
- Amarelo(a)

7. Religião:

- Cristão
 - € Católico

€ Protestante/Evangélico

- Judeu
- Testemunha de Jeová
- Espírita Kardecista
- Religiões de matriz africana
- Muçulmano
- Eu não sou religioso(a)
- Ateu
- Prefiro não responder
- Outras

8. Profissão:

- Desempregado(a)
- Empregado(a)/assalariado(a)
- Profissional liberal/ Autônomo (a)
- Estudante
- Aposentado(a)
- Outra situação

9. Quantas pessoas moram em sua casa (incluindo você)?

- Duas pessoas
- Três pessoas
- Quatro pessoas
- Cinco pessoas.
- Seis pessoas
- Mais de 6 pessoas
- Moro sozinho

10. Qual a renda mensal total da sua família? (considere a renda de todos os integrantes da família que moram na mesma residência, incluindo você)

- Nenhuma
- 01 salário mínimo

- Até 02 salários mínimos
- De 03 até 05 salários mínimos
- De 05 até 08 salários mínimos
- Superior a 08 salários mínimos

11. Quem é o principal provedor financeiro da família:

- Você mesmo
- Cônjuge / companheiro (a)
- Pai
- Mãe
- Outra pessoa, quem? _____

12. Sua casa tem água encanada?

- Sim
- Não

13. Sua rua tem saneamento básico?

- Sim
- Não

14. Você ou algum familiar é acompanhado por algum Centro de Referência do Município?

- Não
- CRAS
- CREAS
- CAPS

15. Você ou algum membro da sua família recebe algum benefício da Assistência Social?

- Não
- Programa Bolsa Família/Auxílio Brasil
- Tarifa Social de Energia Elétrica

- Programa Minha Casa Minha Vida
- Beneficio de Prestação Continuada – BPC/LOAS
- Bolsa Estiagem
- Outros, especificar _____

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Assinado pelo Técnico)

- 1)** Você está sendo convidado para participar, como voluntário (a) da pesquisa: “**ANÁLISE DE FAMÍLIAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**”. Esta pesquisa está sob responsabilidade do psicólogo Francisco Syl Farney da Silva (CRP: 05/50039), aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).
- 2)** A pesquisa tem o objetivo de analisar as famílias em áreas de vulnerabilidade social na cidade de Mesquita/RJ durante a pandemia de COVID-19. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é a necessidade de compreendermos como essas famílias enfrentaram esse terrível fenômeno da pandemia.
- 3)** Você foi selecionado por ser morador do Município de Mesquita (RJ) e ser usuário da Associação Vida Plena de Mesquita. A sua participação não é obrigatória. A sua participação consistirá em responder a uma entrevista sobre qual sua percepção sobre a pandemia de COVID-19. A entrevista ocorrerá numa sala na instituição, com duração de cerca de 2 horas, no horário a ser combinado com o (a) responsável pela instituição, sem prejudicar as demais atividades.
- 4)** É possível que a sua participação na pesquisa gere algum desconforto já que alguns dos assuntos que serão tratados são pessoais e íntimos. Porém, como benefícios da sua participação, informamos que com os dados da pesquisa teremos um melhor entendimento de como esta pandemia afetou você, sua família e a sociedade a sua volta. Além disso, esta pesquisa fornecerá informações importantes para possíveis futuras intervenções do Poder Público no desenvolvimento de Políticas Públicas junto a famílias em áreas de vulnerabilidade social e, assim, os participantes estarão ajudando outros no futuro.

- 5) Considerando a possibilidade dos riscos apontados anteriormente, tomaremos os seguintes cuidados para sua minimização: (1) antes do início das atividades de pesquisa, o pesquisador retomará com os participantes os objetivos, a participação voluntária e a garantia de sigilo das informações. Além disso, o pesquisador informará aos(as) participantes que eles têm total liberdade de não responder a alguma pergunta ; (2) o pesquisador fornecerá qualquer esclarecimento ou responder qualquer dúvida relativa às atividades propostas; (3) ao término das atividades de pesquisa, o pesquisador informará que se alguém sentiu algum tipo de desconforto, poderá procurar o pesquisador que conversará com o (a) participante de modo a acolher a sua demanda e o mesmo entregará ao coordenar da instituição uma lista dos atendimentos psicológicos, contendo telefone e endereço, oferecidos pelo serviço de saúde pública.
- 6) Você pode a qualquer momento fazer qualquer pergunta sobre a maneira como é o estudo, antes, durante ou depois de cada etapa realizada. Você tem liberdade de recusar sua participação e de retirar seu consentimento a qualquer momento, caso alguma coisa lhe desgrade, sem qualquer problema para você. A sua recusa em participar da pesquisa não trará nenhum prejuízo para você e em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.
- 7) Todas as informações obtidas pela pesquisa serão confidenciais de forma a assegurar o sigilo de sua participação. Eventualmente os dados obtidos serão divulgados em eventos e revistas científicas, mas não será publicado o nome ou qualquer dado que sugira a sua identificação. A sua participação será voluntária e não terá qualquer despesa financeira para participar desta pesquisa. Você não receberá nenhum tipo de ressarcimento financeiro ou ajuda de custo por parte da pesquisadora em virtude de sua participação.
- 8) Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o estudo e a sua participação, agora ou a qualquer momento. Eu, pesquisador, estou compromissada com o Código de Ética Profissional do Psicólogo e com a Resolução CNS 466/12 sobre Pesquisas com seres humanos, assegurando total sigilo quanto aos dados obtidos durante a pesquisa. A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética da UFRRJ. Endereço: BR 465, Km 7, Campus Universitário Seropédica, RJ Rio de Janeiro. CEP: 23.890-000 Tel.: (21).

Francisco Syl Farney da Silva - CRP: 05/50039
Endereço: da rural; e-mail:sylfarneypsi@gmail.com

Eu, _____,

abaixo assinada, estou ciente de que farei parte de uma amostra de pesquisa que está sendo realizada nesta instituição. Declaro estar ciente: (a) do objetivo da pesquisa, risco e benefícios; (b) da segurança de que não seremos identificados e de que será mantido caráter confidencial das informações relacionadas com a privacidade minha; (c) de que poderei solicitar qualquer informação ou tirar qualquer dúvida sobre a pesquisa e em qualquer momento que julgar necessário; (d) de que terei a liberdade de recusar a participar da pesquisa.

Mesquita, RJ, _____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do participante voluntário

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UFRRJ. E-mail: comissaodeetica@ufrj.br. -

Rubrica do participante

Rubrica do profissional

APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO



(Anuênciia do participante da pesquisa, adolescente)

- 1)** Você está sendo convidado(a), como voluntário(a) a participar da pesquisa: “**ANÁLISE DE FAMÍLIAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**”.
- 2)** Nesta pesquisa pretendemos analisar a percepção da pandemia de COVID-19 de famílias moradoras do Bairro de Rocha Sobrinho e adjacências, vivendo em vulnerabilidade social. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é dar voz a essa população, influenciando assim o desenvolvimento de fatores importantes como noção de história de vida, territorialidade, autonomia e perspectivas futuras.
- 3)** Você será entrevistado (a) individualmente, na própria instituição, lembrando que não é uma atividade de prova ou teste, por isso não existem comportamentos e falas certas ou erradas. Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá ter autorizado e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.
- 4)** Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em riscos mínimos, como por exemplo, sentir algum desconforto ao falar algo de cunho pessoal. Como benefícios, a pesquisa contribuirá para futuros Programas de assistência a populações que vivem em áreas de vulnerabilidades sociais, diante de fenômenos

similares à pandemia de COVID-19. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizado o estudo. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você.

- 5) Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. O pesquisador tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu,

_____, declaro que fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do adolescente

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UFRRJ: Rua Rodovia BR 465, Km 07, s/n Zona Rural, Seropédica - RJ, 23890-000.- Rio de Janeiro, RJ, e-mail: Rodovia BR 465, Km 07, s/n Zona Rural, Seropédica - RJ, 23890-000.

Telefone: (021) 96469-4972 –*Francisco Syl Farney da Silva*; E-mail:
sylfarneypsi@gmail.com

APÊNDICE D- TERMO DE ANUÊNCIA



Carta de Anuênciia

Prezada Sr. Fernando Santos,

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa sob o tema **“ANÁLISE BIOECOLÓGICA DE FAMÍLIAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19”**, a ser realizada na Associação Vida Plena de Mesquita (AVPM), na cidade de Mesquita-RJ, pelo mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGSI *Francisco Syl Farney da Silva*, sob orientação do Prof. Dr. Ana Claudia de Azevedo Peixoto. O referido projeto tem por objetivo elaborar uma pesquisa bioecológica focada em inserção ecológica junto a famílias que estão em vulnerabilidade social.

Para atingir este objetivo as famílias serão analisadas através de instrumentos contendo questões que permitirão compreensão do seu funcionamento durante a pandemia de COVID-19. As famílias responderão a um questionário bio-sócio-demográfico composto por doze questões, para auxiliar na obtenção de dados sobre a realidade de cada família.

Será realizada uma entrevista semiestruturada, composta por vinte questões, para que possamos analisar os desafios enfrentados neste período em meio à vulnerabilidade social. Será apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no qual serão explicados os objetivos da pesquisa, bem como serão informados dos possíveis riscos: os informantes sentirem algum desconforto ao responder as perguntas relacionadas com o histórico das famílias, comportamentos e relacionamentos interpessoais. Esta etapa ocorrerá no espaço da AVPM, para facilitar acesso às famílias, segundo horário de funcionamento realizado pela instituição. Os adolescentes participantes e seus responsáveis assinarão ao Termos de Assentimento.

Será informado aos participantes que a qualquer momento o mesmo poderá desistir da pesquisa sem prejuízo maior, sendo apenas informado de que não alcançará os possíveis

benefícios que poderiam ser atingidos ao finalizar o processo. Caso haja alguma despesa relacionada ao deslocamento, o pesquisador se compromete fazer o ressarcimento dos valores utilizados. Garantimos aos participantes a oportunidade de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa. Não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação. No caso do não cumprimento dos itens acima, a instituição terá a liberdade de retirar a anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma. Ressaltamos que os dados coletados serão tratados de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12 que versa sobre a Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o estudo e a sua participação, agora ou a qualquer momento.

Realizaremos também seis encontros no formato de Grupo Focal para discutirmos assuntos diretamente ligados ao tema da Pesquisa. Esta etapa também ocorrerá no espaço da AVPM, para facilitar acesso às famílias, segundo horário de funcionamento realizado pela instituição.

Eu, pesquisador, estou compromissado com o Código de Ética Profissional do Psicólogo e com a Resolução CNS 466/12 sobre Pesquisas com seres humanos, assegurando total sigilo quanto aos dados obtidos durante a pesquisa. A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética da UFRRJ. Endereço: BR 465, Km 7, Campus Universitário Seropédica, RJ Rio de Janeiro. CEP: 23.890-000. Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Diretoria, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Ana Cláudia Peixoto – SIAPE: 1808252
(Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRRJ).
Tel.: 21999417759. E-mail: claudiaapeixoto@gmail.com

Francisco Syl Farney da Silva
Tel (24) 96469-4972 Email: sylfarneypsi@gmail.com
Seropédica, de 2022.

Concordamos com a solicitação

Não concordamos com a solicitação

Fernando Santos

APÊNDICE E – ENTREVISTA SEMAS



ENTREVISTA SEMAS

1. Qual a sua percepção, enquanto gestor, da execução da política de assistência social no município de Mesquita de uma maneira geral? Quais os principais desafios e conquistas que você observa?
2. Em relação às famílias e indivíduos usuários da política de assistência social no município, quais as principais características e demandas?
3. Em relação à política de assistência social em um contexto pandêmico, como você avalia a atuação do município de Mesquita?
4. Houve alguma mudança nas principais demandas dos usuários neste contexto?
5. É possível destacar um bairro ou região que tenha sido mais afetado pelos impactos sociais da pandemia?
6. Todas as secretarias responsáveis por coordenar e executar a política de assistência social nos municípios possuem um plano de ação. Com a situação pandêmica enfrentada a partir de março de 2020, esses órgãos criaram uma espécie de plano de emergência para dar conta dessa situação específica. Mesquita possui um plano nesse sentido? Onde ele pode ser acessado pela população?
7. Fale um pouco sobre as principais características desse plano. Os principais desafios, o que foi possível alcançar. Um breve balanço da política de assistência social em Mesquita em um contexto pandêmico.
8. Como a rede socioassistencial atuou neste contexto? Houve interface entre os equipamentos socioassistenciais da prefeitura com as organizações do terceiro setor?

APÊNDICE F - QUADRO DE CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

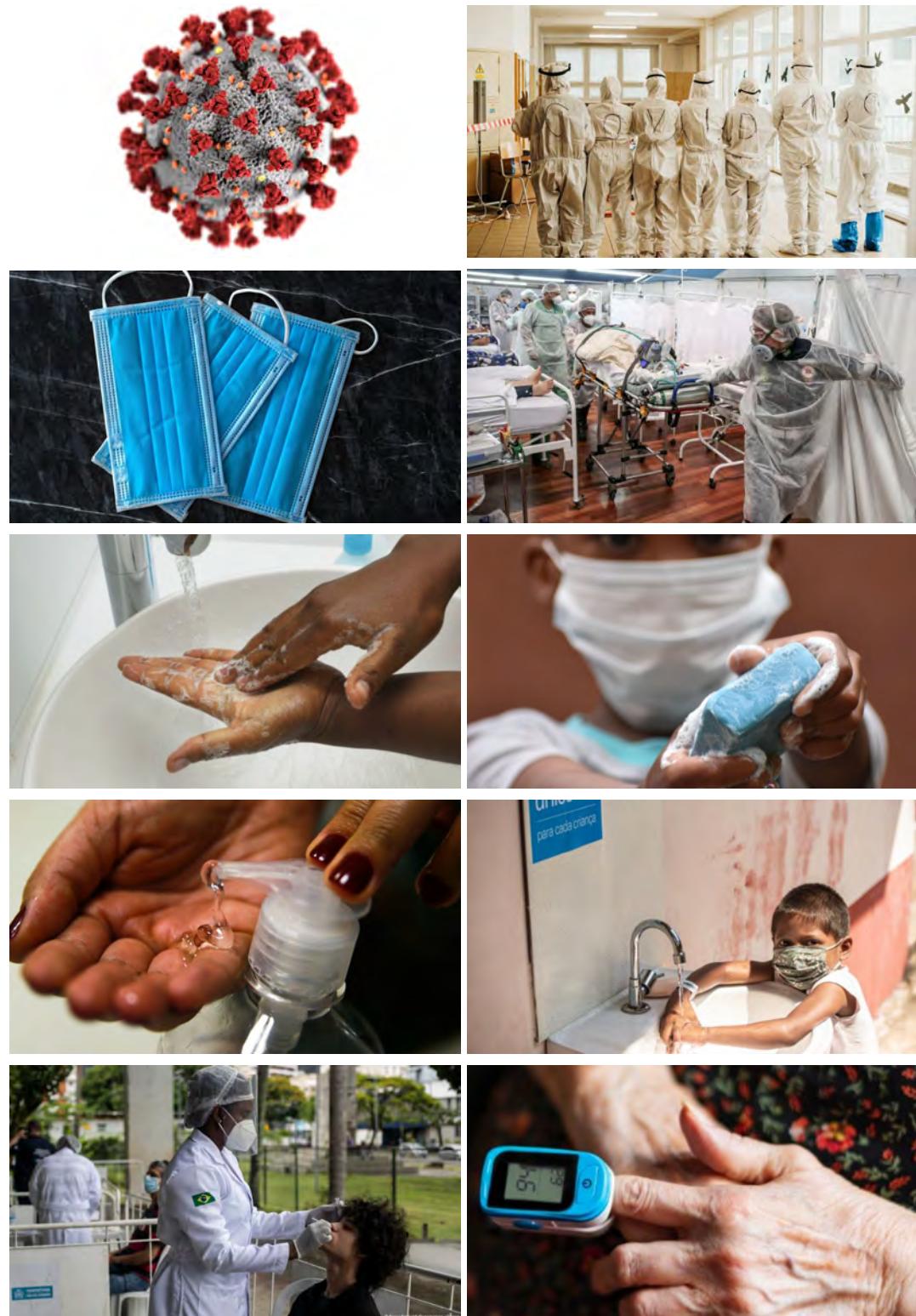
NOME FICTÍCIO	A1	A2	B	C	D
IDADE	25 a 34	35 a 44	25 a 34	35 a 44	35 a 44
GÊNERO	Mulher cisgênera	Homem cisgênero	Mulher Cis-gênera	Homem Cisgênero	Mulher Cisgênera
ESCOLARIDADE	Ensino Médio completo	Ensino Médio incompleto	Ensino Fundamental incompleto	Nunca frequentou escola	Ensino Médio incompleto
NATURALIDADE	Mesquita - RJ	Belém - PA	Nova Iguaçu - RJ	Nova Cruz - RN	Nilópolis - RJ
ESTADO CIVIL	Casada	Casado	Mora com um companheiro	Casado	Casada
RAÇA	Negra	Indígena	Parda	Branca	Negra
RELIGIÃO	Evangélica	Evangélico	Evangélica	Não é religioso	Evangélica
PROFISSÃO	Desempregada	Assalariado	Autônoma	Indefinida	Autônoma
QUANTAS PESSOAS MORAM EM SUA CASA (INCLUINDO VOCÊ)?	Mais de 6	Mais de 6	3 pessoas	3 pessoas	4 pessoas
QUAL A RENDA MENSAL TOTAL DA SUA FAMÍLIA?	03 a 05 Salários Mínimos	03 a 05 salários mínimos	Até do 2 salários mínimos	1 salário mínimo	1 salário mínimo

QUEM É O PRINCIPAL PROVEDOR FINANCIERO DA FAMÍLIA?	Cônjugue	Ele mesmo	Cônjugue	Cônjugue	Ela mesma
SUA CASA TEM ÁGUA ENCANADA?	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
SUA RUA TEM SANEAMENTO BÁSICO?	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
VOCÊ OU ALGUM FAMILIAR É ACOMPANHADO POR ALGUM CENTRO DE REFERÊNCIA DO MUNICÍPIO?	Não	Não	Não	Não	Não
VOCÊ OU ALGUM MEMBRO DA SUA FAMÍLIA RECEBE ALGUM BENEFÍCIO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL?	Não	Não	Sim. LOAS.	Não	Sim. LOAS

Fonte: O autor (2022).

APÊNDICE G - MATERIAL UTILIZADO NO PRIMEIRO ENCONTRO DO GRUPO FOCAL: A PANDEMIA DE COVID-19

1 - Imagens relacionadas à pandemia de COVID-19:







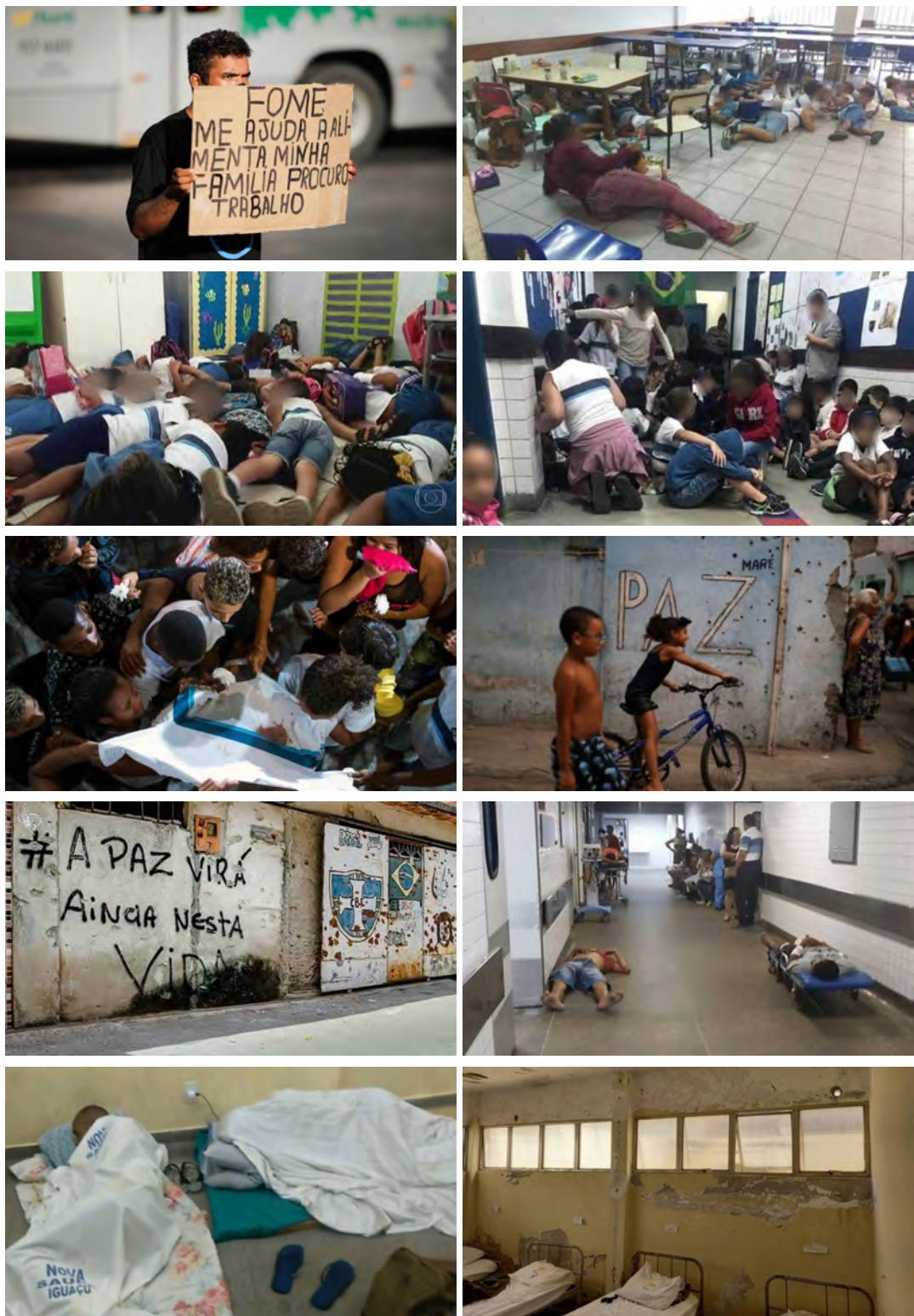
Observação: Imagens de domínio público disponíveis na Internet.

**APÊNDICE H - MATERIAL UTILIZADO NO SEGUNDO ENCONTRO DO GRUPO
FOCAL: CONFIGURAÇÃO FAMILIAR COM ESTILOS PARENTAIS E
VULNERABILIDADE**

1 - Imagens relacionadas à vulnerabilidade social:



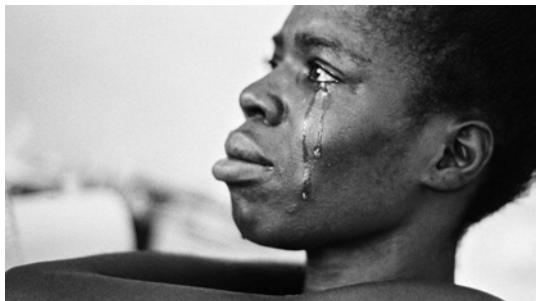


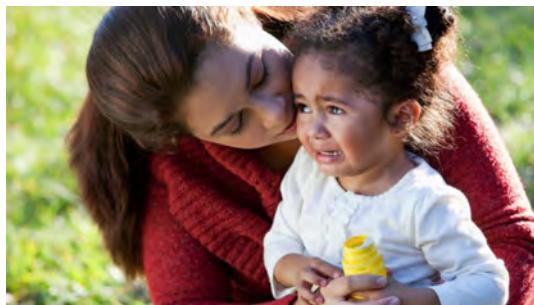


Observação: Imagens de domínio público disponíveis na Internet.

APÊNDICE I - MATERIAL UTILIZADO NO TERCEIRO ENCONTRO DO GRUPO FOCAL: RESILIÊNCIA

1 - Imagens que apontem para resiliência:







Observação: Imagens de domínio público disponíveis na Internet.